

Foto: James de Paula

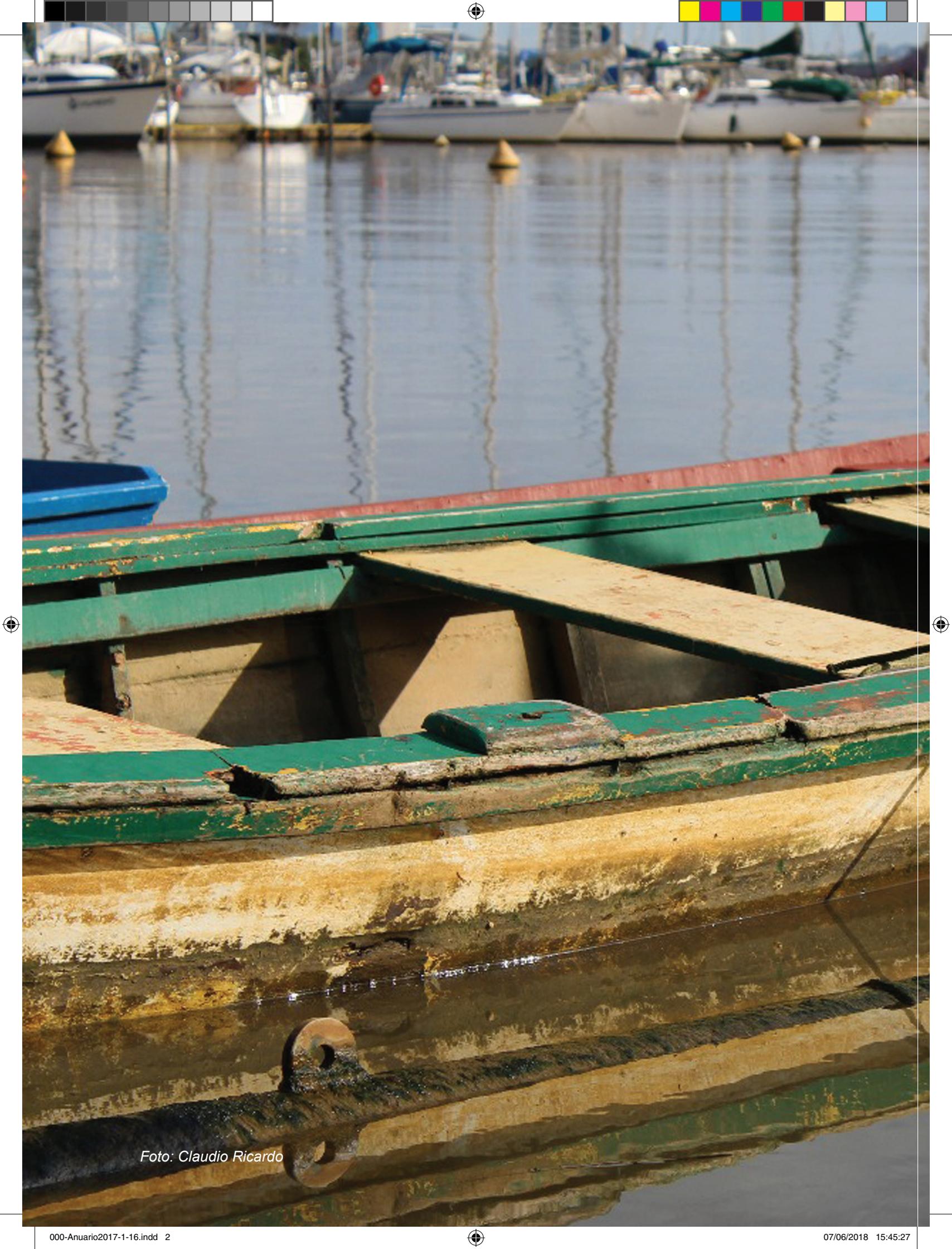


Foto: Claudio Ricardo



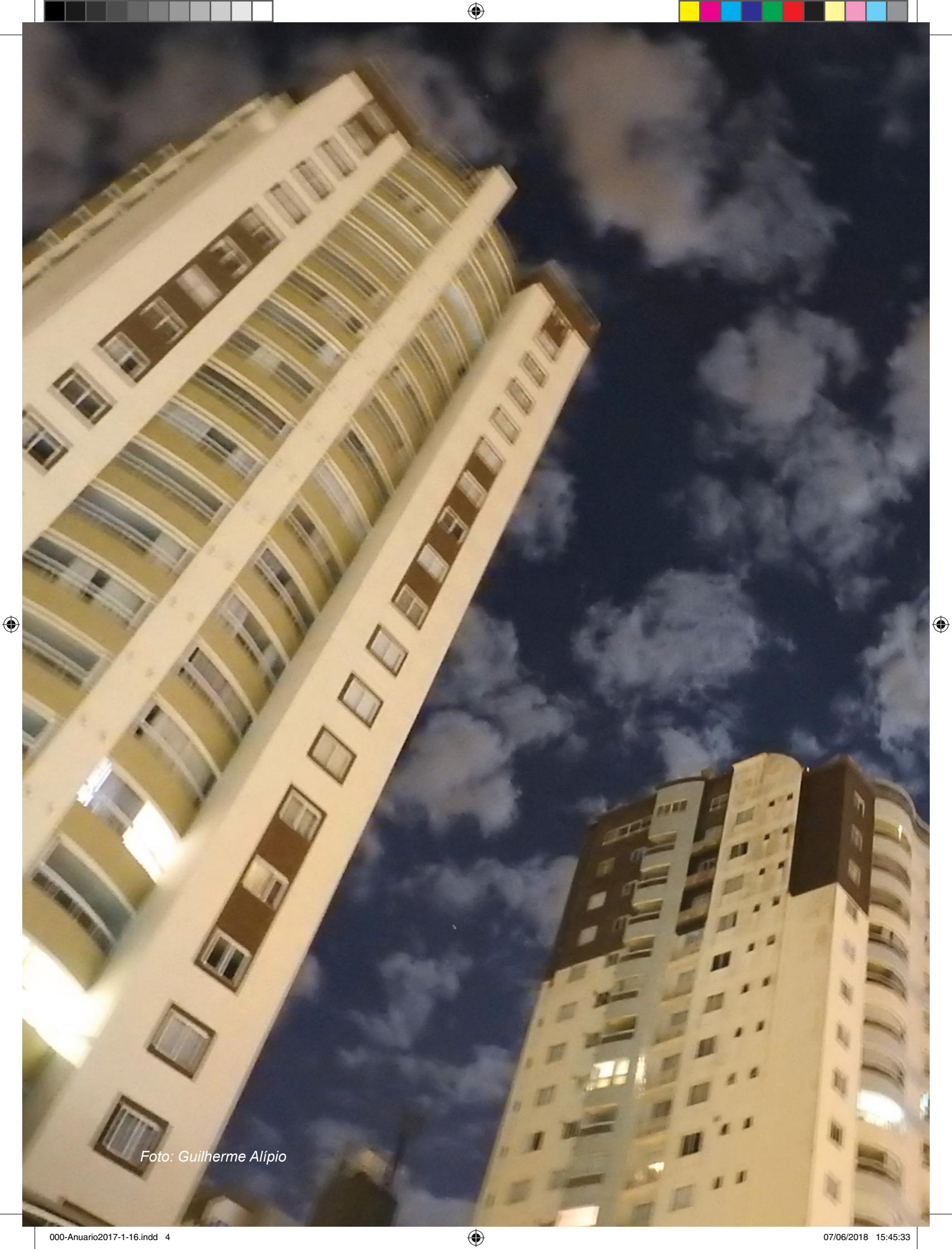


Foto: Guilherme Alípio

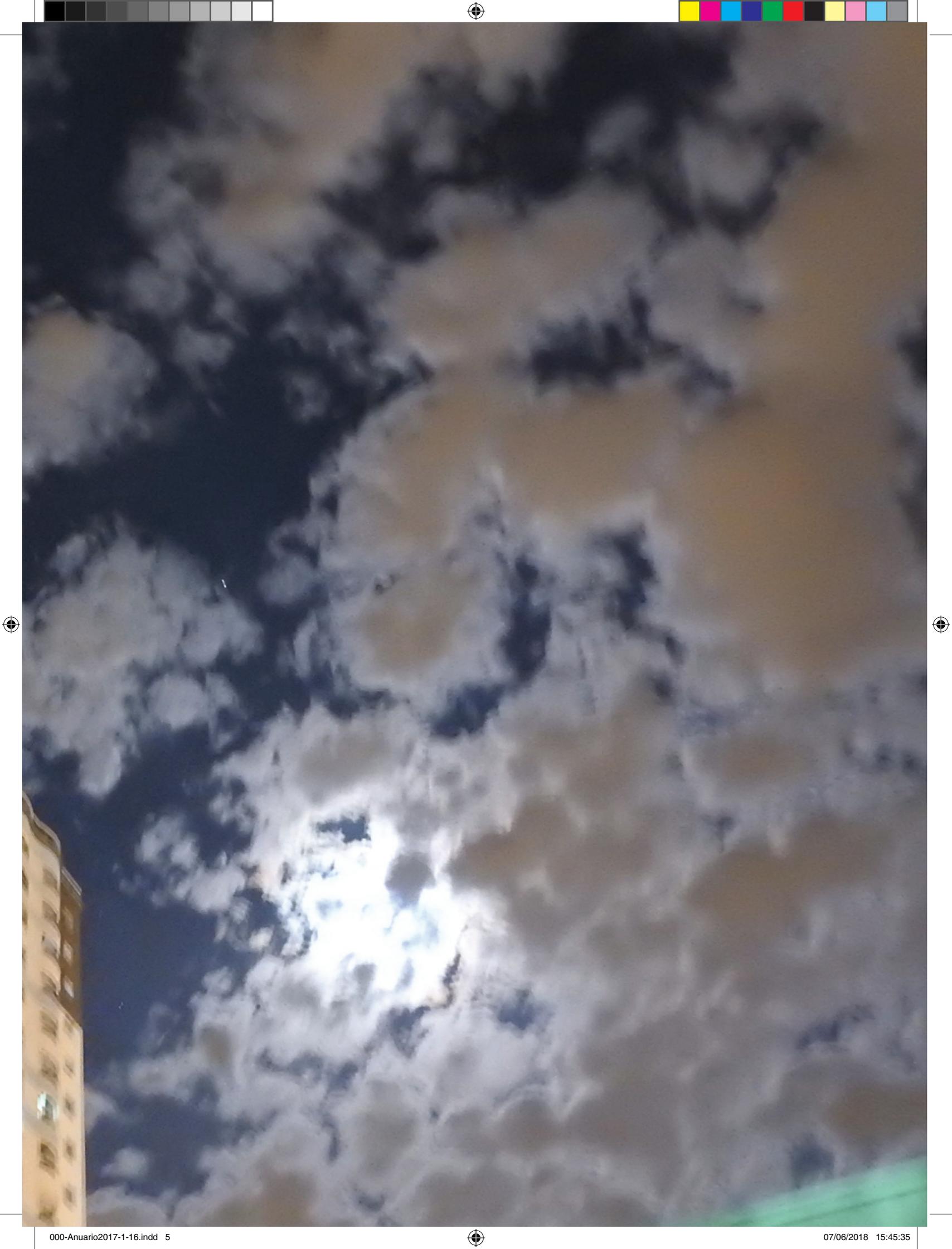


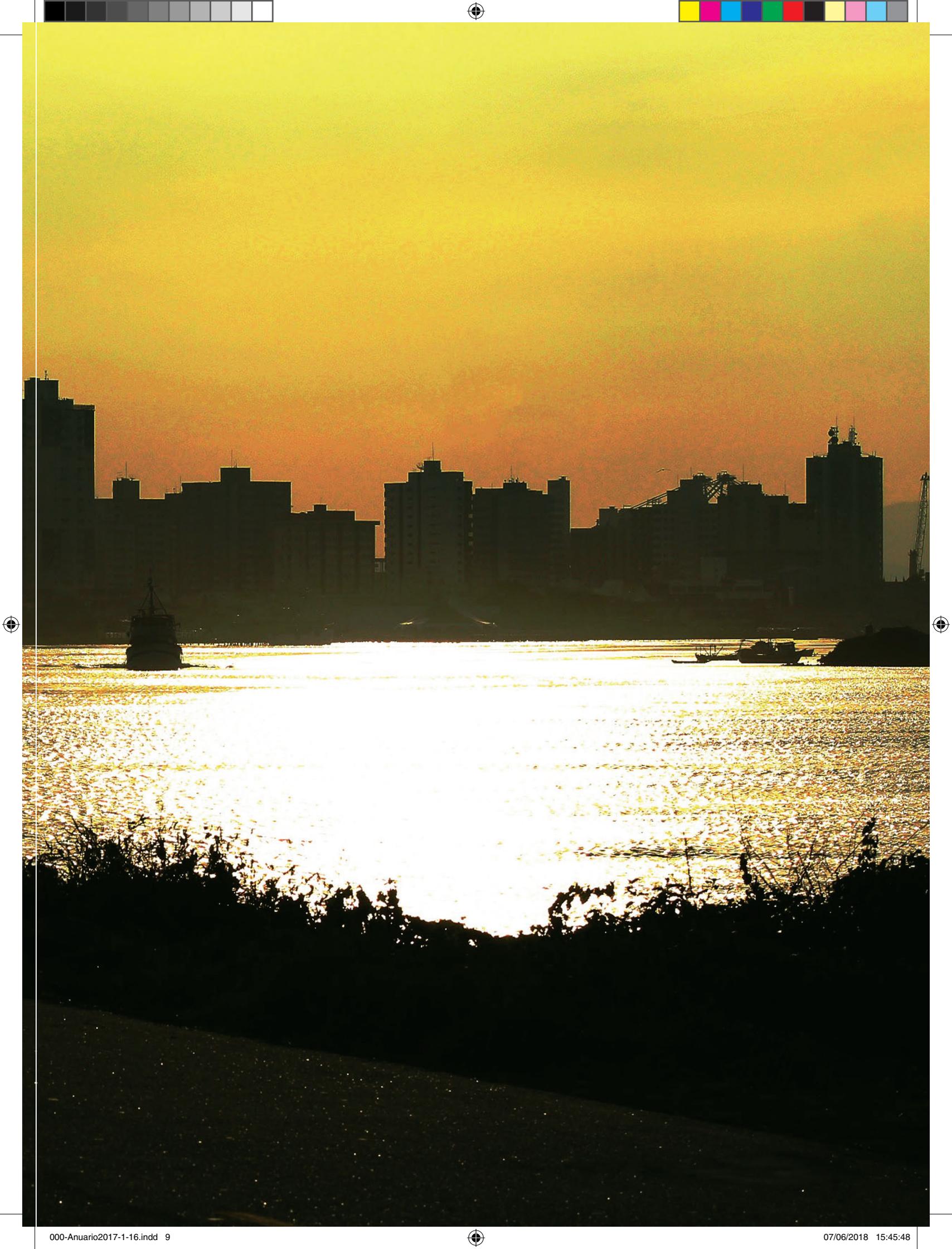


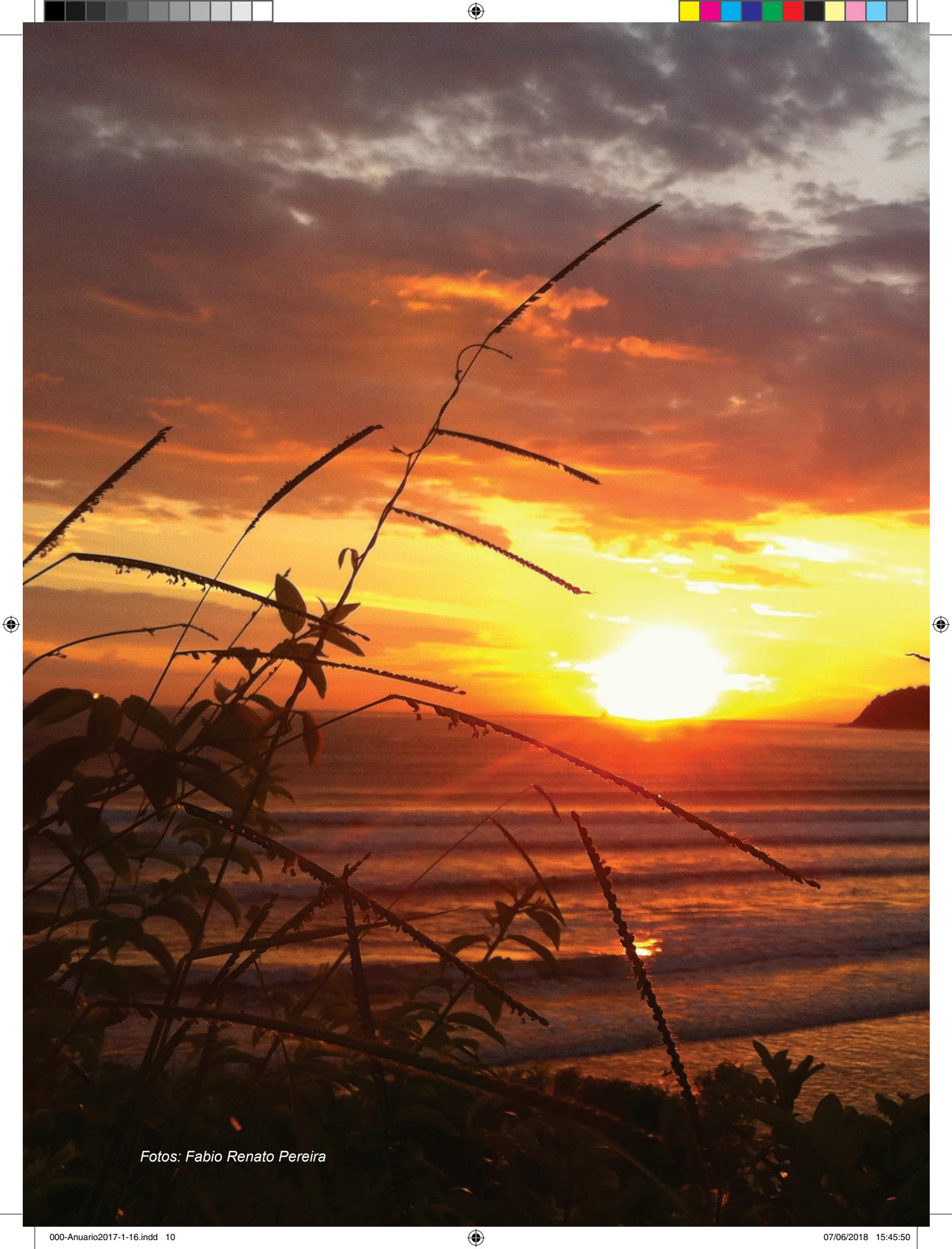
Foto: João Paulo Kowalsky





Foto: Paulo Cezar Mendes da Silva



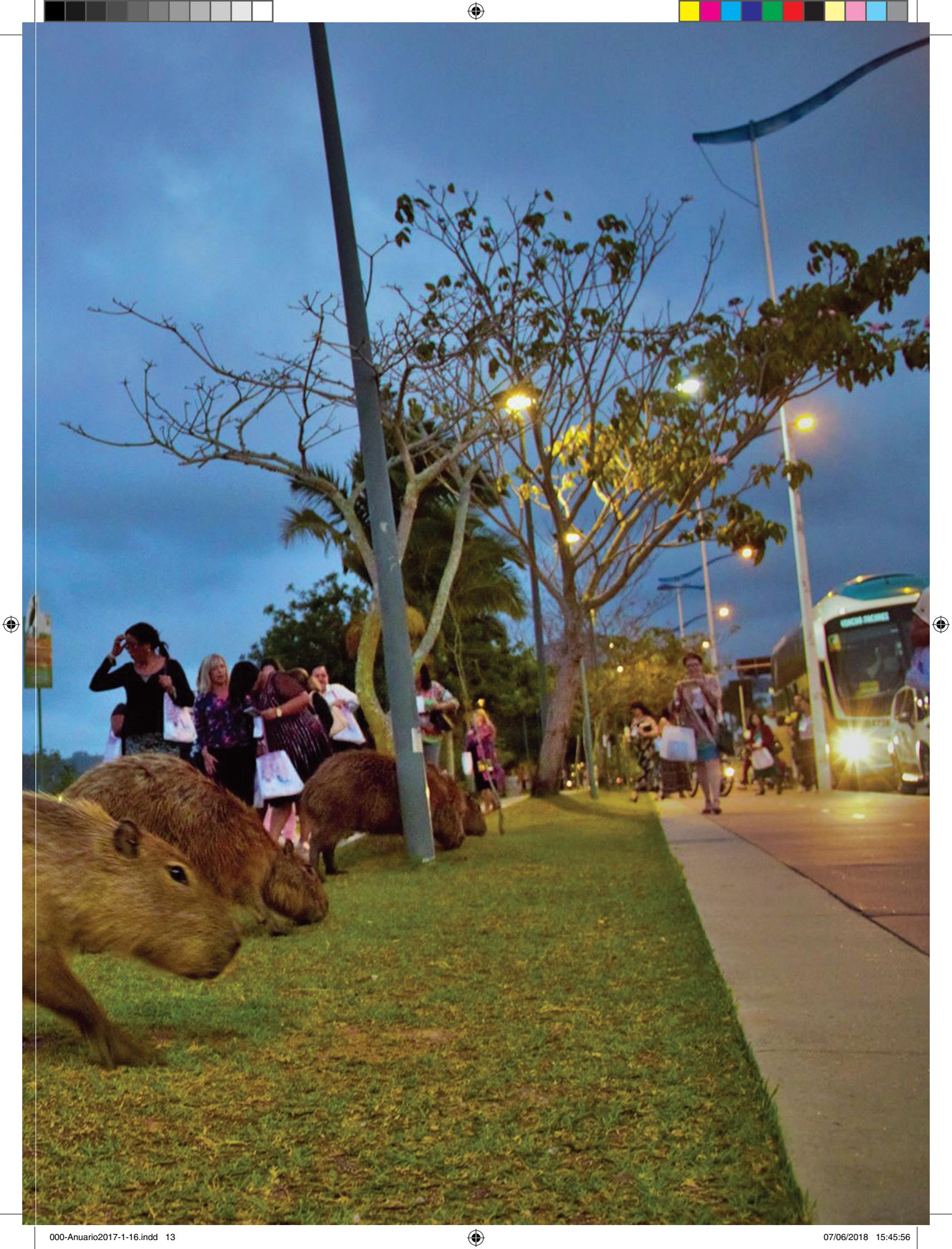


Fotos: Fabio Renato Pereira





Foto: James de Paula



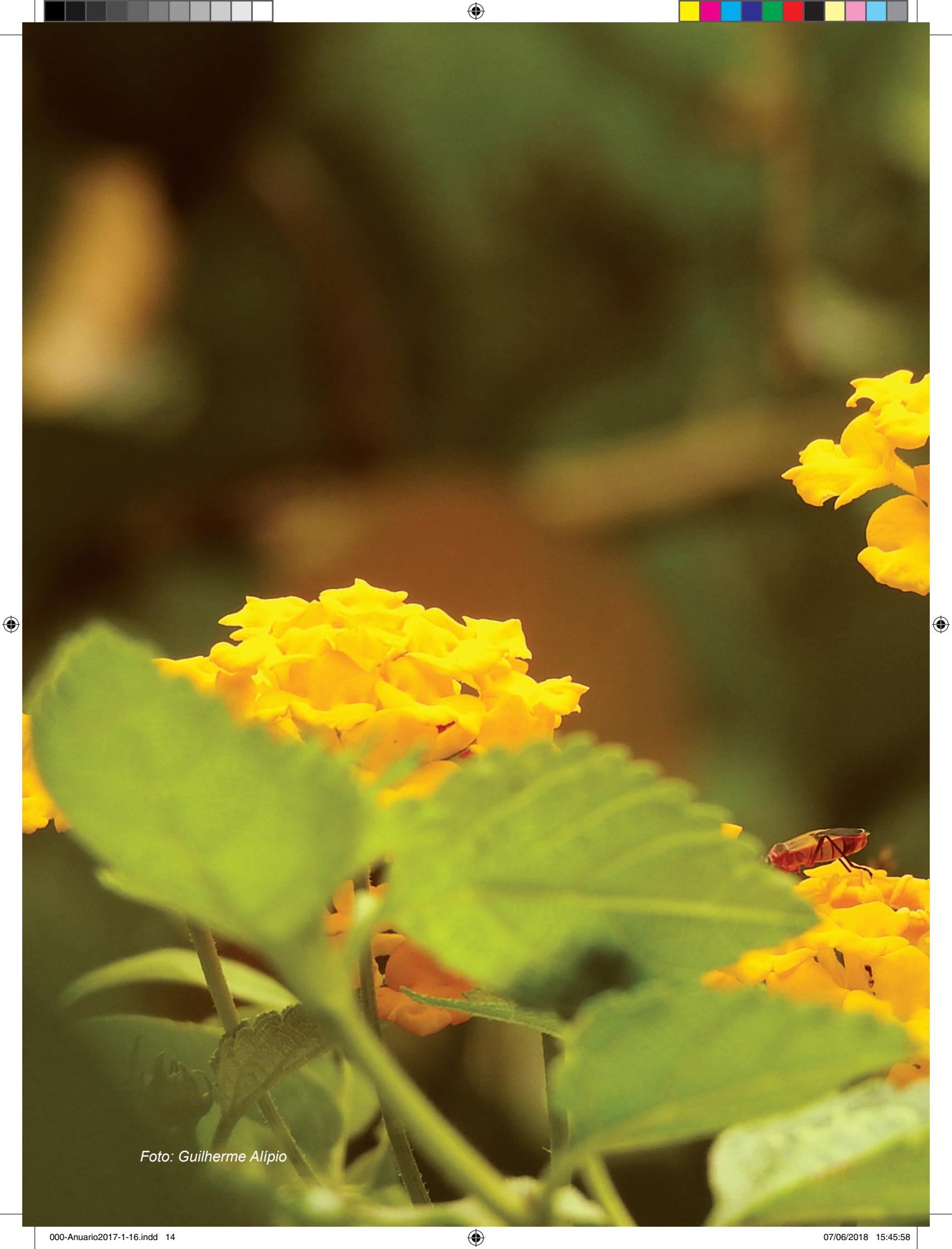


Foto: Guilherme Alípio

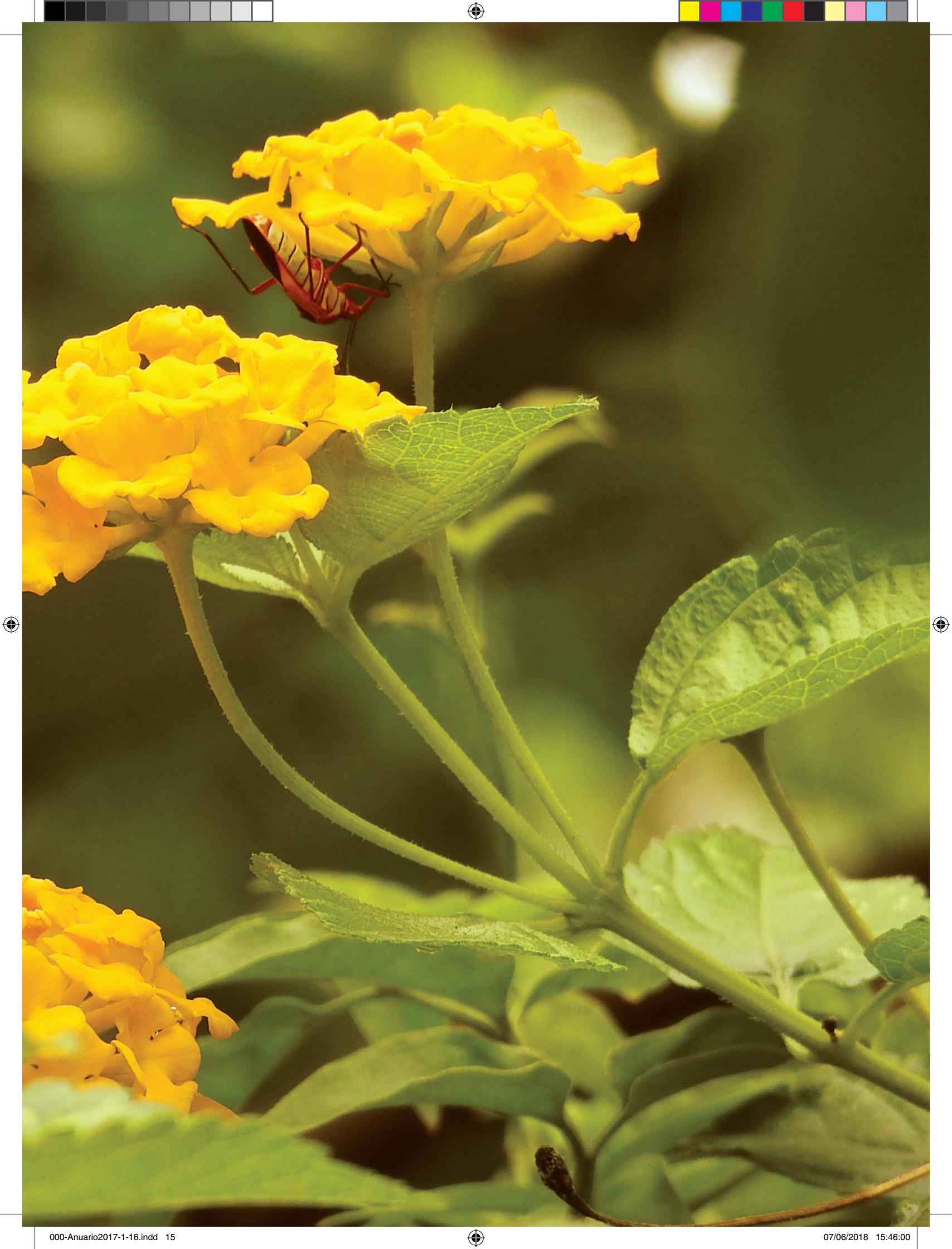




Foto: James de Paula





ITAJAI - 2017







ANUÁRIO

DE RIO ITAJAÍ

2017

ISSN 1679-3056



MUNICÍPIO DE
ITAJAÍ



FUNDAÇÃO
GENÉSIO
MIRANDA
LINS





MUNICÍPIO DE
ITAJAÍ



FUNDAÇÃO
GENÉSIO
MIRANDA
LINS

Prefeito

Volnei José Morastoni

Vice

Marcelo Sodré

Superintendente da FGML

Paulo Rogério Maes Jr.



Ex-Libris FGML - Anuário de Itajaí

Periódico anual da Fundação Genésio Miranda Lins

Projeto Gráfico, Edição, Capa, Diagramação e Arte-finalização

Rogério Marcos Lenzi

Capa: intervenção sobre pintura (óleo sobre tela - detalhe); sem título. Glória Sol (autora)

Conselho Editorial do Anuário 2017

Paulo Rogério Maes Jr.

Rosane Rothbarth

Rogério Marcos Lenzi

A636 Anuário de Itajaí 2017 / Fundação Genésio Miranda Lins. –
Itajaí : FGML, 2017.
160 p. : Il.

ISSN 1679 – 3056

1.Itajaí (SC) – História – Periódicos 2. História – Periódicos

CDD: SC I981.642005

CDU: 94(816.4)Itajaí

Ficha catalográfica
Bibliotecária Vera Lúcia de Nóbrega Pecego Estork
CRB 14/321

Sumário

APRESENTAÇÃO	23
OS PRIMEIROS ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE ATIRADORES DE ITAJAÍ <i>Carlos Henrique Müller</i>	26
ACERVOS DA HISTÓRIA <i>CDMH - Institucional</i>	33
GENTE DE NOSSA TERRA: CASAMENTOS SESQUICENTENÁRIOS <i>Telmo José Tomio</i>	38
SE ESSA RUA FOSSE MINHA... <i>Paulo Rogério Maes</i>	48
NEGRO E TRANSPARENTE: A INVISIBILIDADE DO ESCRAVO NA REGIÃO DA FOZ DO ITAJAÍ <i>Diogo Pereira Ferraz</i>	56
PROJETO #YOGANARUA <i>Suélen Sandri Pereira</i>	66

MUSEU JOCA BRANDÃO: RESGATE DA MEMÓRIA

Edison d'Ávila

..... 70

MEMÓRIAS DO FUTEBOL: CIP FOOT BALL CLUB

Fernando Alécio; Adalberto Klüser; Gustavo Melim Gomes

..... 82

RECORDANDO O “VELHO PRAUM”: UM VETERANO DA GUERRA DO PARAGUAI

Carlos Henrique Müller

..... 101

ONTEM E HOJE

Gustavo Melim Gomes

..... 107

IGREJA DA IMACULADA CONCEIÇÃO: MARCO DE FÉ, MARCO DE VIDA

Luciana Ferreira; Thayse Fagundes e Braga

..... 116

MAREJADA 2017

Volnei José Morastoni

..... 132

UM CAMINHO PARA A LIBERDADE

Aline Jacques Varela; Rogério Lenzi

..... 136

Apresentação



Anuário de Itajaí*, periódico da Fundação Genésio Miranda Lins propaga relatos, notícias históricas, memórias, crônicas e artigos que dizem respeito à memória, ao fazer e à realização de ações positivas da cidade e da região.



No tempo em que comemoramos duas décadas do Anuário de Itajaí (1998-2018), antecipo o futuro e vos revelo a apresentação do ano vindouro:

Antes de findar essa prosa, é preciso elencar aqui quatro nomes; quatro nomes que, há duas décadas atrás, motivados por uma ideia, alavancaram uma vontade; essa vontade gerou uma ação cujos resultados e desdobramentos comemoramos como quem comemora feliz aniversário. Neste contexto histórico, específico contexto histórico, esses quatro nos possuem o mesmo peso e o mesmo valor, porquanto eu os nomearei em ordem alfabética: Antonio Carlos Floriano, Edison d'Ávila, Eduardo Moreira...

20 anos... vim te buscar.

Eu te alcanço na brisa dos dias idos e refrescas meus olhos fechados.

*Criado pelos eméritos jornalistas itajaienses Juventino Linhares e Jayme Fernandes Vieira, no ano de 1924, essa primeira edição - hoje um volume raro e histórico - não foi seguida de outras, como era a intenção, até 1949, quando Marcos Konder e Silveira Júnior tornam a editar o Anuário, porém sem continuidade. Já no ano de 1959, os jornalistas Laércio Cunha e Silva e Roberto Mello de Faria publicaram o Anuário desse ano e o de 1960, em comemoração ao 1º Centenário do Município de Itajaí. No ano de 1998 a publicação foi retomada pela Fundação Genésio Miranda Lins. Desde então o Anuário de Itajaí tornou-se um periódico imprescindível para a difusão dos conteúdos produzidos no município, nos campos da história, da literatura e das Artes, que possibilitam o conhecimento e o reviver da nossa cultura e memória.

Eu te sinto... eu te tenho...

Leio cada ano de tuas provações e ouço a música retida em cada artigo, cada imagem, cada poema que multiplicaste; cada autor que celebraste e celebras.

Quanto de ti passou e permanece ainda em cada interpretação, cada leitura: por curiosidade, academicismo ou simples clamor do ato de ler - tu és quase uma liturgia à História da cidade.

Mas és o depositário fiel de muitas falas e, confidente, esta confessas a Arte: seja a escrita histórica, o depoimento, a gravura, a memória ou em versos de Alba.

Quanto da ti também foi um tanto tanto sofrer... houve até quem quis a tua morte. Tua catábase não foi urdida suficiente como a de Orfeu e menos que o Lázaro bíblico, tu te ergues e cada vez mais te ergues e cresces, cresces, cresces... justo que no teu amor acolhes a História e as Artes daqueles que as cantam e que as confiam na propagação destes conhecimentos.

Tu és... tu és quase uma pessoa...

E como tal, ao reencontrar amigos há muito não vistos, pede, por favor, num gesto de ampla e resignada gratidão, pede, por favor, que cada pessoa que se encontre neste salão e que tenha colaborado com o Anuário de Itajaí em qualquer ano de suas edições, de 1998 a 2017, que tenha colaborado com um artigo, um depoimento, uma memória, uma imagem, uma gravura, um patrocínio, um poema, por favor, fique de pé. Aos que já se encontram de pé, por favor, dêem um passo à frente. Destaquem-se. Jamais os colocaria numa situação que não lhes agradasse.

De dentro deste Mudra, do mais profundo de meu coração, a todos eu saúdo e lhes estendo a minha gratidão... esta Casa os parabeniza...

Voces são o Anuário de Itajaí.

Bravíssimos.

Boa leitura.



Rogério Lenzi

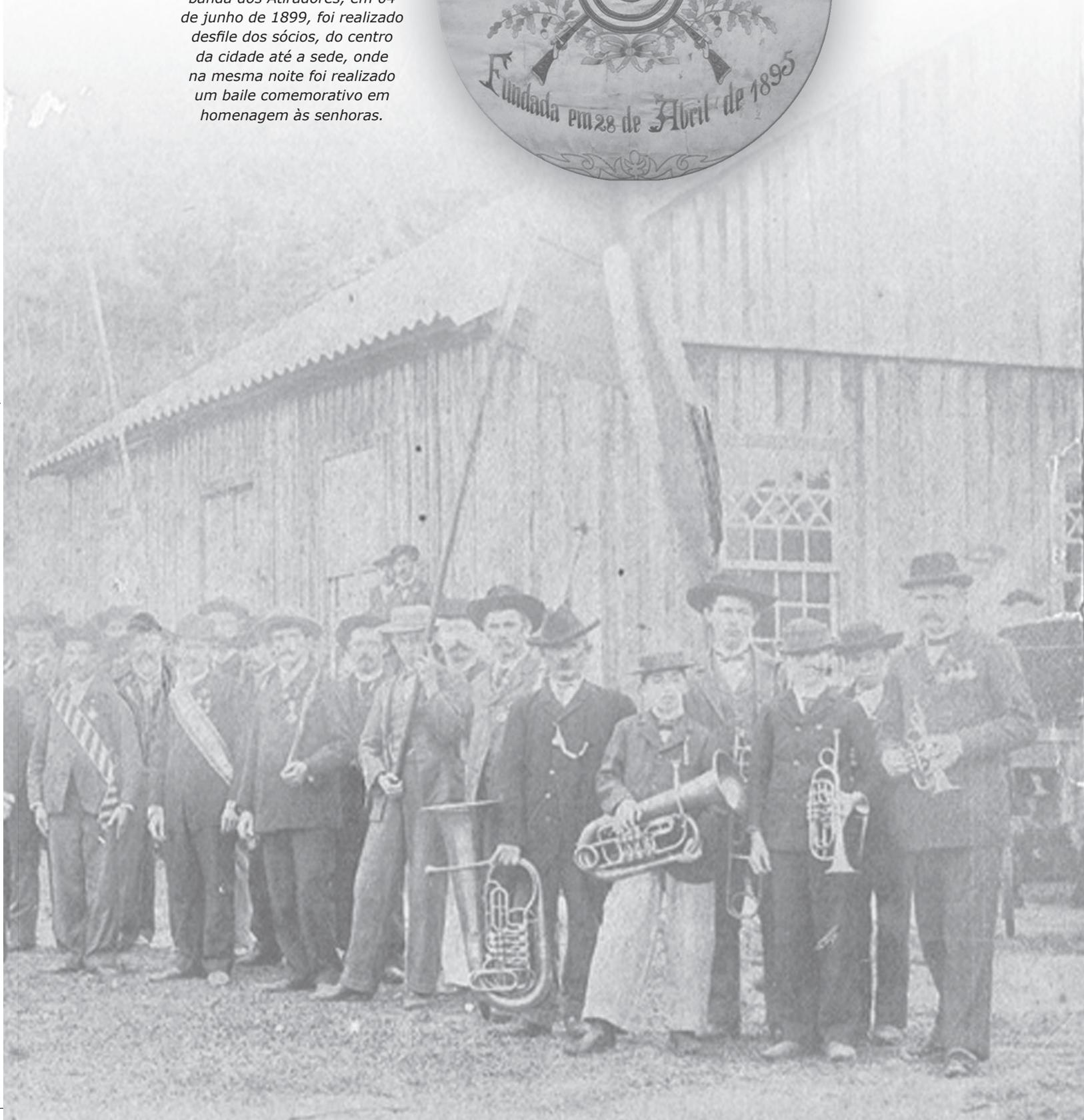


Os PRIMEIROS ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE ATIRADORES DE ITAJAÍ

Carlos Henrique Müller, médico, memorialista e genealogista

Sócios da época reunidos para fotografia coletiva, cuja data foi previamente marcada em assembléia, todos portando a insígnia na roupa, os atiradores com seus rifles, os músicos da banda dos Atiradores com seus instrumentos e o porta-bandeira levando a bandeira da Sociedade. Data: 20 de agosto de 1899. Local: Sede da Sociedade de Atiradores, Itajaí-SC.

Reprodução da bandeira com o símbolo da Sociedade dos Atiradores de Itajaí. A bandeira foi confeccionada pelas esposas dos sócios e, na ocasião do recebimento da mesma pela banda dos Atiradores, em 04 de junho de 1899, foi realizado desfile dos sócios, do centro da cidade até a sede, onde na mesma noite foi realizado um baile comemorativo em homenagem às senhoras.



Estatutos

Sociedade de Atiradores de Itajahy

Artigo 1º. Fica criada na cidade de Itajaí uma sociedade de recreação intitulada – Sociedade de Atiradores de Itajahy – cujo fim primordial é o exercício de tiro ao alvo.

Artigo 2º. Além das pessoas que se congregaram para constituir a sociedade admitirá esta, número ilimitado de sócios, satisfeitos, porém, os requisitos seguintes:

§ 1º Só poderá ser proposta sócia, pessoa que tiver mais de 20 anos de idade.

§ 2º A proposta deverá ser publicada durante um mês, por editais publicados na sede social e sobre elas se pronunciarão os sócios por escrutínio direto.

§ 3º Para a admissão se requer maioria dos votos e depósito prévio da importância da entrada, que será restituída caso não seja aprovada a proposta.

§ 4º Os imigrantes só poderão ser propostos para sócios, depois de seis meses de residência nesta cidade.

Artigo 3º. A importância da entrada das contribuições trimestrais e das quotas será fixada na primeira sessão de janeiro.

Parágrafo Único – Os filhos dos sócios que possuírem os requisitos, e quiserem fazer parte da sociedade, pagarão apenas metade da jóia da entrada.

Artigo 4º. As contribuições trimestrais deverão ser pagas adiantadamente, ficando os sócios remissos, inibidos de tomarem parte nas festas sociais, perdendo definitivamente os direitos de sócios, se a falta de pagamento durar um ano.

Artigo 5º. A sociedade será administrada por uma diretoria anualmente eleita por maioria absoluta de votos, e que se comporá de um presidente, um vice-presidente, um secretário e um tesoureiro, cujas deliberações deverão ser tomadas por unanimidade dos votos.

Parágrafo Único – Caso não se dê esta unanimidade, deverá à questão ser submetida à decisão da assembléia geral.

Artigo 6º. Ao presidente compete:

Diretoria da Sociedade de Atiradores de Itajaí reunidos ao redor de uma mesa, na sede do clube. Da esquerda para a direita: (em pé) Angelo Rodi, (sentados) Emílio Palumbo, Otto Moldenhauer, João Bauer Junior, Julio Galle (vice presidente) e Pedro Bauer (presidente). Todos eles portando as insígnias de atiradores. Julio Galle está com a respectiva faixa de Rei do Alvo e a medalha de Rei do Alvo. Data: 1899. Local: Sede da Sociedade de Atiradores, Itajaí-SC.



§ 1º Convocar e presidir as sessões ordinárias e extraordinárias.

§ 2º Zelar pelos interesses da sociedade, interna e externamente.

§ 3º Examinar e legalizar as contas que tenham de ser pagas pelo tesoureiro.

§ 4º Examinar, em companhia do vice-presidente, os livros e demais papeis a cargo do tesoureiro.

Artigo 7º. Ao secretário compete:

§ 1º Redigir as atas das sessões e transcrevê-las em livro para tal fim designado.

§ 2º Redigir a correspondência oficial e ter sob sua guarda, o arquivo da sociedade.

Artigo 8º. Ao tesoureiro compete:

§ 1º Efetuar a cobrança dos dinheiros sociais que ficam confiados a sua cuidadosa guarda.

§ 2º Pagar as contas conferidas pelo presidente.

§ 3º Escriturar toda a receita e despesa social do que formulará balanço para ser apresentado à assembléia geral.

Artigo 9º. Trimestralmente deverá a diretoria convocar uma assembléia geral que se realizará no primeiro domingo, do primeiro mês do trimestre, devendo para esta reunião serem os sócios convidados por meio de editais afixados com um mês de antecedência no local de costume.

Parágrafo Único – Em casos urgentes, a diretoria poderá fazer convocação de assembléia geral para outro qualquer dia devendo, porém, mediar entre a data da afixação do edital, e a da reunião, o intervalo de oito dias.

Artigo 10º. No primeiro dia de janeiro se efetuará a prestação de contas e a eleição da diretoria, cujo mandato durará um ano.

Artigo 11º. Para resoluções das assembléias gerais é preciso maioria dos votos dos sócios presentes, não sendo admitidos os votos dos sócios ausentes.

Parágrafo Único – A assembléia geral funcionará, estando presentes sete sócios inclusive a diretoria, salvo nos casos de alteração do capital social em que se requerem dois terços dos sócios, para tomar-se qualquer resolução.

Artigo 12º. É lícito a qualquer sócio retirar-se da sociedade devendo, porém, comunicar por escrito a diretoria a sua resolução e pagando a contribuição devida.

Parágrafo Único – Quando o sócio se tiver retirado por circunstâncias poderosas e alheias a sua vontade, a diretoria poderá admiti-lo independente do pagamento de nova jóia de entrada, logo que cessarem tais motivos.

Artigo 13º. O sócio eliminado perde todos os direitos sobre os bens sociais.

Artigo 14º. As despesas não excedentes a vinte e cinco mil réis poderão ser efetuadas pela diretoria devendo, porém, as excedentes, preceder autorização da assembléia geral, que fornecerá todos os livros necessários à escrituração.

Artigo 15º No dia 1º de janeiro de cada ano se efetuará uma festa que se dará o nome de Festa dos Atiradores e cujos preparativos serão detalhados um mês antes em sessão da assembléia geral.

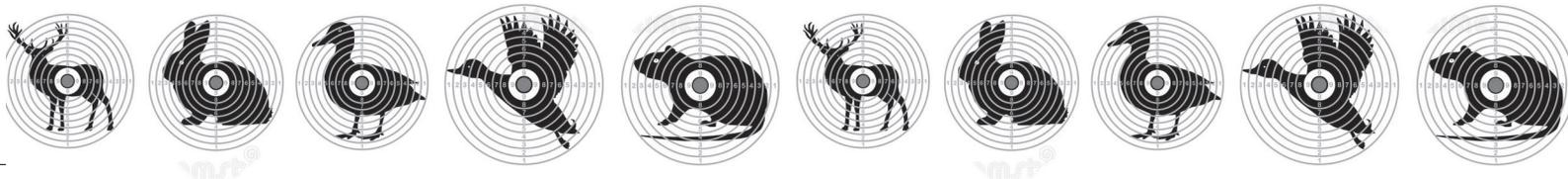
Artigo 16º. Por ocasião da festa será aclamado um Rei e dois Cavalheiros.

§ 1º Será Rei o que der melhor tiro ao alvo mediante o parecer de uma comissão que terá em consideração o centro do alvo e o centro do orifício feito pela bala, a fim de verificar a distância entre aquele e este.

§ 2º Serão aclamados cavalheiros, os dois atiradores que derem os melhores tiros depois do Rei.

Artigo 17º. O Rei recebe para sua distinção, uma banda e a insígnia de atirador, a qual será de ouro, sendo uma e outra, de propriedade da associação.

Parágrafo Único – Com tais insígnias o Rei recebe uma medalha de ouro que lhe ficará pertencendo.



Artigo 18º. O primeiro e segundo cavalheiros receberão como distintivo, uma medalha de prata que lhes ficará pertencendo.

Artigo 19º. A diretoria adquirirá as necessárias insígnias de atiradores que serão vendidas aos sócios pelo preço de mil réis cada uma, e sem a qual nenhum sócio poderá comparecer nas festas sociais.

Artigo 20º. Para dirigir essa festa, será eleita, uma comissão que terá como distintivo fitas brancas.

Artigo 21º A sociedade elegerá um capitão que dirigirá as marchas, entrada e saída dos atiradores durante a mencionada festa, sendo pelo dito capitão nomeado um porta-bandeira.

Artigo 22º. As reuniões dos atiradores se efetuarão na casa de Felipe Heil.

Artigo 23º O Rei dos atiradores é levado de sua residência em marcha até o local da festa, sendo dali para a sua residência, igualmente acompanhado, o novo Rei aclamado.

Artigo 24º. A ordem a observar-se nestas marchas será a seguinte:

A banda de música na frente, após a qual irá o porta-bandeira acompanhado por dois atiradores; em seguida será o Rei ladeado pelos dois cavalheiros e após o presidente com os outros membros da diretoria, fechando o préstito, o séquito dos atiradores.

Artigo 25º. O regulamento interno será estabelecido pela diretoria, que poderá promover torneios de tiro com prêmios, duas vezes ao ano.

Artigo 26º. É igualmente estabelecido o jogo da bola, devendo haver, duas vezes por ano, em dias diferentes aos de qualquer festa de tiro, torneios com prêmios.

Artigo 27º. A entrada na sede social e festas são proibidas a pessoas estranhas, salvo pessoas residentes fora deste município, as quais poderão ser admitidas para as festas e exercício de tiro desde que um sócio as apresente e por elas se responsabilize.

Artigo 28º. Quando um sócio for eliminado por falta de pagamento, só poderá ser readmitido depois de satisfeito o débito e pagar metade da entrada, sujeitando-se ao escrutínio secreto, de que se trata o artigo 2º e seus §§.

Artigo 29º. Os sócios das sociedades de atiradores de Blumenau e Brusque gozam de todos os direitos de sócios desta corporação, sem necessidade de pagamento de jóia ou outra qualquer contribuição, não podendo, porém, ter parte nos bens sociais salvo se pagarem a entrada e a contribuição social, que os habilitará a todos os direitos, independente do escrutínio secreto.



Artigo 30º Sendo puramente recreativos os fins sociais é vedado toda e qualquer questão política no recinto social durante as festas e em quaisquer atos da sociedade.

Artigo 31º. Quando qualquer sócio faltar à sociabilidade e moralidade que devem prestigiar semelhante corporação, deverá ser eliminado.

Parágrafo Único – O pedido para exclusão dos que se acharem incurso neste artigo, deverá ser subscrito por sete sócios, e aprovado por maioria em assembléia geral.

Artigo 32º. A diretoria afixará previamente por edital, a ordem do dia de que constar qualquer sessão extraordinária.

Artigo 33º. Para alteração destes estatutos é necessária discussão e aprovação por duas assembléias gerais consecutivamente convocadas.

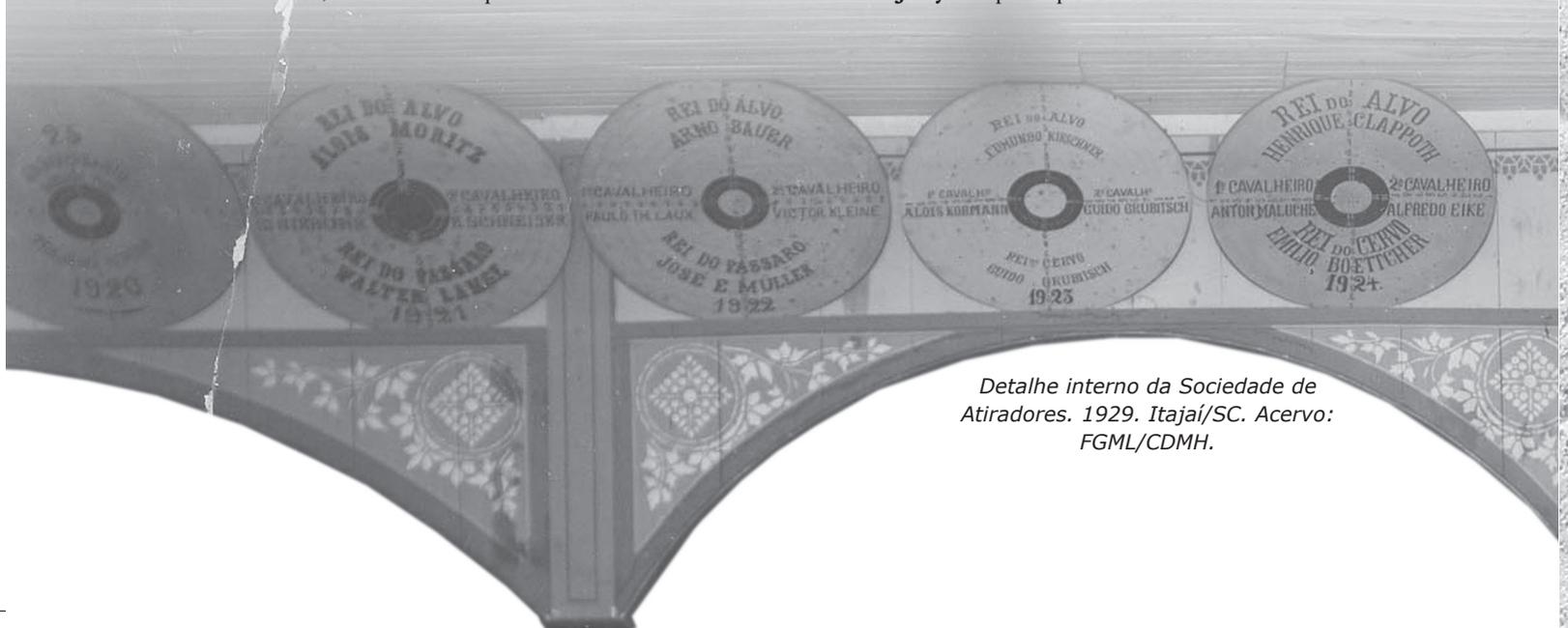
A Diretoria. Presidente – Julio Galle; O Vice Presidente – José Berti; Secretário – João Jacob Heusi Sobrinho; Tesoureiro – Gabriel Heil.

Para uma melhor leitura do texto, o mesmo foi modificado para a grafia atual. Estes primeiros estatutos foram revistos três anos mais tarde. Entre as mudanças mais relevantes, ocorreu a inclusão da modalidade de tiro ao cervo e a respectiva escolha do Rei do cervo, e ainda, a transferência da data da festa dos atiradores para o mês de abril, coincidindo assim, com o mês de aniversário da sociedade. Julio Galle foi o primeiro presidente eleito da Sociedade de Atiradores, e no ano de 1901, ele conseguiu um feito único, jamais repetido por outro sócio atirador. Ele conseguiu vencer as competições de tiro ao alvo e tiro ao cervo, tornando-se Rei Duplo. Pedro Bauer foi o único sócio eleito presidente por três anos consecutivos, de 1889 a 1901.

REFERÊNCIAS

JORNAL República. Florianópolis, 10 de outubro, 1895.

MÜLLER, Carlos Henrique. **Sociedade de Atiradores de Itajahy**. Arquivo pessoal do autor.



Detalhe interno da Sociedade de Atiradores. 1929. Itajaí/SC. Acervo: FGML/CDMH.



APRESENTA

ACERVOS DA HISTÓRIA

SEMANA NACIONAL DE ARQUIVOS
arquivos abertos, cultura e patrimônio



MUNICÍPIO DE
ITAJAÍ



FUNDAÇÃO
GENÉSIO
MIRANDA
LINS



AAMHAPI
Associação de Amigos do Patrimônio Histórico
e Arquivo Bibliográfico de Itajaí



ENTRE OS DIAS 5 E 10 DE JUNHO DE 2017, abrem-se os arquivos para a cultura e para divulgar o trabalho desenvolvido nas instituições arquivísticas e centros de memória e documentação de todo país.

De iniciativa do Ministério da Justiça e Segurança Pública - Arquivo Nacional, Ministério da Cultura – Fundação Casa de Rui Barbosa, Itajaí junta-se a este ineditismo para ampliar o direito à informação e ao futuro da cidade.

Em 1985, iniciando sua tarefa como Arquivo Histórico de Itajaí, em uma pequena dependência no Museu Histórico, profissionalizou-se de tal forma que sua dedicação o tornou Arquivo Público de Itajaí no ano de 2000, agora integrado ao Centro de Documentação e Memória Histórica cuja composição abarca a Biblioteca de Apoio, o Acervo Iconográfico, Fundos sob custódia, dossiês e pela documentação pública de caráter permanente do Município.

Local de pesquisa por excelência, atende a estudiosos e acadêmicos do Estado de Santa Catarina e de outros Estados da Federação que buscam fontes documentais para seus trabalhos. Ademais, as atividades que serão realizadas aqui, no decorrer desta semana, já são uma realidade de alguns anos, uma vez que o CDMH vem recebendo estudantes e professores que agendam aqui visita – uma realidade que pode ser ampliada, visto que a totalidade das escolas que aqui acorrem, são oriundas de escolas particulares. Gostaríamos, imensamente, que a Rede Municipal de Educação também fizesse parte desta bela história, assim como é parte desta cidade.



Aliás, meu poema é esta cidade:

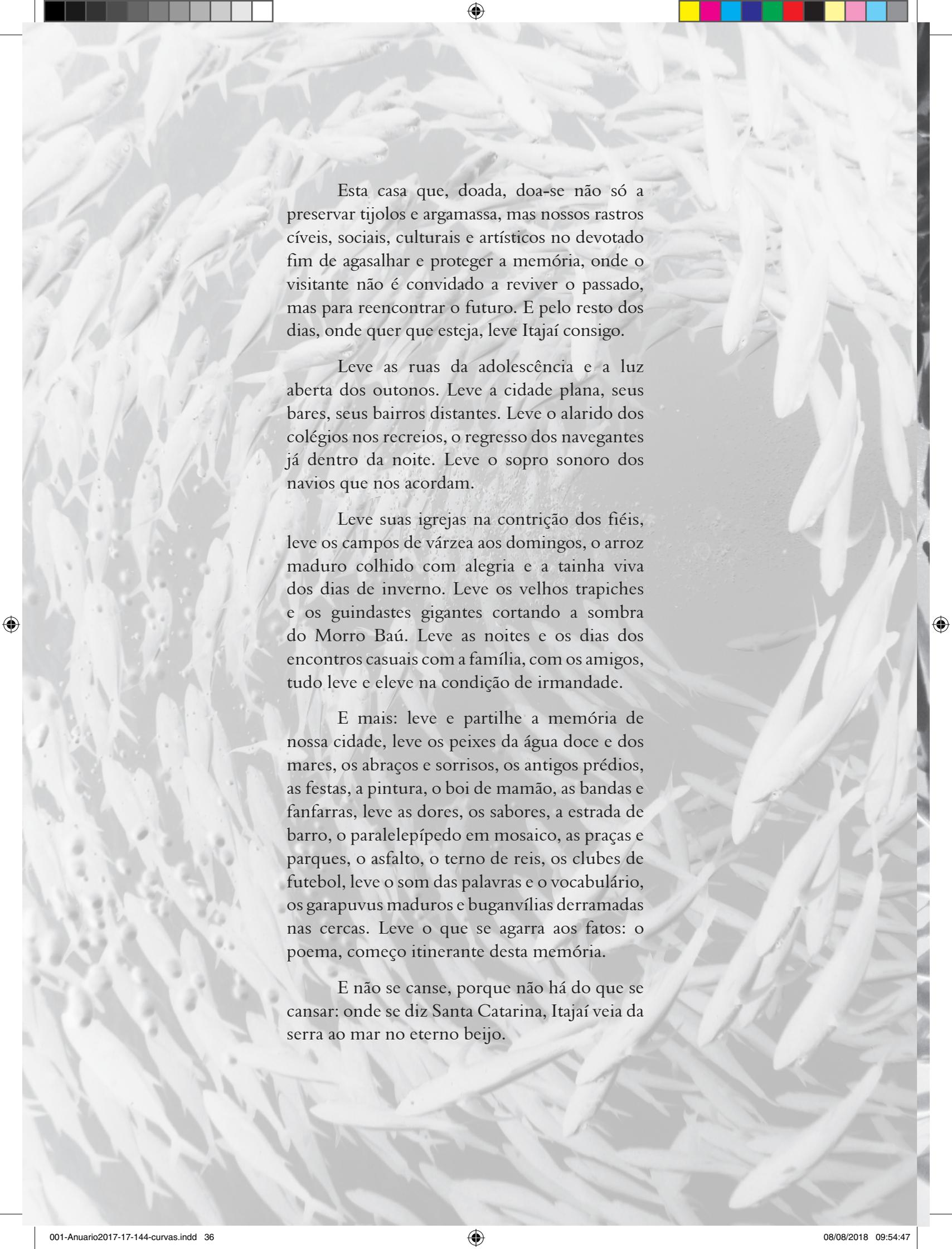
Esta casa de memória guarda consigo o nome para o porto, a foz para muitos ofícios (carpinteiros, pescadores, professores, alfaiates), a foz de escolhas para nossos lares, a foz de nossos sacrifícios, de nossos medos, fé, temores e a foz de nossas esperanças.

Muitas são as vozes que habitam seu espaço: a escrita, ato contínuo no falar da vida, aqui não repousa; agita-se, quer ser lida na interpretação de pesquisadores, na curiosidade de leitores, memórias descritas na leitura de atas, jornais, a cada documento descoberto, em cada página virada, em cada obra literária. Toda cidade tem um passado e esta casa aguarda em silêncio por nosso futuro.

Assim como o fogo, como a água, esta casa que nos abriga permite evocar, através da memória e da imaginação, a comunhão entre lembrança e imagem. Ela não vive somente o dia-a-dia, mas também a narrativa de nossa história, de outras histórias, das diversas moradas de nossa vida que se cruzam e guardam os tesouros dos dias antigos e que aqui se compartilham, que se integram entre os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem, pois o seu espaço retém o tempo.

O que é a casa? A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Porque sem sua casa, o homem seria um ser disperso; ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser atirado no mundo, o homem é colocado no berço da casa. A vida começa bem, começa fechada, protegida. Agasalhada no seio da casa.





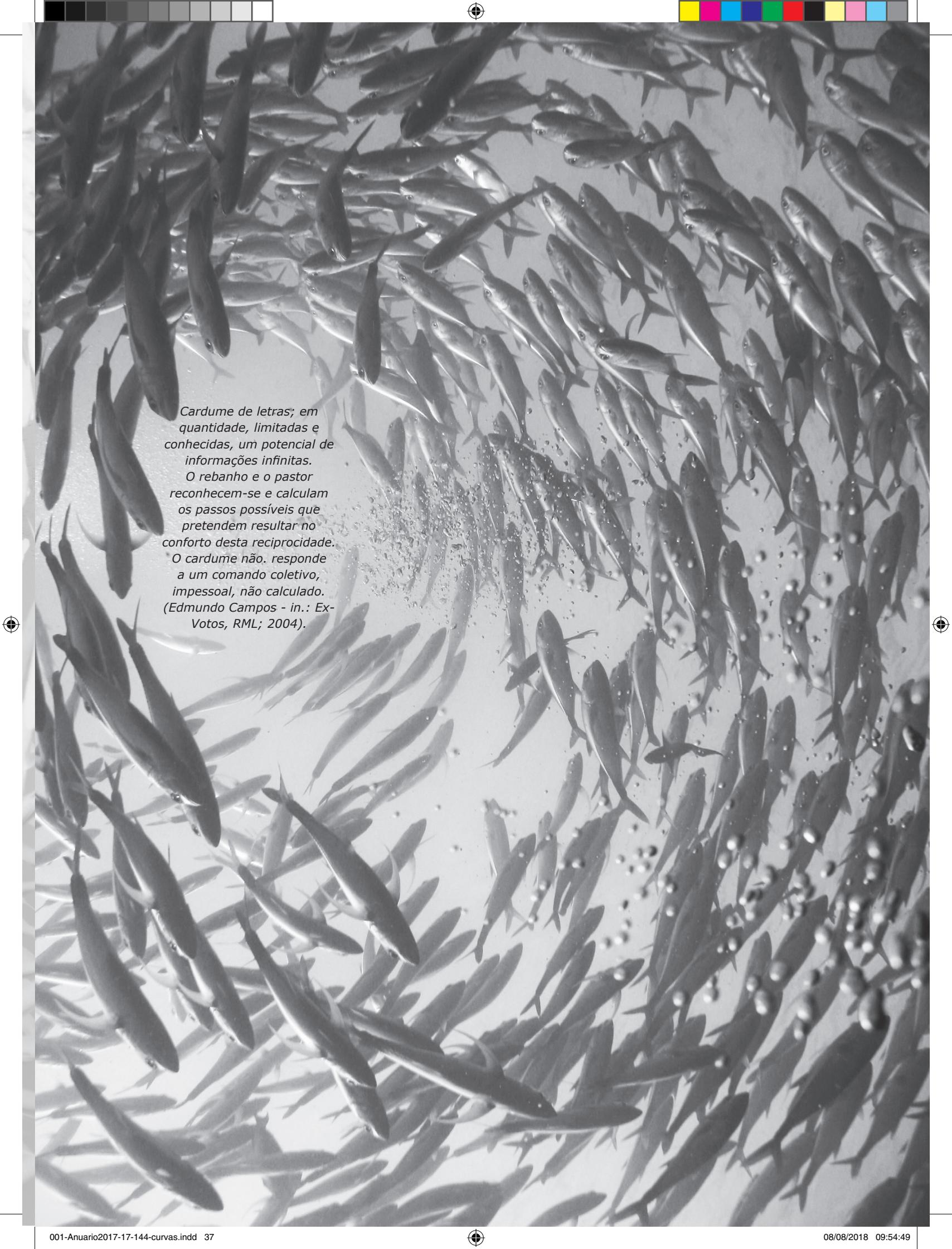
Esta casa que, doada, doa-se não só a preservar tijolos e argamassa, mas nossos rastros cíveis, sociais, culturais e artísticos no devotado fim de agasalhar e proteger a memória, onde o visitante não é convidado a reviver o passado, mas para reencontrar o futuro. E pelo resto dos dias, onde quer que esteja, leve Itajaí consigo.

Leve as ruas da adolescência e a luz aberta dos outonos. Leve a cidade plana, seus bares, seus bairros distantes. Leve o alarido dos colégios nos recreios, o regresso dos navegantes já dentro da noite. Leve o sopro sonoro dos navios que nos acordam.

Leve suas igrejas na contrição dos fiéis, leve os campos de várzea aos domingos, o arroz maduro colhido com alegria e a tainha viva dos dias de inverno. Leve os velhos trapiches e os guindastes gigantes cortando a sombra do Morro Baú. Leve as noites e os dias dos encontros casuais com a família, com os amigos, tudo leve e eleve na condição de irmandade.

E mais: leve e partilhe a memória de nossa cidade, leve os peixes da água doce e dos mares, os abraços e sorrisos, os antigos prédios, as festas, a pintura, o boi de mamão, as bandas e fanfarras, leve as dores, os sabores, a estrada de barro, o paralelepípedo em mosaico, as praças e parques, o asfalto, o terno de reis, os clubes de futebol, leve o som das palavras e o vocabulário, os garapuvus maduros e buganvílias derramadas nas cercas. Leve o que se agarra aos fatos: o poema, começo itinerante desta memória.

E não se canse, porque não há do que se cansar: onde se diz Santa Catarina, Itajaí veia da serra ao mar no eterno beijo.



*Cardume de letras; em
quantidade, limitadas e
conhecidas, um potencial de
informações infinitas.*

*O rebanho e o pastor
reconhecem-se e calculam
os passos possíveis que
pretendem resultar no
conforto desta reciprocidade.*

*O cardume não responde
a um comando coletivo,
impessoal, não calculado.
(Edmundo Campos - in.: Ex-
Votos, RML; 2004).*

GENTE DA NOSSA TERRA

Telmo José Tomio
Professor de Filosofia, Músico e Genealogista
Membro do Instituto de Genealogia de Santa Catarina - INGESC
Membro do Colégio Brasileiro de Genealogia - CBG-RJ



CASAMENTOS SESQUICENTENÁRIOS

APRESENTAMOS AQUI OS DADOS GENEALÓGICOS DOS 39 casamentos realizados há 150 anos (1867), na Paróquia do Santíssimo Sacramento, de Itajaí. Alguns chamam à atenção, como o casamento do luterano Samuel Heusy com a católica Anna Werner; o casamento de Floriano Antônio dos Santos com Francisca Rosa de Jesus, dando origem ao sobrenome composto Floriano dos Santos; e o casamento de José Rodrigues de Almeida, irmão do Padre João Rodrigues de Almeida, com Anna da Silva Mafra, filha do alferes João da Silva Mafra.

Pretendemos, com esse trabalho, perpetuar a memória dos nossos antepassados, bem como facilitar a pesquisa genealógica dos respectivos descendentes.

19.01.1867 – **José Joaquim de Quadros**, filho natural de Anna Francisca de Jesus, viúvo de Alexandrina Joaquina de Jesus. **Francisca Rosa de Jesus**, filha de Manoel Francisco da Silva e Vicência Rosa de Jesus. Testemunhas: Antônio Luiz de Souza Bella Cruz e Feliciano Antônio de Souza. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

02.02.1867 – **José Machado Maciel**, filho de José Machado Maciel e Vicência Rosa de Jesus. **Maria Rosa de Jesus**, filha de João Machado Maciel e Maria Thomazia de Jesus. Dispensados do impedimento de consanguinidade de segundo grau da linha transversal. Testemunhas: Romão João dos Santos e Manoel Francisco Maciel. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

02.02.1867 – **Manoel dos Santos**, filho de Francisco dos Santos e Rosa dos Santos, natural da freguesia Nova de Nossa Senhora de Gaia, Porto, Portugal. **Maria Libânia do Couto**, filha de Antônio Manoel de Oliveira Couto e Deolinda da Encarnação, natural desta vila. Casamento realizado em casa particular de Antônio Manoel d'Oliveira Couto, com licença do vigário da vara. Testemunhas: Manoel José Ferreira de Macedo e João Máximo Pereira. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

09.02.1867 – **João Cipriano Custódio**, filho natural de Anna Cesária Rosa, nascido e batizado nesta vila. **Rosa Eugênia de Souza**, filha de José Vicente de Souza e Eugênia Rosa de Souza, natural de São Miguel. Testemunhas: Manoel Antônio de Souza e Manoel da Silva Pinto. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

16.02.1867 – **João Vieira Mendes**, filho de Antônio Vieira Mendes e Victoria Ignacia do Sacramento. **Generosa Rosa de Jesus**, filha de Silvano Joaquim Lima e Victorina Rosa de Lima. Ambos nascidos e batizados nesta freguesia. Ele, viúvo de Verginia Gonçalves da Silva. Ela, viúva de José Serafim Anacleto. Testemunhas: Pedro Alves Ramos e José dos Santos Caldeira. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

23.02.1867 – **Appolinário Alves da Silva**, filho natural de Joanna Antônia, natural da freguesia de São Pedro de Alcântara da Barra Velha, viúvo de Christina da Conceição. **Infância Maria da Conceição**, filha de João Anselmo e Fortunata Rosa, natural desta vila. Testemunhas: Antônio Luiz de Souza Bella Cruz e Antônio Ignacio de Medeiros. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

24.02.1867 – **Gabriel Antônio dos Santos**, filho de Manoel Antônio dos Santos e Anna Maria da Conceição, natural de Itajaí. **Rosa Maria de Jesus**, filha de João Antônio dos Santos e Maria Rosa de Jesus, natural de Penha. Dispensados do impedimento de



consanguinidade em segundo grau da linha transversal. Testemunhas: Antônio Pereira Liberato e José Antônio de Oliveira. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

25.02.1867 – **Pedro José Gonçalves**, filho de José Manoel Gonçalves e Maria Clara de Jesus, natural de Penha. **Generosa Silvana de Jesus**, filha de Antônio Francisco dos Santos e Silvana Maria de Jesus, natural de Penha. Testemunhas: Ignacio Francisco Toledo e João José Ferreira. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

28.02.1867 – **Fernando Antônio Alves**, filho de Antônio Alves da Silva e Antônia de Ramos, natural desta vila. **Clarinda Francisca de Jesus**, filha de Anastácio José Dias e Francisca Maria da Silva, natural de São João Batista do Alto Tijucas. Testemunhas: Cipriano José Custódio e Francisco José Dias. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

28.02.1867 – **João Ricardo**, filho de João Antônio Ricardo e Francisca Maria Ricarda, natural de São José. **Maria Francisca da Silva**, filha de Anastácio José Dias e Francisca Maria da Silva, natural de São João Batista do Alto Tijucas. Testemunhas: Cipriano José Custódio e Ignacio José Francisco. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

02.03.1867 – **Samuel Heusy**, protestante evangélico, natural da Suíça. Dona **Anna Werner**, filha de Pedro Werner e Margarida Werner, natural desta vila. Dispensados do impedimento de *Cultus Disparitas*. Testemunhas: Nicolau Malburg e Pedro Werner. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário. **Termo de Juramento de um contraente acatólico**: Aos dois dias do mês de março do ano de mil oitocentos e sessenta e sete, nesta vila do Santíssimo Sacramento de Itajaí, na sacristia da Igreja Matriz, sendo eu aí presente, compareceu **Samuel Heusy**, natural da Suíça, protestante evangélico, o qual perante as testemunhas abaixo-assinadas disse, que prometia e se obrigava sob o juramento dos Santos Evangelhos, que prestou, a permitir que sejam educados os filhos e filhas que resultarem do matrimônio que pretende hoje contrair com dona **Anna Werner**, católica apostólica romana, e a não impedir a sua futura consorte dona Anna Werner o livre exercício da mesma religião Católica Apostólica Romana que esta professa; e como assim o disse e se obrigou, fiz este termo que assinou com as testemunhas Nicolau Malburg e Pedro Werner. Eu, o padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário encomendado desta vila de Itajaí, que por mandado de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Vigário Capitular escrevi.

02.03.1867 - **Antônio Crescêncio de Freitas Cabral**, filho de Adriano de Freitas Cabral e da falecida Constantina Rosa de Jesus, natural de Viamão de São Pedro do Sul. **Domingas Rosa de Jesus**, filha de Silvério Antônio de Andrade e Maria Caetana, natural de São José. Testemunhas: Julião Machado de Espindola e Manoel Francisco Leite. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.



03.03.1867 – **Francisco de Sales da Luz**, filho natural de Eufrásia Maria de Jesus, natural de Penha. **Maria Romualda de Jesus**, filha de Manoel Jacinto Pereira e Maria Constância de Jesus, natural de São Miguel, desta Província. Testemunhas: Manoel José Ferreira de Macedo e Agostinho da Silveira Flores. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

03.03.1867 – **João José Barbosa**, filho de Miguel Veloso Oliveira e Joaquina Domingas da Conceição, natural da freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso. **Rosa Maria Stuart**, filha de João Manoel Stuart e Maria Garcia da Conceição, natural de Desterro. Testemunhas: Antônio Gonçalves da Costa e Gabriel Lopes Fagundes. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

25.03.1867 – **Antônio Correia de Negreiros**, filho de Manoel Correia de Negreiros e Maria Rosa de Jesus. **Clarinda Maria Alexandrina**, filha de Joaquim Martins, falecido, e Alexandrina Maria da Silveira, falecida. Ambos naturais de Itajaí. Testemunhas: Manoel José Ferreira de Macedo e Manoel da Silva Pinto. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

26.03.1867 – **Cândido Antônio Soares**, filho do falecido João Antônio Fernandes e Maria Fernandes Alves, natural desta freguesia. **Vitalina Rosa de Jesus**, filha de João Mariano Furtado e Maria Rosa de Jesus, natural de São Miguel. Testemunhas: Cipriano Ramos Martins e Antônio Luiz de Souza Bella Cruz. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

30.03.1867 – **João Anacleto Cardoso**, filho de Serafim Anacleto Cardoso e Alexandrina Rosa de Jesus, natural desta freguesia. **Infância Maria de Jesus**, filha de Amaro José do Nascimento e Maria Rosa do Espírito Santo, natural desta freguesia. Testemunhas: Cipriano José Custódio e Faustino Alves do Nascimento. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

22.04.1867 – **Manoel Anselmo da Costa Júnior**, filho de Manoel Anselmo da Costa e Maria Rosa de Jesus, natural de Penha. **Joaquina Rosa de Jesus**, filha de Antônio Francisco Soares e Silvana Rosa de Jesus, natural de Penha. Testemunhas: João Antônio Caldeira e Manoel José Gonçalves. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

27.04.1867 – **Alberto de Oliveira**, filho de José Jorge de Oliveira e Alexandrina Maria da Conceição, natural da freguesia de São João Batista de Itapocorói. **Rufina Porfíria da Rosa**, filha de Ricardo José Pereira e Porfíria Perpétua de Jesus, desta freguesia de Itajaí. Testemunhas: Manoel da Silva Pinto e João José Custódio. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

05.05.1867 – **Antônio Floriano da Costa**, filho de Manoel Floriano da Costa e Claudina Ignacia de Jesus. **Anna Rosa de Jesus**, filha de José Francisco Pereira e Rosa Maria de Jesus. Ambos naturais de Penha do Itapocorói. Testemunhas: Francisco da Costa Passos e Manoel José Ferreira de Macedo. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

01.06.1867 – **Manoel Pedro Werner**, filho de João Pedro Werner e Anna Geiser, natural de São Pedro de Alcântara, viúvo de Elena Palm. **Christina Maria Vasson**, natural da Prússia, filha de Jacob Vasson e Christina Maria. Testemunhas: Pedro Müller e Antônio Pereira Liberato. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

05.06.1867 – **João José dos Santos**, filho natural de Rita Maria, natural da freguesia de Nossa Senhora dos Remédios da cidade Paraty. **Felipa Maria Benícia**, filha Manoel José Travassos e Maria Felipa da Conceição, natural desta freguesia. Testemunhas: João José da Silveira Porto Alegre e Manoel José Bastos. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

07.06.1867 – **João Evaristo Correia**, filho de Manoel Evaristo Correia e Rita Severina Rosa, natural desta freguesia. **Maria Porcina de Jesus**, filha de João Francisco de Souza e Porcina Maria de Jesus, natural desta freguesia. Dispensados do impedimento de consanguinidade em terceiro grau da linha transversal. Testemunhas: Adriano José da Silva e Pedro José de Miranda. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

13.06.1867 – **Floriano Antônio dos Santos**, filho do falecido Cipriano Antônio dos Santos e Maria Guiomar de Jesus, natural desta freguesia. **Francisca Rosa de Jesus**, filha de Francisco Antônio Vieira e Maria Rosa de Jesus, natural de Penha. Testemunhas: José dos Santos Caldeira e Manoel Antônio Vieira. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

13.06.1867 – **José Antônio Vieira**, filho de Francisco Antônio Vieira e Maria Rosa de Jesus, natural desta freguesia. **Maria Rosa de Jesus**, filha do falecido Cipriano Antônio dos Santos e Maria Guiomar de Jesus, natural de Penha. Testemunhas: João Ignacio de Mendonça e Manoel Ignacio de Mendonça. Padre Antônio Francisco Nóbrega, vigário.

16.06.1867 – **José Rodrigues de Almeida**, filho de Joaquim de Almeida Dias e Costa, e Luísa Maria de Jesus, nascido e batizado na vila de São Pedro do Sul, bispado de Viseu, Concelho de Dão-Lafões, no Reino de Portugal. **Anna da Silva Mafra**, filha de João da Silva Mafra e Laureana Rosa de Jesus, nascida e batizada na freguesia do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição, da vila de Itajaí. Casamento realizado no



lugar Volta Grande, em casa de residência de João da Silva Mafra, com autorização do vigário da vara. Testemunhas: José da Silva Mafra e Francisco José Gonçalves Tabalipa. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário de Camboriú, com licença do vigário Antônio Francisco Nóbrega.

29.07.1867 – **Manoel José da Silva**, filho de Bernardino José dos Santos e Ignacia Rosa da Silva. **Maria Umbelina de Jesus**, filho de João Pinheiro e Umbelina de Jesus. Ambos desta freguesia, moradores em Machados. Testemunhas: Antônio Luiz de Souza Bella Cruz e Jacinto Theodoro Rodrigues. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário interino.

03.08.1867 – **Ignacio Antônio do Nascimento**, filho de Francisco Antônio do Nascimento e Maria Rosa de Jesus. **Iria Maria do Rosário**, filha de Domingos da Silva e Maria do Rosário, Ele, natural desta freguesia. Ela, natural de Nossa Senhora da Graça de São Francisco Xavier do Sul. Moradores em Itaipava. Testemunhas: Francisco Antônio dos Reis e Pedro Müller Junior. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário interino.

03.08.1867 – **Jacinto Antônio dos Santos**, filho de José Antônio dos Santos e Maurícia Ignacia de Jesus. **Francisca Rosa de Jesus**, filha de Marcelino José da Silva e Thomasia Rosa da Conceição. Ambos naturais e batizados na freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Camboriú e moradores no Rio Pequeno, de Camboriú. Testemunhas: Felício José Matheus e José Joaquim de Azeredo Junior. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário interino.

05.08.1867 – **José Vicente Gonçalves**, filho de Vicente Luciano Gonçalves e Alexandrina Rosa de Jesus. **Maria Joaquina Borges**, filha de Manoel Pita Borges e Maria José Pita. Dispensados do impedimento de consanguinidade no quarto



grau atingente ao terceiro. Nascidos e batizados em Penha do Itapocorói, moradores no lugar Mato Grosso, de Penha. Testemunhas: José Joaquim Martins e Jacinto de Souza Soares Filho. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário interino.

03.09.1867 – **João Baptista Moura**, viúvo de Rita Maria da Veiga. **Maria Josephina da Veiga**, filha de José Maria da Veiga e Josephina Maria da Veiga. Ambos desta freguesia e nela moradores. Dispensados do impedimento de afinidade lícita em primeiro grau da linha transversal. Testemunhas: Antônio Pereira Liberato e Jacob Müller. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário interino.

07.09.1867 – **Antônio José Vaz**, filho de João José Vaz e Ermenegilda Lodovina da Silva, natural desta freguesia. **Rosa Maria de Jesus**, filha de Felipe Antônio de Santiago e Delfina Maria de Jesus, natural de Porto Belo, e aqui residente. Lugar de residência dos noivos: Luís Alves. Testemunhas: Antônio Pereira Liberato e José Pereira Liberato. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário interino.

07.09.1867 – **Joaquim Mafra**, filho de Joaquim da Silva Mafra e Florinda Joaquina de Jesus. **Delfina Rosa de Jesus**, filha de José Lauriano da Silva e Anna Florência de Jesus. Ambos naturais e residentes em Penha. Testemunhas: Antônio Floriano da Costa Silveira e José de Souza da Costa. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário interino.

03.10.1867 – **Joaquim João Maria**, filho de João Maria da Veiga e Vicência Rosa de Jesus, natural desta freguesia. **Júlia Laurentina Antônia**, natural de Tijucas, viúva de Salvador Correa da Silva, moradora nesta freguesia. Os noivos, residentes no lugar Rio Pequeno. Testemunhas: José Francisco Garcia e Fernando Antônio Martins. Padre João Rodrigues de Almeida, vigário interino.

23.11.1867 – **Manoel Luís Correia**, filho de João Luís Correia e da falecida Eufrásia Rosa de Jesus, natural de São Miguel. **Anna Joaquina de Jesus**, filha de Joaquim Feliciano dos Santos e Senhorinha Angélica de Jesus, desta freguesia. Testemunhas: Manoel Francisco d'Oliveira e Jacinto José dos Santos. Padre Miguel Ruggiero, vigário.

03.12.1867 – **José Antônio de Vargas Pizarro**, filho de Antônio Francisco Vargas e Joaquina de Rosa Vargas, natural da Corte do Rio de Janeiro. Dona **Maria Carlota Rodrigues**, filha do tenente Antônio José Rodrigues e dona Maria Tibéria Rodrigues, natural de Desterro. Testemunhas: Antônio Pereira Liberato e José Pereira Liberato. Padre Miguel Ruggiero, vigário.

05.12.1867 – **José Policarpo da Costa**, filho de Policarpo José da Costa e Rosa Ignacia de Jesus. **Bernardina Maria de Jesus**, filha de

José Anacleto Ferreira e Maria Rosa de Jesus. Ambos naturais e batizados em Penha. Dispensados do impedimento de consanguinidade em terceiro grau igual da linha transversal. Testemunhas: Francisco de Paula Vieira e André Caetano Vieira. Padre Miguel Ruggiero, vigário.

09.12.1867 – **José Ignacio de Mendonça**, filho de João Ignacio e Luzia Rosa de Jesus. **Serafina Rosa**, filha de Silvano Joaquim de Lima e Victorina Rosa de Jesus. Ambos desta freguesia. Testemunhas: Felício José Borges e Agostinho Anacleto Cardoso. Padre Miguel Ruggiero, vigário.

09.12.1867 – **Bento Manoel da Silveira**, filho de João Manoel da Silveira e da falecida Maria Ignacia de Jesus, natural de Penha do Itapocorói. **Maria Alexandrina de Jesus**, filha de Ricardo Gonçalves Ribeiro e da falecida Alexandrina Rosa de Jesus, natural de Porto Belo. Testemunhas: Policarpo Gonçalves Ribeiro e João José Custódio. Padre Miguel Ruggiero, vigário.

Fonte: Livro de Casamentos 1865-1876 da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, depositado no Arquivo Histórico Eclesiástico da Cúria Arquidiocesana de Florianópolis.





TODA A BONDAD E TODA A FORÇA
QUE PODE SUSTENTAR A VIDA ESTÁ NO AMOR



se essa rua fosse minha...

Paulo Rogério Maes - Memorialista

SE ESSA RUA, SE ESSA rua fosse minha; eu mandava, eu mandava ladrilhar; com pedrinhas com pedrinhas de brilhante... assim diz o cançãoeiro popular. Cada vez que eu passo por ela esta canção ressurge lá dentro da memória, um sorriso brota na face como se estivesse lembrando um bom filme, uma boa música. As lembranças renascem, está tudo ainda bem focado; é só começar a pensar e as lembranças chegam rapidamente, uma atropelando à outra.

Quando motivado a escrever para este anuário, pensei: vou relembrar do pedacinho que mais amo da minha Itajaí, o pedacinho onde nasci, vivi minha infância e adolescência e parte da minha vida adulta... a minha Rua Blumenau.

Seu primeiro nome, “Rua Fluvial”, pois em grande parte ela acompanha o Rio Itajaí-Açu, iniciava na Praça do Gonzaga ou “Jardim dos cachorros” e terminava beijando as águas lá na Barra do Rio.

Essa proximidade com o rio, esse abraço fraterno de rio e rua, fez com que suas atividades, sejam elas quais sejam, voltassem-se todas para o rio. O rio era porta da frente da Rua Blumenau.

Primeiro um areal, que foi macadamizado, depois recebeu pavimentação com paralelepípedos e foi a primeira rua de Itajaí a receber asfalto.

Sem dúvida foi, no século passado, a mais importante via de Itajaí; ela era a ligação mais fácil do Sul com o Norte do nosso país:

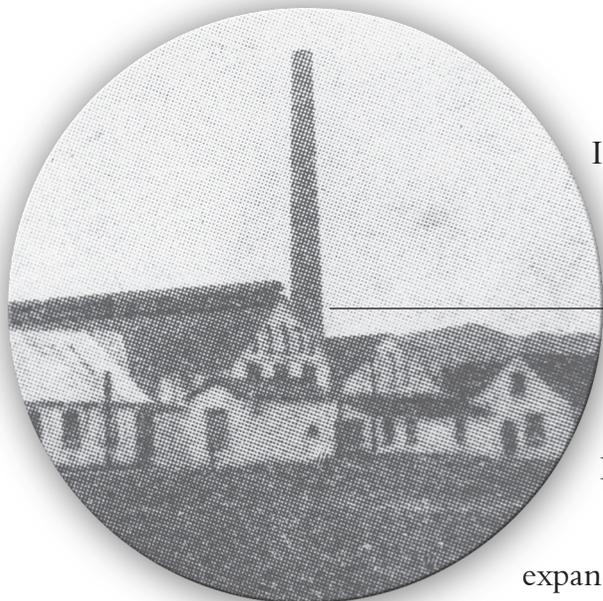


se alguém viesse do Rio Grande do Sul via litoral para ir ao centro do país, ou do centro do país para o Rio Grande do Sul, tinha que passar pela Rua Blumenau. Além dessa ligação rodoviária nela situava-se o aeroporto “Salgado Filho”, onde os aviões da Real, da Cruzeiro do Sul, da inesquecível Varig, faziam pousos e decolagens, ligando Itajaí, via aérea, a grandes cidades, levando e trazendo passageiros de todas as partes. O aeroporto era o local onde se recebiam as pessoas famosas, visitas ilustres que se deslocavam através da Rua Blumenau até o centro da cidade ou para cidades vizinhas.

Anexo ao aeroporto ficava o Aeroclube onde horas passamos olhando o subir e descer dos Teco-tecos sonhando estar pilotando um deles.

Por via marítima, ligava-se à Capital Federal da época e a outros portos do país, através dos trapiches usados para a movimentação de mercadorias, principalmente as “madeiras de lei”.

A construção de barcos e pequenos navios, necessária para o desenvolvimento das atividades dos pequenos portos, proporcionou o aparecimento de pequenos estaleiros que se estabeleceram às margens do rio e da rua pelas suas proximidades.

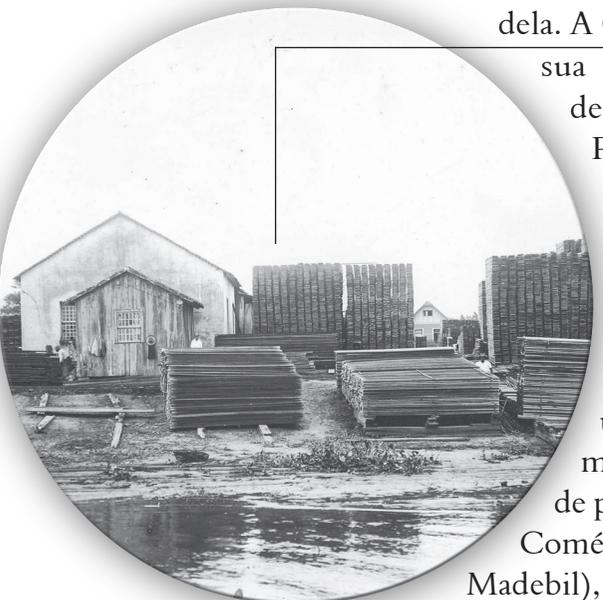


Sempre acompanhou os ciclos econômicos de Itajaí. Na fase industrialista, se estabeleciam nela indústrias como Usina de Açúcar Adelaide, a Companhia Itajaiense de Phósforos, Cia Fábrica de Papel Itajaí, isso lá pelos idos dos anos vinte e trinta.

Importadoras e exportadoras como a Bornhausen & Cia, a Navegação Itajaí (NAVITA), a primeira importadora de caminhões Mercedes Benz, e a Navegação Antonio Ramos.

As fortes casas de comércio estabelecidas na cidade expandem suas atividades a outros setores da economia, como a indústria da manufatura, principalmente a manufatura e beneficiamento de produtos primários e se estabelecem ao longo dela. A Cia Malburg, potencia econômica da época, estende

sua área industrial para a Rua Blumenau, com seu depósito e também o seu descascador de arroz. A Casa Ramos, do “Seu Tônico Ramos”, um dos maiores atacadistas da cidade, com seu descascador de arroz e torrefação de Café, que mais tarde deu lugar ao Moinho de Trigo Peônia.



A ascensão do ciclo de exportação de madeira, especialmente após a Segunda Grande Guerra, traz um grande impulso para a Rua Blumenau. Grandes madeireiras exportadoras e beneficiadoras de madeira de pinho ladeiam-na em toda a sua extensão... Indústria e Comércio de Madeiras, a Pagnoceli, Pratense, Unidas (depois Madebil), Pimal, Casteli, Batistela, Samarco, Marcelinense,

Lepper, Douat, entre tantas outras. Todo dia amanheciam inúmeros caminhões estacionados, vindos da serra catarinense, carregados de tábuas de madeira de pinho para descarregarem nas madeireiras. Ela era vinte e quatro horas. Na sua mão esquerda estabelecia-se um comércio secundário necessário às suas atividades econômicas: postos de gasolina, oficinas mecânicas e de bicicletas, barbearias, hotéis, bares e bordéis; a mão direita próxima ao rio era reservada para as suas atividades maiores. Dia e noite circulavam os pequenos tratores Ford, com suas caçambas carregadas de tábuas levando-as dos pátios das madeireiras até o porto para serem embarcadas em grande chatas com destino a outros países.

Nas madrugadas os colonos com seus veículos estranhos desciam através dela para abastecer a cidade com seus produtos, as carroças passavam em direção às feiras

do centro. Amanhecia com os padeiros batendo as portas das carroças de pão, leiteiros distribuindo leite, pombeiros gritando e anunciando seus peixes pendurados nas varas de bambu... pescadas, robalos, linguados, corvinas, fresquinhos pescados lá dos lados do Gravatá e da Armação.

À medida que as horas do dia avançavam, seu movimento avançava junto: caminhões, carros de passeio, ônibus intermunicipais e interestaduais, carroças e bicicletas nos dois sentidos da via circulavam levando e trazendo através dela o progresso da cidade.

Os ônibus coletivos “pra cima e pra baixo” – Aonde vais? Vou lá em baixo. Queriam dizer ir até o centro da cidade. Quem tinha paciência embarcava no ônibus do “Seo” Adolfo Lima para ir para Blumenau, parava em qualquer lugar, quem tinha pressa ia com a Catarinense ou para outras cidades com o Rápido Sul Brasileiro.

Talvez tenha sido a primeira a ocorrer congestionamento de veículos e filas; dos caminhões trucados para descarregar o tabuado nas madeireiras ou as filas para atravessar o rio pela balsa da “Barra do Rio”, principalmente, nos meses de verão.

Curiosamente foi nela que pela primeira vez transitou um automóvel em Itajaí, pois foi nela que o Sr Busso Asseburg aprendeu a dirigir; ele que foi o proprietário do primeiro automóvel da cidade.

Seus residentes, muitos, moravam nas suas próprias casas comerciais, já que a sala comercial era apenas um cômodo da casa. Outros em residências particulares, que se caracterizavam pelas frentes de alvenaria e o restante de madeiras de “lei”, e se intercalavam entre as empresas e o comércio.

A sua parte norte era a mais residencial, onde ela se afastava do rio e confrontava com a pista do “Campo de Aviação”.

Para tantas atividades econômicas era necessária muita mão de obra, a mecanização era quase nula, tudo dependia das mãos e braços do homem. No ciclo da madeira, nas madeireiras a descarga dos caminhões, o empilhamento da madeira, sua classificação e marcação à carga dos tratores para embarque, tudo era feito manualmente.

Estes trabalhadores moravam em pequenas e estreitas ruas, em seu entorno, que formavam com ela como num pequeno bairro, e eles até se consideravam moradores da Rua Blumenau.



Suas casas eram pequenos chalés e bangalôs, construídos em madeira imperavam absolutos nas ruas. Quase todos construídos de madeira, abundante e barata na época. As marcas das casas de madeira eram as pequenas varandas, que muitos chamavam de “áreas”, e as janelas “venezianas” de madeira, duas faces, com vitrôs por dentro que corriam em trilhos no sentido vertical. A maioria delas era conhecida por nomes populares como a Rua do Supilho, a Coloninha e a da Terrestre, a Max, a Felício Maes, a Zé Quirino, Stringari, Navita, a do Campo da Aviação (Herta Thieme), os becos da Bananeira, do Ieca, do Anísio, do Adão, do Quilombo e o Sem nome.

Nós, a meninada, além das brincadeiras normais da época, tínhamos às relacionadas com atividades da nossa rua. Nos finais de semana, quando as madeireiras não trabalhavam, e os vigias permitiam, andar de “vagonete” sobre os trilhos, caçar ninhos de pardais nas cumeeiras dos galpões, trepados na pilhas de madeira, ou jogar uma “peladinha de futebol” num espaço vago. Cada rua tinha o seu campinho, mesmo que fosse a própria rua ou um terreno baldio. Era neles que realizávamos os campeonatos “rua contra rua”. Nós da Rua Blumenau tínhamos campinhos que marcaram época, como o do “campo da aviação”; o dos “Dauer”, lá na Barra do Rio; o campinho da “Batistella” e o da “Bornhausen”, estes últimos dois só usados nos finais de semana ou à tardinha quando as empresas não tinham movimento.

Descer escorregando até o rio nas pilhas de cascas de arroz nos descascadores sem se incomodar com o “pico ou a coceira”.



Ah! O rio, o rio era nosso reino. Os banhos de rio, muitas vezes pelados para não molhar a roupa e chegar em casa sequinho. A pesca dos siris, camarões guerrudos, pescadinhas, corvininhas, os “micheles” (pequenos bagres) e as “cabozas”.

Como esquecer o Grêmio XXI de Julho, das domingueiras e bailes memoráveis. Nos carnavais, além dos animados bailes e domingueiras, foi multicampeão do Carnaval de Rua de Itajaí, com seus carros alegóricos deslumbrantes, suas rainhas e seus personagens dançarinos. Foi por muito tempo chamado de “Salão do Ramos”, pois seu grande benemérito foi sem dúvida o Senhor Antônio Ramos (Tônico Ramos), armador proprietário da Empresa de Navegação Antônio Ramos e forte industrial e atacadista da Rua Blumenau.

Falar da Rua Blumenau e não falar de futebol é blasfêmia; foi sede do único time itajaiense campeão catarinense dentro do campo, O CIP – Companhia Itajahyense de

Phósphoros Foot-Ball Club, fundado em 27 de outubro de 1936, por um grupo de operários e um grupo de jogadores dissidentes do Clube Náutico Marcílio Dias (time da elite da época). Pertencia a Cia Itajaiense de Phósphoros, situada na Rua Blumenau. A sede e seu campo de jogos ficavam próximos a fábrica.

Dois anos após a sua fundação, foi Campeão Catarinense de Futebol. Para chegar à final do Campeonato Catarinense de 1938, o CIP foi campeão da fase regional do Vale do Itajaí e, na etapa estadual eliminou o Avaí de Florianópolis na semifinal. A histórica decisão catarinense foi disputada em 16 de abril de 1939, contra o Atlético de São Francisco, vencida por 2 x 0. O torcedor do CIP era chamado de Cipano. Minha família era toda Cipana. O Rubro Negro da Rua Blumenau foi desativado em 1944.

Ah! Minha Rua Blumenau... seus personagens: o “Tilinho”, o “Manduca” o “Poróca”, o “Joãozinho”, o “João Cuca”, seus boêmios ... o “Vai Querer” o Adílio, seus bêbados, seus valentões...

Que saudade do Hotel do seu Nino Linguça, da loja do seu Anísio Costa, da sorveteria do seu Maneca Barbeiro e da do seu Pedro Pasta, da Barbearia do Lila e do Pupe, do Bazar Blumenau do seu Peter Ostermann, do Posto dos Deschamps, do Posto do Henrique, da verdureira do Marinho, da oficina de bicicletas do Laércio, da farmácia do seu Müller... Enfim, da Oficina Mecânica do meu pai.

Hoje, minha Rua esta abandonada, desprezada, violentada, sufocada, moribunda ...

É a ganância vencendo sentimentos... O progresso é necessário... O progresso é necessário... como um mantra isto é dito e o homem vai se afastando da natureza e passa a viver em cavernas de paredões de cimento e aço.

O tempo é a única prova segura de tudo. Não é o crítico mais severo: mas, sobretudo, é o crítico mais justo e preciso. Nós não podemos julgar do valor disto ou daquilo, porque só o tempo pode julgar. O tempo dar-lhe-ás o valor que merecem. O Julgamento das futuras gerações também podem ser implacáveis. Tenham todos em mente que a história é implacável. A história não perdoa de nenhuma maneira.

Não tenho dúvidas, havia mais vida nas casas de madeiras mortas da nossa rua do que nos edifícios lotados de vizinhos que nem se conhecem.







NEGRO

E TRANSPARENTE

A invisibilidade do escravo na região da foz do Itajaí

Diogo Pereira Ferraz - Acadêmico de História

*Aos homens e mulheres do século XVIII,
que de alguma forma resistiram à escravidão.*

O ANO ERA 1866, QUANDO NO DIA 02 DE JANEIRO, o juiz Dr. Balbino Cesar de Mello, ordenou através do documento lavrado pelo escrivão José Dias de Miranda, o comparecimento de Thomas Antônio Pereira na residência do referido juiz. Na Vila do Santíssimo Sacramento de Itajaí, às dez horas do dia 04 do mês e ano já citados, para responder as acusações que pairavam sobre a sua pessoa. Mas quais acusações pesavam sobre ele, um “homem de bem”¹. E de quem se originava a queixa de tal processo? É o que iremos ver no teor do ofício expedido:



O doutor Balbino Cesar de Mello, juiz municipal desta Vila de Itajaí e seu termo por sua majestade imperial. Mando a qualquer oficial de justiça notificar o curador de Albino e Miguel, e intimar Thomas Antônio Pereira, morador na freguesia de Camboriú, para comparecer nesta Vila e casa de minha residência às dez horas da manhã, do dia quatro d janeiro, a fim de servir o processo pelos crimes especificados nos art.181 201 do código criminal, [...] a assim mais interessa as testemunhas Antônio Francisco Borges, Manoel José Rebello, Joaquim José Rebello, Antônio Francisco de Souza Mendes e Antônio Jose da costa, para comparecerem no referido dia hora e lugar, [...] que se cumpra. Villa de Itajaí 2 de janeiro de 1866.

Eu Jose Dias de Miranda, escrivão interino [...]².

Os artigos 181 e 201 do código criminal do Império do Brasil³, equivaleriam nos dias de hoje ao cárcere privado e a lesão corporal. Mas quem seria a pessoa que Thomas Antônio Pereira teria imposto tal flagelo? Seria ele um esposo violento ou quem sabe um pai amargurado? De onde vinha à voz clamando por justiça? Da casa grande? Não! O choro provinha da senzala, e não ecoava somente de uma boca, mas de duas, a de Albino e de Miguel.

Albino era natural de Porto belo, filho do já falecido escravo Manoel, na ocasião tinha quarenta anos, era noivo não se sabe de quem. Lavrador de profissão, não aguentara os maus tratos do seu senhor como ele mesmo relata em seu depoimento:

[...] Perguntado como se tinha passado o fato alegado [...] respondeu que seu senhor, Antônio Thomas Pereira o maltratava do modo seguinte. Já obrigando a trabalhar nos domingos e dias santificados, já o privando do seu sustento e já encarcerando em prisão, mesmos nos dias acima dito, não lhe permitindo trabalhar para seu sustento vestuário que ele senhor não lhe dá. Além disto, o castiga sem merecer, [...] por logo não lhe é possível suportar tal senhor. E por nada mais foi perguntado, nem respondido [...]².



Assim como Albino, Miguel era de Porto Belo e lavrador, mas solteiro. Sua falecida mãe Cesárea, talvez não soubesse, do maior bem que seu “pequeno” rebento tinha dentro de seu jovial coração de dezoito anos. O tesouro que Miguel carregava consigo, escondido debaixo das inúmeras agruras que suportara até aquele momento, era a sua coragem. Pois submetido ao domínio e poder de outros, era preciso tenacidade ao escravizado para se queixar acerca de sua condição degradante.

Fugas, o uso da violência e, em situações extremas, o suicídio, eram alternativas tradicionais de resistência dos escravos. Além destas práticas revoltosas e de autodestruição, presentes em um país escravista como o Brasil, havia ainda a possibilidade de buscar na justiça um amparo para uma existência menos sofrida.

Aviolência marcava a relação de controle social entre senhores e escravos. O castigo como prerrogativa dos poderes dos senhores sobre seus escravos teve consequências que corroboraram para a criação de normas que regulavam o relacionamento entre ambas as partes, apesar do estado de coisificação que era submetido o elemento servil.

Isso garantiu certo respaldo aos escravos em questionarem o poder de seus senhores, quando estes incorriam em abuso dessas normas. Normas estas que procuravam reger a administração e manuseio dos escravos. O uso do castigo era uma

prática comum e aceitável, porém, esse castigo deveria ser justo, corretivo, educativo e exemplar. Assim, apesar dos castigos serem admitidos como algo natural, era conhecimento disseminado que deveriam ser moderados.

Geralmente, uma questão judicial tinha início com um requerimento assinado por uma pessoa livre e a nomeação de um curador, como veremos a seguir:

1866

Juiz municipal da Vila do Santíssimo Sacramento de Itajaí comarca de Nossa Senhora da Graça da Província de Santa Catarina.

Escrivão interino

Miranda

Autos Crimes

Albino e Miguel, por seu curador

Manoel José Soares Vianna

Thomas Antônio Pereira

Autuação

Ano do nascimento do nosso senhor Jesus Cristo de mil oitocentos oitenta e seis, aos dois dias do mês de janeiro do dito ano, nesta Villa de Itajaí, em meu cartório autuo a portaria que adiante segue, do que para constar faço esta autuação. Eu Jose dias de Miranda, escrivão interino que escrevi².

Era fundamental o acesso ao curador, visto que, sem esta figura o escravo teria inviabilizado o seu pleito na justiça. Como nos mostra o próximo documento, lavrado em 2 de janeiro de 1866:

[...] O escrivão Miranda, notifique a Manoel José Soares Vianna, para representar neste juízo, as pessoas de Albino e Miguel, escravos de Thomas Antônio Pereira [...] visto que os escravos não podem queixar-se, da sua servidão terminante dispõe o art.7552 do código do processo criminal cuja faculdade, só lhes é permitido por intermédio de curador, para se queixarem, como pretendem os mesmos de seu senhor. Pelo que mando o intimado curador, se apresente para lhe deferir na forma da lei, sendo este auto que se cumpra.

O juiz municipal Dr. Balbino Cezar de Mello[...] ².





A nomeação do curador pelo juiz visava garantir, sobretudo, a proteção do cativo, salvaguardando-o de qualquer represália por parte do senhor. Algumas vezes era o curador o fiel depositário dos escravos mas, somente pelos autos do processo de Miguel e Albino, fica difícil saber quem realmente era a pessoa de seu curador e se estes foram acolhidos por Manoel José Soares Vianna (no caso seu curador) ou foram encaminhados a cadeia pública da cidade de Itajaí, assim como fora recolhido outrora o escravo Adão.

Adão desembarcara no porto de Itajaí no dia 17 de agosto de 1865; veio à bordo do patacho Alice (embarcação de dois mastros), proveniente da cidade do Rio de Janeiro, na época Capital do Império. Posteriormente, foi encaminhado pelo Capitão da embarcação até a cadeia da Vila de Itajaí, onde ficaria “depositado” aguardado seu dono vir retirá-lo⁵.

A chegada de Adão a Itajaí nos traz alguns questionamentos acerca do fluxo de escravos, entre as províncias, após a Lei Euzébio de Queirós, datada do ano de 1850. A lei proibiu o tráfico transatlântico de escravos mas, no entanto, aumentara o tráfico de cativos entre as províncias. Seria Adão proveniente de que região do Império? Fora trazido de uma fazenda da região nordestina que enfrentava a crise açucareira da época? Ou, quem sabe, tenha tido o mesmo destino de Joaquim, escravo africano comprado por Felipe Maria de Noronha no primeiro dia de dezembro do ano de 1863, sendo arrancado de sua terra natal, o continente africano⁶.

É interessante somarmos aos casos de Adão e Joaquim a negociação feita entre José Lamin (comprador) e João da Silva Mafra (vendedor), do escravo também africano de nome Carmo⁷. Carmo custara a José Lamin 130,000 reis, uma quantia pequena se comparado ao valor de 800 mil reis, dado ao escravo Orcato, de 22 anos de idade, presente no inventário de Vicente Soares da Costa. Consta também nos autos do Inventário, como bens a serem partilhados, uma escrava crioula de nome Carlota, 35 anos, no valor de 600 mil reis; Claudina, 8 anos, 300 mil reis; Maria, 6 anos, 300 mil reis; Amaro, 2 anos, 200 mil reis e Bento, de apenas 10 meses, no valor 100 mil reis⁸. Diante destas informações, inúmeros questionamentos surgem à mente, mas por hora mantenhamos nosso foco em Carmo.

É provável que ele fosse um senhor idoso, pois o valor fixado a ele condiz a um escravo ancião e que há muito estava em terras brasileiras. Dificilmente uma pessoa de idade avançada suportaria uma travessia em um navio negreiro. Mas, com certeza, era detentor de determinado conhecimento que interessava a José Lamin. Que dom seria este? Difícil saber.

As relações sociais construídas pelos escravos, dentro do seu círculo de convívio, representava um poderoso artifício no momento de buscar amparo na justiça. Suas relações pessoais com homens livres era uma importante prerrogativa para ter acesso à estrutura jurídica. É provável que Albino e Miguel soubessem disto; o ímpeto de denunciar seu senhor somente se concretizaria depois de terem a certeza do auxílio das pessoas certas, pois sem esta prerrogativa seria inviável tal empreitada. Podemos perceber que todas as cinco testemunhas juramentadas, que deram seu depoimento no caso dos dois escravos, eram moradores das cercanias onde ocorreram os fatos.



Quando o negociante Joaquim José Rebello, de 30 anos, foi inquirido pelo Juiz sobre o que sabia acerca dos fatos que tratava a petição. Este respondeu que ouviu dos próprios escravos os maus tratos que o indiciado os infligia e que, se compadecendo da situação, deu a Albino um par de calças e uma camisa².

A falta de alimentos e vestuário também se fez presente no depoimento de Manoel José Rebello, negociante de 39 anos, casado e morador de Camboriú. Outro ingrediente que seu relato nos traz é que, apesar dos escravos Albino e Miguel serem obedientes ao seu senhor, este os maltratava. Assim como a testemunha anterior, ele se enterneceu diante da situação daqueles dois homens, dando-lhes também o que vestir. No entanto, não soube responder se eles eram trancafiados aos domingos e dias santificados (aos escravos era dado o direito de guardarem os domingos e dias santos, todavia, esta generosidade tinha o intuito de educar e controlar através da doutrina católica).

Obedientes, maltrapilhos e sem o sustento necessário. Foi assim que descreveu Antonio Francisco de Souza Mendes os dois escravos, pertencentes ao indiciado Thomas Antonio Pereira. Conforme consta no depoimento da testemunha, o mesmo “tem visto várias vezes Albino passeando, nos domingos e dias santos”, porém não sabia se o acusado maltratava e encarcerava os dois escravos.

Como podemos observar, era notória a situação trágica dos escravos de Thomas Antonio Pereira. Ao ponto de nem mesmo o seu compadre, o português António José da Costa, de 70 anos, amenizar em seu depoimento a execrável realidade dos cativos, reafirmando o que as outras testemunhas já haviam dito com relação ao sustento e suas vestimentas.

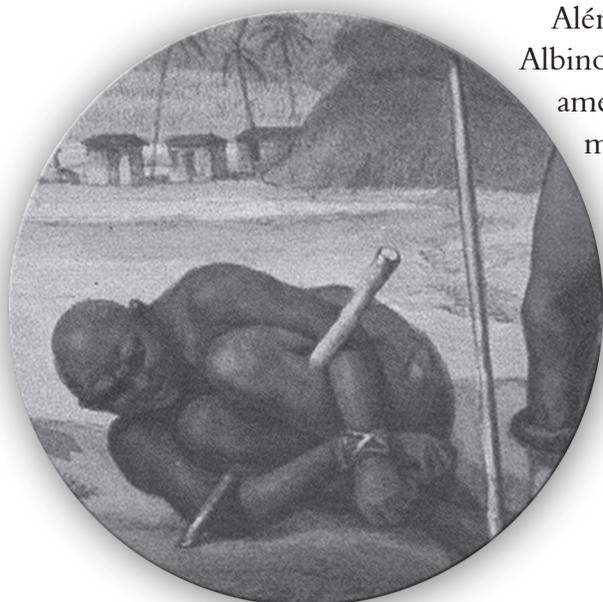
Mas o que fez com que estas pessoas se envolvessem em tal querela? Talvez uma dívida não paga por Thomas Antonio Pereira a algum deles? Ou uma desavença entre

vizinhos seria um pretexto para justificar tal envolvimento? Ou ainda, o compadecimento pela situação deplorável dos escravos? Nunca saberemos o que motivou essas pessoas a darem seus testemunhos no caso dos dois escravos. O que temos de concreto provém da escrita dos seus relatos. Relatos como o de Antonio Francisco Borges:

[...] Antonio Francisco Borges, idade quarenta e nove anos, profissão marceneiro, casado, morador na Freguesia de Camboriú, termo desta Vila, natural da cidade de Salvador. Testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro em que repousou sua mão direita e prometeu dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado. Sendo perguntado sobre os fatos constantes da petição. Respondeu ser verdade que os curatelados Albino e Miguel, são obedientes a seu senhor a quem prestam serviços. Pois a testemunha o afirma, por ele ter observado durante o tempo que esteve trabalhando em casa do indiciado. Sobre mais que estes curatelados são maltratados pelo indiciado em consequência da má índole da mulher do mesmo, que obriga a maltrata-los como ele testemunha observou durante os meses que ali esteve. Privando-os de vestuário e de subsistência, tanto que ele testemunha, compadecendo-se deles, tem lhes dado vestuário. Disse mais, que tem uma escrava de nome Maria Luisa, do indiciado a qual já não sai de casa por andar nua e crua. Finalmente disse que o indiciado os prende na casinha que só tem uma única porta de saída, o que afirma pela razão já dita. E dado a palavra ao curador dos curatelados e por este foi dito que nada tinha a requerer feito o depoimento da testemunha. E por nada mais saber, nem lhe ser perguntado, deu por findo este depoimento, depois de lhe ser lido conforme assegurou com o juiz do que tudo dou fé. Eu José Dias de Miranda, escrivão interino que os escrevi. Itajaí 4 de janeiro de 1866.

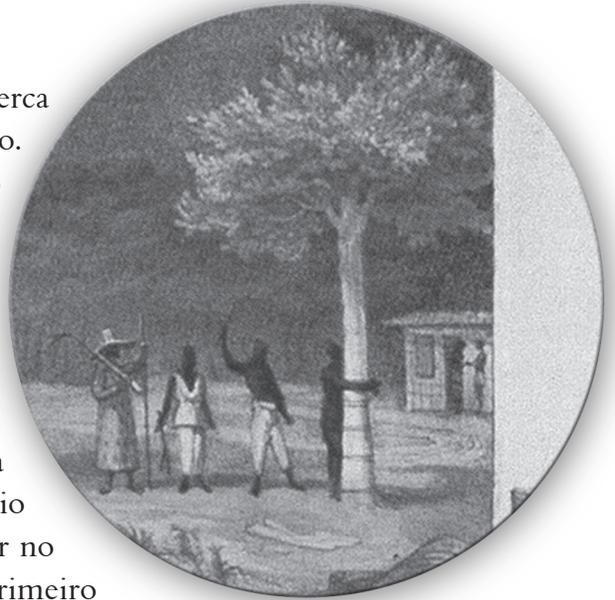
Escrivão interino Jose Dias de Miranda [...]².

Além dos maus tratos que foram impostos a Miguel e Albino, e que nos são apresentados de uma maneira muito amena na escrita do documento (com certeza foram muito mais horrendos que a simplória descrição trazida pelo escrivão), há algo que chama a atenção nele. As duas mulheres citadas, quem realmente eram? De uma delas sabemos somente o nome, Maria Luisa. Seria ela a noiva de Albino? E que tipo de mulher seria a esposa de Thomas Antonio Pereira, figura obscurecida pelo tempo. Os indícios encontrados até aqui só nos possibilitam conjecturar acerca destas duas mulheres.



Assim como conjecturar é o que nos resta a fazer acerca do destino de Rita e de seu (provável) esposo Antônio. Ambos escravos de Maximo Jose Pereira, como consta no inventário que tachou de imprestável, o companheiro de Rita, devido seu estado de saúde. E sendo 25,000 reis o preço a ser pago pela liberdade da cativa⁹.

Liberdade que Francisco e Joaquim só teriam depois que Horamaria Maria de Jesus, proprietária de ambos, viesse a falecer. Dona Horamaria não queria correr o risco de ter sua vontade contrariada, por isso veio da Freguesia de Nossa Senhora da Penha para registrar no dia 4 de janeiro de 1864, no Cartório de Imóveis do Primeiro Ofício de Itajaí, sua vontade póstuma¹⁰.



Particularmente ao negro, prevalece uma invisibilidade social e simbólica ao mesmo tempo em que ainda predomine, em Santa Catarina, a autoimagem de um estado branco e moderno, construído pelas figuras heróicas dos imigrantes europeus e seus descendentes.

Ainda que no senso comum permaneça uma visão equivocada acerca da região do Itajaí e seu povoamento, os estudos hoje já não mais se ocupam do negro de forma ligeira, acidental ou negligente. Malgrado os avanços alcançados nos últimos anos pelas ciências humanas e sociais na compreensão do passado e do presente do negro na região, muita coisa ainda resta a ser investigada.

Este texto pretendeu ser, até certo ponto, um voo panorâmico sobre a presença do negro e sua participação como sujeito histórico a partir de pequenos exemplos extraídos de um passado ainda a ser mais estudado.

NOTAS DE FIM

¹. Segundo Vainfas, homens de bem ou homens bons eram, no Brasil Colonial e Imperial, aqueles “[...] que reuniam condições de pertencer a um certo estrato social, distinto o bastante para autorizá-lo a manifestar sua opinião e a exercer determinados cargos”. In. VAINFAS, R. **Dicionário do Brasil Colonial** (1500-1800). RJ: Ed. Objetiva, 2002, p285.

². Fundo: Judiciário Série: Processos Criminais Caixa: 1A Ano: 1864/1872 Auto: 73 Processo, Centro de Documentação e Memória Histórica, Itajaí/SC.

³. CODIGO CRIMINAL DO IMPERIO DO BRAZIL , LEI DE 16 DE DEZEMBRO DE 1830. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm. Acessado em 24.04.2016.

⁴. Fundo: Judiciário Série: Inventários Caixa: 01 Ano: 1861/1887, Arquivo Municipal de Itajaí.

⁵. Processo nº 168, de 1865, que se encontra no fundo judiciário do século XIX. Centro de Documentação e Memória Histórica, Itajaí/SC.

⁶ Fundo: Cartório de Registro de Imóveis – Primeiro ofício de Itajaí, Serie: livro 003 Caixa: 01 Ano: 1863/1864 Código: F.C./01 Certidão de compra e venda-Página28, Centro de Documentação e Memória Histórica, Itajaí/SC.

⁷ Fundo: Cartório de Registro de Imóveis – Primeiro ofício de Itajaí, Serie: livro 003 Caixa: 01 Ano: 1863/1864 Código: F.C./01 Certidão de compra e venda-Página30, Centro de Documentação e Memória Histórica, Itajaí/SC.

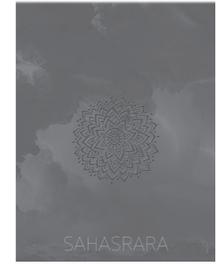
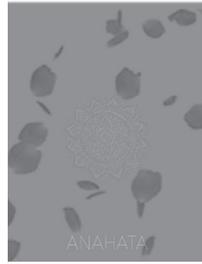
⁸ Fundo: Judiciário, Série: Inventários, Caixa: 01 Ano: 1861/1887. Centro de Documentação e Memória Histórica, Itajaí/SC.

⁹ Fundo: Judiciário, Série: Inventários, Caixa: 01 Ano: 1861/1887. Centro de Documentação e Memória Histórica, Itajaí/SC.

¹⁰ Fundo: Cartório de Registro de Imóveis – Primeiro ofício de Itajaí, Serie: livro 003 Caixa: 01 Ano: 1863/1864 Código: F.C./01 Certidão de compra e venda-Página29, Centro de Documentação e Memória Histórica, Itajaí/SC.







projeto

#yoganaarua

Suélen Sandri Pereira - professora de yoga

“É muito lindo de sentir a energia positiva que se forma com a união do grupo e a mudança das pessoas no final de cada prática de yoga, onde as pessoas sentem-se mais leves, relaxadas e alegres” (S. S. Pereira).

YOGA É UMA PALAVRA DE ORIGEM DO SÂNSCRITO, que tem vários significados e um deles é unir, unindo ou união. Busca-se a união do corpo, mente e espírito.

O yoga é uma prática de autoconhecimento que busca, principalmente, o cessar das oscilações da mente através das posturas psicofísicas e exercícios respiratórios preparando o corpo para o seu estado natural que é o meditativo.





Buscando o equilíbrio do corpo, mente e espírito, a pessoa permanece mais consciente de suas ações, conectando-se no aqui e no agora onde se torna mais feliz, plena e realizada, pois o passado já se foi e o futuro não se sabe, mas a grande dádiva que se tem é o presente momento.

O yoga torna as pessoas mais felizes, pois o olhar está da pele para dentro; ocorre um mergulho profundo nas sombras e reconhece-se a luz dentro de si; forma pessoas, cidadãos auto responsáveis e disponíveis a ajudar as pessoas ao seu redor, erigindo uma cidade melhor; logo, um mundo melhor.

E numa conversa de amigos, pensando em compartilhar todos esses benefícios do yoga para mais pessoas além da sala de aula, surgiu o projeto #yogamarua em 2017.

O encontro acontece todo terceiro sábado do mês ao ar livre. O local escolhido é sempre um ponto turístico da cidade para também apreciar as belezas naturais. Em



cada encontro, é realizada uma prática de um estilo diferente de yoga, pois existem vários estilos: práticas mais suaves, mais fluídas ou mais meditativas.

O projeto já foi feito nas praias do Atalaia, Cabeçudas, Brava, nas praças do centro, do museu, da beira rio e também na Marina e no Parque do Atalaia, onde reuniu perto de trezentos e cinquenta pessoas.

Hoje as pessoas levam a vida no “piloto automático”, onde a graça de viver se perde e muitas pessoas se entregam às doenças e negatividade. Mas com o encontro do yoga, elas tem a possibilidade de mudar sua vida, melhorar sua saúde, aproveitar a natureza e encontrar pessoas que estão no mesmo propósito: a busca do equilíbrio interior por uma vida com significado, mais consciente e feliz.



E pessoas completas se unem à
outras em benefício maior: é isso que
queremos... mais e mais:





Mas esse espaço de conforto não é acomodação. Não é contrário ou antagônico à indignação. O yogi não é “neutro” ou aquele que não sente, não se indigna ou que foge da ação. Esse espaço de conforto é um espaço de entendimento que nos cria condições para agir com mais clareza e autorresponsabilidade. Construimos a nós mesmos e o mundo em cada ação. Essa é a consciência que traz o Yoga. E a omissão já é uma ação e tem seus resultados. O yogi é a pessoa que tem consciência de que faz a diferença, pois todos fazemos, mesmo na omissão. A escolha é de como você fará a diferença. E é justamente nesse ponto que entra o Yoga, tocando as pessoas e mobilizando-as a mudar, a fazer diferente, a fazer mais consciente, tanto nas reivindicações que devemos fazer quanto nas demandas que precisamos colaborar (NUNES, Talles. Yoga e Ativismo social. Cadernos de Yoga, n. 41/2014).



A prática termina aqui, mas o YOGA continua na vida afora.



MUSEU

JOCA BRANDÃO

RESGATE DA MEMÓRIA

Edison d'Ávila - Historiador



A IDEIA DE UM ESPAÇO PARA O CULTIVO DA MEMÓRIA local e nacional havia sido pensada e posta em prática, aqui, em Itajaí, já no início do século XX, pelo homem de cultura e ativista cultural João Marques Brandão – Joca Brandão (1880/1930). Joca Brandão transitava muito bem pelo teatro, jornalismo, música, tradições religiosas e praticava com zelo desmedido e estudioso cuidado o colecionismo de peças e

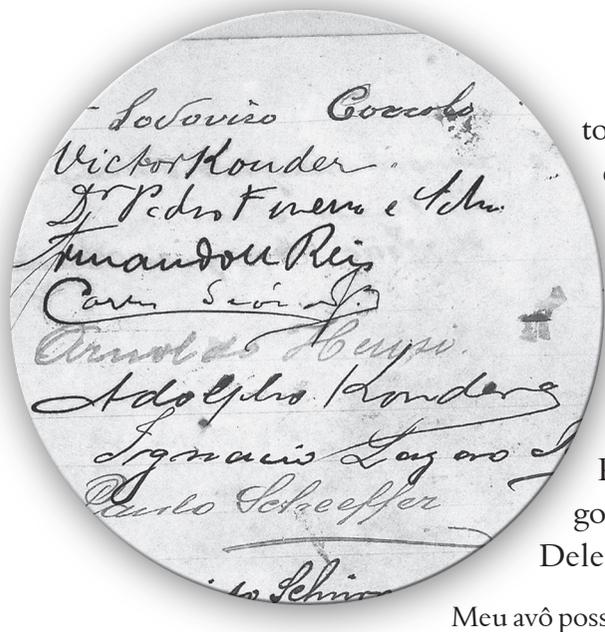
Manoel Marques Brandão
Alicina Silveira Brandão
João Marques Brandão
Yong Alis Brandão
Cecília
Maria Silveira
João Silveira
Eugenia N. Silveira



do R. F. Abaemel Abroga da Silva
Appolinario Marques Brandão
Cecília Brandão
do R. F. Abaemel Abroga da Silva
do R. F. Abaemel Abroga da Silva

documentos referentes à história. Logo após seu casamento em 1903, passou a abrigar em sala de sua casa um espaço expositivo – era, como ficou conhecido, o Museu Joca Brandão. A casa de Joca Brandão ficava na esquina da Rua Pedro Ferreira com a Rua da República (depois, Rua Guarani; agora, Rua Dr. José Bonifácio Malburg). A entrada do museu era pela Rua Pedro Ferreira; parte desta casa ainda existe na mesma esquina.

Livro de visitas do Museu.
Cortesia da família ao autor.



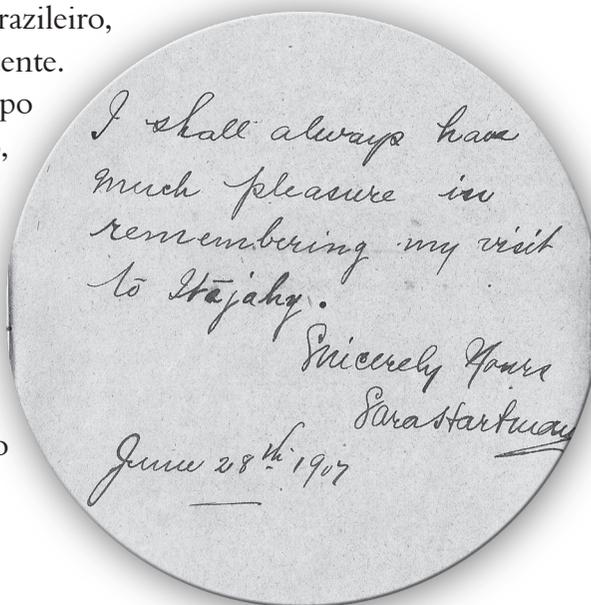
Mas donde nascera em Joca Brandão todo zelo, todo gosto e cuidado para colecionar e expor peças e documentos históricos e artísticos? Ele era filho de Manoel Marques Brandão, português nascido no Porto em 1850 e chegado a Itajaí com vinte anos para compartilhar com o tio, João Marques da Silva, os negócios que este tinha no porto. Tendo Manoel Marques Brandão nascido e se criado próximo ao Real Teatro de São João, na Praça da Batalha, na cidade do Porto, pode ali participar de atos e funções e despertar gosto e grande interesse pela arte teatral, dentre outras. Dele escreveu sua neta, a professora Cecília Brandão:

Meu avô possuía alma de artista, era entalhador. Esculpia em madeira, quando moço, artísticos ornatos, sendo que muito me falava de seus trabalhos na bela igreja da Lapa dos Mercadores, no Rio. Com suma emoção, tive mais tarde, oportunidade de admirá-los.

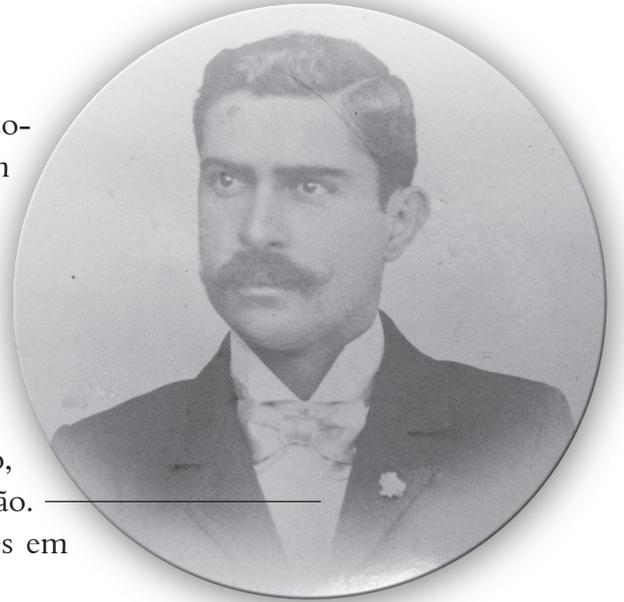
Creio que também haja dessas decorações em nossa velha matriz, da qual ele foi, por algum tempo, fabricante.

Tudo que havia em sua casa era de grande valor e beleza. Os móveis, estilo Império, soberbos lustres de cristal, o grande espelho de larga moldura, belíssimos jarrões de legítima cerâmica portuguesa, talheres de prata, louça azul com motivos chineses pintados à mão, artísticos quadros de autoria de seu irmão Abel...

Maneca Marques, como ficou conhecido o moço português, logo bem relacionado na pequena cidade, em 14 de agosto de 1880, juntamente com Manoel Agostinho Demoro, Manoel Gonçalves Pereira, Eduardo Dias de Miranda, Petronilho Dias Corrêa, Pedro Bauer e o jornalista, escritor, poeta e autor de peças de teatro Ignácio Lázaro Bastos, fundou o Club Luzo-Brazileiro, sociedade dramática e dançante, de que foi presidente. O Club Luzo-Brazileiro organizaria o primeiro grupo amador de teatro de Itajaí, dirigido por Brandão, cuja estreia se fez na inauguração da sociedade, com a peça "Ghigi". A escolha da peça "Ghigi", de 1851, demonstrou a ligação que ele mantinha com o movimento teatral português contemporâneo, ao escolher o drama em cinco atos, cuja ação se localiza na Itália renascentista e de autoria do poeta, romancista e dramaturgo português Francisco Gomes de Amorim (1827/1891).



O grupo amador de teatro do Club Luzo-Brazileiro, por certo, findara as apresentações com o encerramento da vida do clube na mesma década de sua fundação, por suposto. Contudo, Manoel Marques Bandão não esmoreceria em continuar incentivando as artes na cidade. Ele esperou os quatro filhos – João, Apolinário, Félix e José – crescerem à idade de meninos e incentivou em casa, pelo ano de 1895, a formação de um grupo de teatro, em que se destacava o filho mais velho, Joca Brandão. Sobre este teatrinho, conta-nos Juventino Linhares em seu livro “O que a memória guardou”:

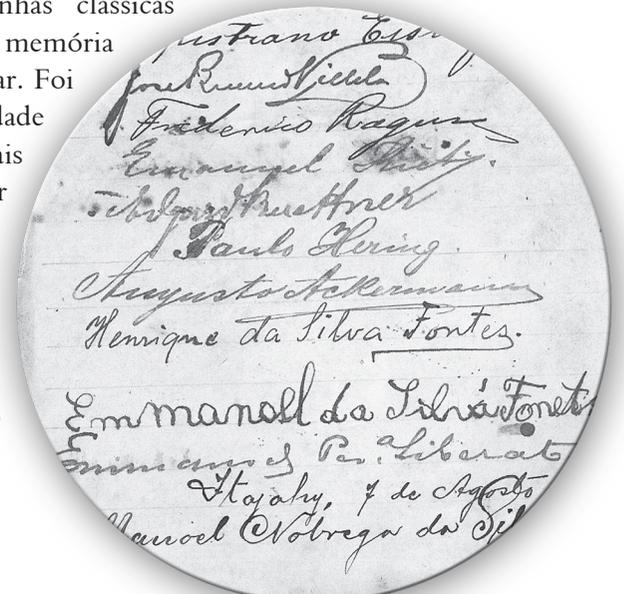


Os rapazes... vinham se dedicando desde a meninice, entre os seus dez a quinze anos, à apresentação de peças infantis em que um palco improvisado num galpão existente nos fundos da casa de Manoel Marques Brandão, à Rua Pedro Ferreira. Esse teatrinho era incentivado e orientado pelo velho Brandão que era homem de certa cultura e grande admirador das artes. Tais peças, geralmente comédias, foram assistidas com interesse, conseguindo geral agrado. A primeira a ser apresentada intitulava-se “A Prima”. Nesse palco, foi também apresentada uma cançoneta intitulada “A Pastorinha”, cuja melodia foi a primeira produção musical do compositor conterrâneo Edmundo Cunha.

A conviver em casa, num ambiente de grande incentivo ao gosto pelas artes, Joca Bandão cedo se revelou também ele artista e ativista cultural. Sua filha, a já citada professora Cecília Brandão, assim o descreveu:

O primogênito, meu pai, Joca Brandão, grande idealista e grande idealizador. Seus pendores artísticos, desde muito jovem e seu amor à terra, concretizaram-se, para gáudio de seus conterrâneos, na reorganização de um corpo cênico e fundação da Sociedade Guarani, com imediata construção da majestosa sede, orgulho da cidade, cujas linhas clássicas imponentes, jamais serão destruídas na memória dos que tiveram a dita de a contemplar. Foi também um dos fundadores da Sociedade Beneficente 15 de Novembro e, mais tarde, da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, introduzindo, com grande pompa, as cerimônias e procissões da Semana Santa.

De Joca Brandão e de seu Museu, a revista **Vera Cruz**, de Itajaí, editada em 1922, assim se expressou:



João Marques Brandão.

Seria indesculpável falta publicarmos esta revista sem prestarmos uma merecida homenagem a um notável itajaiense que é não só um cidadão patriota como infatigável cultor da arte em todos os seus ramos.

Nasceu João Marques Brandão em 22 de agosto de 1880 e frequentou desde logo com brilho as escolas particulares de d. Júlia Miranda, Falco Uriarte e outras.

Desde de cedo revelou-se no então adolescente Joca Brandão gosto particular pelo jornalismo e arte dramática tanto que fundou um jornal "A Flecha" e depois a "Sociedade Guarany", que ainda este ano celebrou o seu 25º aniversário.

Fundou também o Club 13 de Maio e a Sociedade Beneficente 15 de Novembro.

Foi um dos fundadores também do Clube Náutico Almirante Barroso, do qual é esteio seguro.

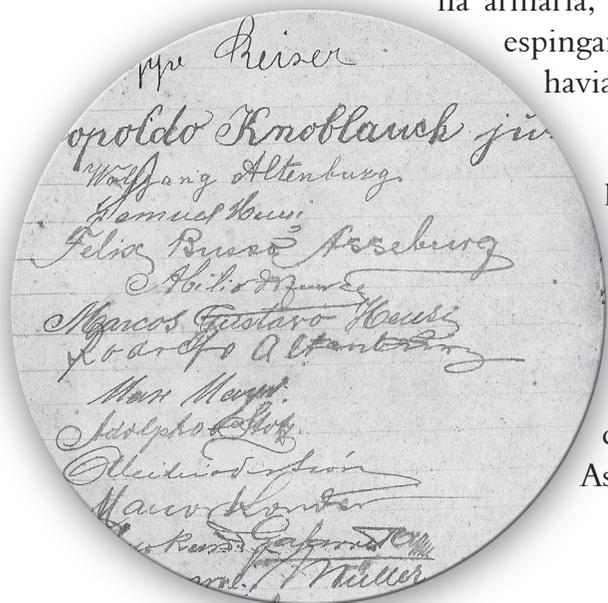
Sempre disposto a obras de filantropia, bom amigo, amável e amante de bons ditos, o sr. Marques Brandão tem ainda uma qualidade que só lhe tem valido encômios. É um diligente colecionador e, sem receio de errar, diremos que o seu museu é o melhor do estado.

Sua coleção, entre as quais se encontram raridades, moedas, armas, documentos preciosos, jornais, etc., é valiosa e revela o espírito de seu organizador.

Os itajaienses devem ir ver o precioso museu do sr. Marques Brandão; contém vários espécimes e raros, relativos à nossa Independência.

O pequeno Museu de Joca Brandão tornou-se referência cultural da cidade por mais de duas décadas. Seu acervo não pode ser descrito, visto não existir um inventário de suas peças; mas apenas referências as suas coleções de numismática, armaria, indumentária militar, fotografias e documentos antigos (sem especificações de que documentos se tratavam). A coleção de numismática foi elogiada por visitantes; na armaria, estavam espadas, baionetas, mosquetes, carabinas e espingardas, desde o século XVIII; na indumentária militar, havia uniformes de guerra e outros acessórios de militares.

O museu era bastante visitado; inclusive, por personalidades como Lauro Müller; José Artur Boiteux; o seminarista Jaime de Barros Câmara, depois Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro; Dom Joaquim Domingues de Oliveira; Ignácio Lázaro Bastos; os irmãos Arno, Adolfo, Victor e Marcos Konder; Gustavo Lebon Régis, dentre outros, que deixaram consignada no livro de visitaçao sua melhor impressão. As memórias da família Brandão, fazem constar ainda as





*Peças remanescentes do acervo
do Museu de Joca Brandão.*



De passagem por Kajahy
 fui convidado para visitar o pequeno
 Museu do Sr. João Marques Brandão, e
 fiquei admirada de encontrar tanta
 preciosidades e tão bem organizada
 o que demonstra o bom gosto e con-
 tamento do proprietario.

Kajahy 7/5/1913
 Gallois

Jose Antonio de Andrade de 10-5-9/13

中華勝國

大客人

經過地球地名

Se sheng fa dse

葉春發字

壹千九百十三年

十二月廿七号

上達前後地名

27-12-9/13

visitas de Alfredo d'Escragnole Taunay, Bastos Tigre e Margarida Lopes de Almeida, mas no livro de visitantes não foi possível identificar estas visitas.

O livro de visitas de posse da família, disponibilizado para pesquisa, pela primeira vez, no ano de 2017, é uma preciosidade histórica, do qual o Arquivo Público de Itajaí passou a ter uma cópia digitalizada. Aberto no ano de 1907, que talvez seja o ano do início das atividades do Museu, ele passou a recolher assinaturas e/ou impressões de 567 visitantes até o ano de 1922. Dentre estas centenas de visitantes, a grande maioria foi de brasileiros e catarinenses, mas há muitos alemães; também italianos e franceses; e até árabes e japoneses; dentre os japoneses, houve um “Ministro do Japão”, que fez a visita em 12 de fevereiro de 1922. Naturalmente, os visitantes estrangeiros deixavam suas impressões escritas nos seus idiomas. Todavia, muito chama a atenção, o fato de alemães e teuto-brasileiros, residentes em Itajaí e Blumenau, registrarem suas impressões de visita em língua alemã. O exemplo mais notório foi o do vigário de Itajaí, padre José Foxius Teriam eles dificuldade em manejar a escrita na língua portuguesa ou era costumeiro que integrantes da colônia germânica se expressassem, à época, em língua alemã?

As tantas impressões de visitas deixadas no livro nos permitem conhecer o espaço do Museu, seu acervo, o organizador e avaliar sua importância cultural, conforme a análise daqueles contemporâneos.

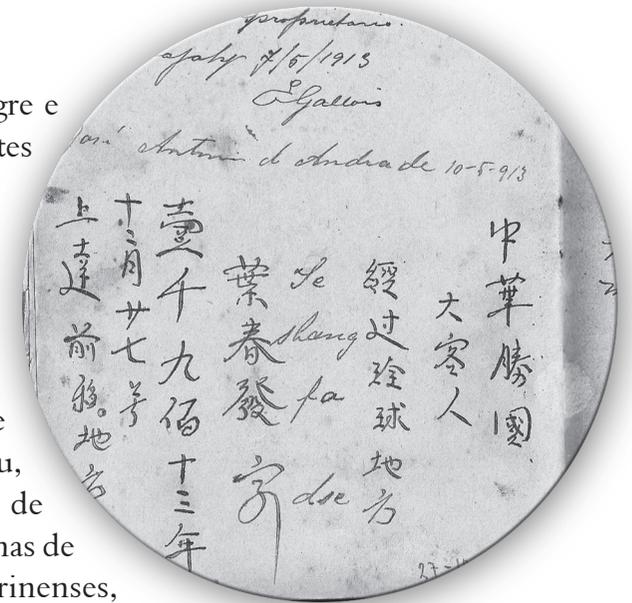
O médico Ismênio Palumbo, itajaiense, grande conhecedor da família Brandão, assim se expressou:

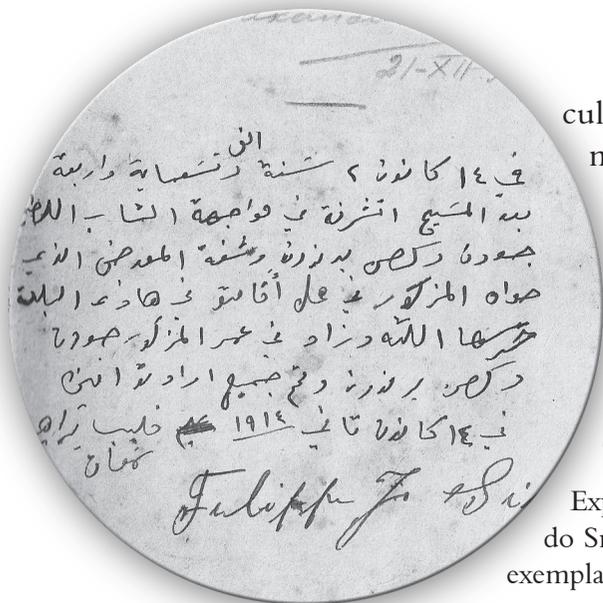
Joca Brandão é um itajaiense paciente, pensador, cheio de boa vontade para tudo quanto diz respeito às coisas antigas. Ao corrermos os olhos pela sala, na qual com tanto amor e dedicação, reuniu tantos objetos para nós estranhas pessoas. Entretanto, a coleção que Joca pouco a pouco aperfeiçoa, traz para nós outras recordações do passado.

O também médico, político e homem de cultura, dr. Luiz Antônio Ferreira Gualberto, destacou o esforço do criador do museu:

É necessário um grande esforço para, numa cidade pequena, conseguir o que o senhor Marques Brandão tem conseguido. Louvo e aplaudo o seu esforço e a sua força de vontade.

O professor e historiador José Artur Boiteux, fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, homem de cultura e conhecedor de muitas iniciativas





culturais de grande valor, não teria sido tão elogioso, se não lhe tivesse verdadeiramente agradado o Museu:

Com a mais viva satisfação registro a agradabilíssima impressão que acabo de receber na visita de hoje.

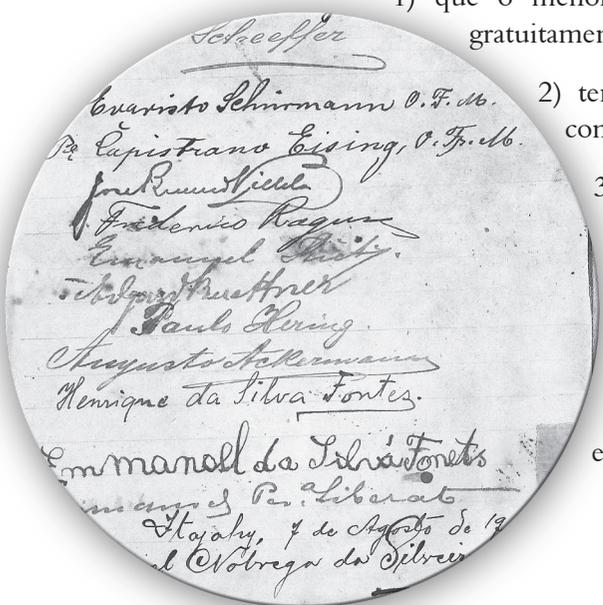
Por fim, uma opinião técnica, do sub-bibliotecário da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, Alfredo M. de Oliveira, em visita feita a 4 de maio de 1913, vasada nestes termos:

Experimentei agradabilíssima impressão, visitando as coleções do Sr. João Marques Brandão. Na coleção de numismática, há exemplares de grande valor estimativo.

Visitantes houve que destacaram ainda o pioneirismo cultural de Joca Brandão ao criar seu Museu, visto que iniciativa como a dele se tinha “bem pouco encontrado em nosso Estado.” Com toda razão, porque em Santa Catarina fora a primeira instituição museológica a ser criada e no Brasil, ocupava a nona colocação.

O museu acabou desfeito com a morte de Joca Brandão e o acervo, doado em 1933 ao Seminário de Azambuja, constituiu o núcleo original do atual Museu Arquidiocesano Dom Joaquim. A doação do acervo, decisão tomada pela viúva de Joca Brandão e representante de seus herdeiros, dona Alcina Silveira Brandão, tivera duas razões motivadoras. A primeira era a troca pela gratuidade dos estudos de um de seus filhos no Seminário Menor de Azambuja; a segunda, a grande amizade que a família Brandão mantinha com o cônego Jaime de Barros Câmara, reitor do Seminário, visitante do Museu e, portanto, conhecedor e apreciador do seu rico acervo. O contrato tinha algumas condições, conforme informa o padre José Artulino Besen, em seu livro “Azambuja 100 Anos”:

- 1) que o menor Alcino Brandão, filho do falecido, pudesse estudar, gratuitamente, no Seminário, cursando todos os anos nele existentes;
- 2) terminado o curso em Azambuja, a Mitra Metropolitana contribuiria com a pensão anual noutro seminário;
- 3) que o museu receberia o nome de seu fundador, “Museu Joca Brandão”;
- 4) durante a permanência de Alcino no Seminário se celebrariam duas missas anuais em sufrágio da alma do falecido pai;
- 5) se o menor não quisesse mais continuar os estudos em Azambuja, o Seminário se comprometeria a entregar-



lhe, mensalmente, a quantia de sessenta mil réis, até completar o tempo que empregaria para terminar o curso no Seminário.

Tal compromisso foi assinado pelo então Reitor do Seminário, Cônego Jaime de Barros Câmara, a 11 de abril de 1933.

Tão valioso pareceu à Igreja de Santa Catarina o acervo cultural do Museu Joca Brandão, que ela assentiu em permutá-lo pela total gratuidade dos estudos de um seminarista até se formar padre. O contrato demonstrou ser a melhor solução, para que não se viesse a perder o acervo e que ele passasse a constituir um novo museu, como de fato veio a suceder. Fora o melhor encaminhamento, visto que em Itajaí não havia instituição, nem mesmo o poder público, que se interessasse pela custódia e manutenção do Museu. Meio século depois, em 1982, o Município de Itajaí, através da Fundação Genésio Miranda Lins, inauguraria o Museu Histórico de Itajaí; infelizmente, sem as valiosíssimas coleções do Museu Joca Brandão!

BIBLIOGRAFIA

BESEN, José Artulino. Azambuja 100 Anos. Brusque: Ed. autor, 1977.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA – Hemeroteca – Revista Vera Cruz, Itajaí, 1922.

LINHARES, Juventino. O que a memória guardou. Itajaí: Editora da Univali, 1997.

MUSEU ARQUIDIOCESANO DOM JOAQUIM – 50 ANOS – 1960/210. Florianópolis: Arquidiocese de Florianópolis, 2010.

MUSEU JOCA BRANDÃO, Itajaí/SC, Livro de Visitas, 1907/1922, cópia digitalizada, Arquivo Público de Itajaí/Fundação Genésio Miranda Lins.



Joca Brandão e esposa, Alcina Silveira Brandão. Nas páginas anteriores, detalhes do livro de visitas do Museu. Cortesia da família ao autor.

Santa Catarina registrou quase
50 casos de feminicídio em
2017... precisamos falar dos
casos que envolvem crianças?





**DÊ
UMA
CHANCE
À
PAZ**

JÁ PENSOU NISSO?

MEMÓRIAS DO FUTEBOL:



Fernando Alécio - autor do livro "Torneio Luiza Mello:
Marcílio Dias Campeão Catarinense de 1963"
Adalberto Klüser - autor do livro "O Time da Raça:
Almanaque dos 90 Anos do Avaí Futebol Clube"
Gustavo Melim Gomes - mantenedor do blog
"Todos os Jogos do Marcílio"



 EM MAIO DE 1931, INSTALAVA-SE NA RUA BLUMENAU a Companhia Itajahyense de Phosphoros. Mais conhecida pela sigla CIP, a empresa foi idealizada pelo industrial Antônio da Silva Ramos e formada com capital de investidores de Itajaí e Blumenau. No período de 1932 a 1939, produziu 148.300 caixas, cada uma contendo 120 pacotes e cada pacote 10 caixinhas com 55 palitos em média. Os fósforos eram comercializados com as marcas "Triunpho", "Faísca", "Libertador" e "Corsário". Irineu Bornhausen, um dos principais acionistas, ocupou o cargo de diretor-presidente por vários anos.

A fábrica abrigava cerca de 150 operários em 1940 e era uma das principais fontes de arrecadação do município, possuindo também uma fecularia em Tubarão. Além de contribuir com o progresso econômico de Itajaí, a Companhia Itajahyense de Phosphoros, liquidada na década de 1950, deixou um importante legado na área esportiva: deu origem ao glorioso CIP Foot-Ball Club, agremiação que entrou para a história do futebol catarinense.



FUNDAÇÃO E PRIMEIRA DIRETORIA

Conforme registram os estatutos, o CIP F.C. foi fundado em 27 de outubro de 1936, por iniciativa de Francisco Medeiros, Alfredo Medeiros e Eugenio Cypriano Abelino, tendo por finalidade a prática dos esportes em geral, em particular o futebol. O clube, que adotou as cores vermelha e preta, teve a primeira diretoria assim constituída:



Presidente: Antônio da Silva Ramos

Vice-presidente: Luiz Zaguini

Primeiro secretário: Osny Ramos

Segundo secretário: Sylvestre Macedo

Primeiro tesoureiro: João Rangel

Segundo tesoureiro: Luiz Felipe da Costa
Zacharias

Diretor esportivo: José Luiz Zanutto

Fiscal: Francisco Medeiros

Orador oficial: Sady Magalhães

INAUGURAÇÃO DO CAMPO DA RUA BLUMENAU

O estádio do CIP se localizava junto à fábrica, em área defronte ao atual porto de Itajaí, nas imediações da esquina da Rua Blumenau com a Rua Benjamim Franklin Pereira, conhecida na época como Rua da Coloninha. Segundo o memorialista Paulo Rogério Maes, “o campo do CIP ficava onde havia um depósito de contêineres, logo após o Auto Posto Leão”. A inauguração da praça de esportes cipiana foi programada para o dia 3 de janeiro de 1937, como noticiou o **Jornal do Povo** em sua edição de 24 de dezembro de 1936:

GRANDIOSA FESTA SPORTIVA

O novel e sympático <<CIP>> Foot-Ball Club, constituído pelos que empregam suas atividades na Cia. Itajahyense de Phosphoros realizará no próximo dia 3 de janeiro, marcando o início de sua vida sportiva, um grandioso festival em sua praça, a qual será inaugurada nesse dia, constando do mesmo de um óptimo e bem organizado programma, que terá inicio às 6 horas da manhã, com uma salva de 21 tiros.

O festival que está despertando grande interesse, promette revestir-se de entusiasmo, devendo no decorrer do mesmo, constar do seguinte: corridas



quebra potes, corridas de sacos, de bolinhas na colher, de 3 pernas, de obstaculos, com agulhas, de estafetas, jogo do mais esperto, cabo de guerra, lançamento de peso, corridas de bicycletas e a realização dos jogos de foot-ball entre: Sul América x Cip F. C., Lauro Müller x Brusquense S. C. e Cip F. C. x Brasil F. C.

No jogo contra o Sul América, time amador do então bairro de Navegantes, o segundo quadro do CIP venceu por 3 a 1. A partida entre Lauro Müller e Brusquense (atual Carlos Renaux) terminou com a vitória do time de Brusque por 3 a 2. No prélio de honra, apesar da forte chuva, o quadro principal do CIP e o Recreativo Brasil de Blumenau fizeram um jogo movimentado. O placar final foi de 3 a 2 a favor do time da casa. Os gols do rubro-negro praiano foram anotados por Lilito, Pequeninho e Mazinho, enquanto Artilheiro e Generoso descontaram para os visitantes. A vitória rendeu ao CIP seu primeiro troféu: a Taça Antônio Ramos.





A ausência do Clube Náutico Marcílio Dias nas festividades de inauguração do campo da Rua Blumenau se explica pelo fato de os dois clubes não nutrirem boas relações naquele momento. Alguns atletas deixaram o Marinheiro para ingressar no recém-fundado time da fábrica de fósforos, fato que desagradou a diretoria rubro anil, de modo que a rivalidade já nascia antes mesmo de as duas equipes se enfrentarem em campo – o que só ocorreria em 1938. Entre os dissidentes estavam José Floriano Pereira (Bepi), Osmar Heusi (Mazinho), André Santos, Carlos Thadeu e Reynaldo Rosa.

O CLÁSSICO OPERÁRIO

Ao longo de 1937, o CIP disputou uma série de amistosos, enfrentando times de cidades próximas como Brusque, Blumenau e Florianópolis. Mas os jogos que mais mobilizavam a novata torcida cipiana naquele ano foram os duelos contra o Lauro Müller Foot-Ball Club, equipe de Itajaí que havia conquistado o campeonato estadual de 1931. Como ambos os times tinham o grosso de sua torcida na classe trabalhadora da cidade, o duelo ficou conhecido como “clássico operário”. O primeiro encontro se deu em 26 de abril, no campo do Lauro, na Rua Uruguai. O jogo estava empatado em 1 a 1 e já caminhava para o final quando o árbitro assinalou uma falta a favor do time alvinegro. Os jogadores do CIP não concordaram e teve início uma confusão, que culminou com invasões de campo e o abandono da partida pelo Rubro-Negro.

A atitude do CIP foi criticada pela crônica esportiva itajaiense, como se observa na edição de 29 de abril de 1937 do **Jornal do Povo**:

O facto é que o team do <Cip> deliberando retirar-se de campo, a balburdia augmentou de vulto, ao ponto de verificar-se luctas corporaes entre os torcedores mais exaltados, o que deixou aprehensiva grande parte da assistencia, com receio de que o conflito tomasse uma feição mais grave. O que se passou no campo do <Lauro> domingo último só pode merecer a condemnação de todos aquelles que olham o esporte pelo prisma do desenvolvimento physico.

Os dois rivais voltaram a se enfrentar 26 de setembro, novamente na Rua Uruguai, dessa vez sem confusão. Em clima de cordialidade, o Lauro venceu por 2 a 0. No domingo seguinte, 3 de outubro, a revanche na Rua Blumenau terminou empatada em 3 a 3. André (duas vezes) e Mazinho marcaram para o CIP; Waldemiro, Pavan e Oscar fizeram os gols alvinegros. Conforme registrou o **Jornal do Povo**, “muito antes da hora marcada para o encontro já se notava grande massa de povo que se comprimia ao longo do corredor para assistir esse embate”.

ASSOCIAÇÃO SPORTIVA VALLE DO ITAJAHY

Em 10 de setembro de 1937, o CIP participou da fundação da *Associação Sportiva do Valle do Itajahy* (ASVI), entidade que tinha como finalidade organizar o futebol na região. Os demais fundadores foram Lauro Müller e Marcílio Dias, de Itajaí; Brusquense e Paysandu, de Brusque; e Recreativo Brasil, Blumenauense e Amazonas, de Blumenau. A entidade filiou-se à então Federação Catarinense de Desportos (FCD) e passou a indicar um representante no campeonato estadual.

A primeira competição organizada pela ASVI foi um torneio triangular envolvendo apenas os times de Itajaí. CIP, Marcílio Dias e Lauro Müller se enfrentaram em três turnos entre janeiro e março de 1938. Na primeira rodada, o CIP enfrentou o Marinheiro na Rua Blumenau e perdeu por 1 a 0, em 16 de janeiro. Este foi o primeiro jogo do CIP contra o Marcílio Dias e também o primeiro jogo de sua história válido por uma competição oficial. O torneio entre os clubes itajaienses foi vencido pelo Marcílio, mas aquele ano ainda reservaria grandes alegrias ao CIP.

CAMPEÃO DO VALE DO ITAJAÍ

Em maio de 1938 teve início o certame regional da ASVI, contando com a participação de todos os oito clubes fundadores, um autêntico campeonato do Vale do Itajaí. Com uma campanha impressionante, o CIP faturou o título com 13 vitórias e apenas uma derrota. Em mais um episódio que demonstra a ferrenha



rivalidade entre os clubes itajaienses na época, a partida entre CIP e Marcílio Dias, disputada em 4 de setembro de 1938 no campo da Rua Blumenau, pelo segundo turno, não chegou a terminar.

O Marcílio vencia o CIP por 2 a 1 até os 42 minutos da etapa final quando foi aplicada uma penalidade máxima a favor do CIP. Em protesto, o time do Marinheiro saiu de campo e o pênalti foi convertido, mas após declarações do árbitro Camilo Mussi (que anos depois seria presidente do Barroso) de que havia sido rigoroso demais na aplicação do pênalti, a ASVI anulou o gol. Posteriormente, o jogo inteiro foi oficialmente anulado pela FCD e remarcado para 15 de janeiro de 1939, decisão que a diretoria do Marcílio Dias não aceitou, preferindo entregar os pontos ao adversário, até porque naquela altura o CIP já era matematicamente o campeão.

Confusões à parte, o título do CIP foi incontestável, como reconheceu a crônica esportiva de Itajaí na edição de 25 de janeiro de 1939 do **Jornal do Povo**:

Coube o título máximo do certamen ao novel e já pujante esquadrão do CIP F. C., que teve uma actuação merecedora dos maiores encomios, tendo sido sua performance neste cotejo uma prova eloquente do seu valor tecnico, dada a desenvoltura do conjunto e acerto de cada um dos seus integrantes.

O feito dos rapazes do CIP foi recebido com geral satisfação, pois, durante os jogos de campeonato em que o seu quadro foi chamado a intervir, eles o fizeram sempre da maneira mais digna e merecedora dos maiores elogios, sabendo vencer e, o que é mais significativo, sabendo perder também.

Ao prestarmos esta singela homenagem aos primeiros campeões do Valle do Itajahy, não podemos deixar passar sem uma referencia o esforço dos orientadores do quadro campeão: José Luiz Zanutto e José Floriano Pereira, o Bepi, como é mais conhecido.

À José Luiz Zanutto, incansável director-sportivo do rubro-negro local e figura de relevo no nosso meio sportivo; ao Bepi, o treinador que soube, como ninguem, conduzir seus pupilos a victoria; aos amadores cipistas que tão brilhantemente conquistaram para suas cores o título máximo do certamen da ASVI, cobrindo de glorias o pavilhão rubro-negro e enchendo de orgulho a todos os seus torcedores.

A conquista do time da Rua Blumenau foi festivamente comemorada num animado piquenique organizado pela diretoria do clube na então praia de Piçarras.



CAMPEÃO CATARINENSE

A conquista do campeonato regional da ASVI deu ao CIP o direito de disputar o Campeonato Catarinense de 1938, que foi realizado somente no ano seguinte. Na época, apenas os campeões regionais participavam do certame estadual. O adversário do time itajaiense nas semifinais foi o tradicional Avaí, campeão de Florianópolis, que já havia sido campeão catarinense cinco vezes (1924, 1926, 1927, 1928 e 1930). A última conquista estadual do Avaí havia sido obtida ao vencer na final outro time de Itajaí, o Marcílio Dias.

O primeiro embate entre CIP e Avaí foi designado para o dia 5 de fevereiro de 1939. No campo da Rua Blumenau, os jogadores itajaienses não se intimidaram ante a maior tradição do time da Capital e aplicaram uma goleada de 4 a 0. A pressão dos locais sobre os visitantes foi tamanha que os quatro gols saíram logo no primeiro tempo. Couceiro (duas vezes), Villa e Nanga foram os autores dos tentos. No segundo tempo, o panorama se inverteu com o Avaí indo para cima, mas o goleiro Geninho fez grandes defesas e manteve inalterado o placar do primeiro tempo. O goleiro cipiano foi considerado o melhor homem em campo.

O jogo de volta foi marcado para 5 de março de 1939. Mesmo debaixo de uma chuva torrencial que caía sobre o antigo Estádio Adolpho Konder, em Florianópolis, o CIP apresentava uma boa atuação e chegou a estar vencendo por 2 a 0 (gols de Vitório e Pavan), mas o Avaí conseguiu empatar, aos nove minutos do segundo tempo. Logo após o empate do time da casa, o árbitro Leovegildo Amaral Alves suspendeu a partida por falta de visibilidade e alagamento do gramado devido ao temporal. Enquanto a bola rolou, a partida foi marcada por lances duros, jogadas violentas e pouca disciplina. Com a suspensão do jogo, a FCF agendou para 11 de março a continuação dos 36 minutos faltantes, ocasião em que o Avaí fez o terceiro gol e venceu o jogo por 3 a 2.

A vitória do Avaí forçou a realização de uma terceira partida para decidir a vaga na final, pois na época não era levado em consideração o saldo de gols. A FCF marcou a partida logo para o dia seguinte, 12 de março, em Florianópolis. Num jogo muito movimentado, o CIP saiu na frente com Vitório, mas o Avaí virou com Saul e Sapo ainda no primeiro tempo. O Rubro-Negro voltou para a segunda etapa determinado a remontar o placar e alcançou o objetivo com gols de Pavan e Couceiro aos seis e oito minutos. “Justa e merecida vitória do CIP”, reconheceu em letras garrafais a página esportiva do jornal **O Estado**, de Florianópolis, na edição que circulou em 14 de março de 1939.

O título de campeão catarinense de 1938 seria decidido em jogo único entre CIP e Atlético de São Francisco Sul, que na outra semifinal eliminou o Caxias de Joinville também em três jogos (6x1, 1x2 e 3x0). Assim como o CIP, o time francisquense,

fundado em 1931, disputava pela primeira vez a final do certame estadual. A grande decisão foi marcada pela FCD para 2 de abril, em Florianópolis, mas devido às chuvas a data foi alterada para 16 de abril.

O CIP abriu o placar logo nos primeiros minutos de jogo através de Couceiro e ampliou na segunda etapa com Nanga. O adversário tentou pressionar para buscar o empate, mas esbarrou na heroica resistência cipiana, que tinha como principal guardião o veterano zagueiro Luiz Avellar Pereira, o Lico, cuja atuação foi muito elogiada tanto pela crônica esportiva de Itajaí quanto pela imprensa de Florianópolis. Devido ao jogo excessivamente violento praticado pelo time de São Francisco do Sul, dois de seus jogadores foram expulsos. O livro “Almanaque do Futebol Catarinense” comenta que “o rubro-negro itajaiense triunfou na bola e no pau. Seus atletas receberam elogios ‘pela exuberância e energia com que souberam batalhar ante a agressividade brutal’ dos francisquenses”.

A conquista do título catarinense de 1938 pelo CIP foi muito festejada em Itajaí, como se observa no que foi noticiado pelo **Jornal do Povo** de 19 de abril de 1939:

Logo que a notícia do triunfo do CIP foi confirmada, os dirigentes da ASVI fizeram subir ao ar inúmeros rojões, preparando, em seguida, a recepção aos campeões, que estava marcada para as 11 horas da noite. Os representantes dos clubes locais e a diretoria da ASVI, tendo a sua frente o seu presidente sr. Abdon Foes, foram aguardar a chegada da embaixada no chapadão do Morro Cortado, apresentando cumprimentos pela brilhante vitória do seu filiado, que cobriu de glórias o pavilhão da Associação Sportiva do Valle do Itajahy, no seu primeiro ano de existência.

A comitiva entrou na cidade, sendo aguardada de vários automóveis, sendo aguardada na Praça Vidal Ramos por crescido número de pessoas que ovacionaram os campeões do Estado, tendo o sr. Sady Magalhães, presidente do CIP, e os integrantes da equipe vitoriosa, recebido profusas felicitações.

O time que subiu ao gramado do Estádio Adolpho Konder e derrotou o Atlético de São Francisco por 2 a 0 formou com Geninho; Lico e Humaytá (Villa); Soto e Humberto; Fatéco, Victorio, Couceiro, Pavan, Nanga e Armando. Há fontes que propagam equivocadamente a informação de que o campeonato catarinense de 1938 teria sido decidido em três jogos. Trata-se de erro, pois a competição teve jogo único na fase final em 16 de abril de 1939.

TORNEIO *INITIUM*

Duas semanas depois de conquistar o título catarinense de 1938, o CIP voltou a ser campeão. No dia 30 de abril de 1939, o Rubro-Negro faturou o Torneio *Initium* da ASVI, evento que abriu a temporada futebolística de 1939. Trata-se de um torneio



Em pé : CÉLIO BRANCO - NEMÉSIO - RAUL - ESCANDA - PEDRO LEMOS - TIÃO - NHONHO - VADINHO - NHENHÉ - RUBENS - SCHMIDT.
C. A. S. F. VICE-CAMPEÃO CATARINENSE 1938.



festivo disputado num único dia, com os jogos tendo duração inferior aos 90 minutos normais e considerando a quantidade de escanteios como critério de desempate. A competição foi realizada no estádio do Marcílio Dias e contou com a participação de CIP, Marcílio, Lauro Müller, Brusquense e Paysandu. Os clubes blumenauenses haviam desistido de participar da ASVI e fundariam a Liga Blumenauense de Futebol (LBF) em 1941.

Como vigente campeão da ASVI, o CIP entrou diretamente nas semifinais do Torneio *Initium* e enfrentou o Lauro Müller, que havia eliminado o Paysandu. O “clássico operário” terminou empatado em 1 a 1, sendo que o Lauro desperdiçou uma cobrança de pênalti. Depois de dez minutos de prorrogação, a igualdade se manteve no placar e o CIP avançou à final por ter dois escanteios a seu favor. Na finalíssima, o CIP bateu o Brusquense por 2 a 0 e levou a taça, entregue pelo então prefeito Francisco de Almeida.

FIM DA ERA DOURADA E EXTINÇÃO

O título do Torneio *Initium* encerrou a fase de conquistas cipianas em competições oficiais. Nos anos seguintes, o clube não conseguiu repetir o excelente desempenho demonstrado entre 1938 e 1939. Em 1940, o CIP foi vice-campeão do campeonato regional da ASVI (o título foi vencido pelo Paysandu), mas aos poucos foi se apagando e perdendo o protagonismo que ostentou nos tempos áureos.

Além do título estadual de 1938, outro legado deixado pelo CIP foi ter revelado ao futebol catarinense o craque Nildo Teixeira de Mello, o Teixeirainha, considerado um dos melhores jogadores do Estado em todos os tempos. Embora tenha atuado por pouco tempo com a camisa rubro-negra, em 1942, coube ao CIP a honra de ter sido o seu primeiro clube, como registra o livro “O Craque Eterno”, de Bola Teixeira, biografia do ex-jogador:

Por indicação do mano mais velho Arnou e também de Delfim de Pádua Peixoto, Teixeirainha foi encaminhado para o CIP. Ele e seus outros irmãos Aldo (no gol), Airton (meia direita) e Dida (centro-avante) chegaram a atuar juntos com a camisa da Companhia de Phósphoro, indústria do empresário Antônio Ramos. Foi atuando pelo CIP que Teixeirainha foi oficialmente registrado na Federação Catarinense de Futebol com o número 2.110. O original, datado do dia 3 de março de 1942, é um dos raros documentos encontrados nos arquivos da FCF.

O CIP continuou disputando as competições da ASVI até 1943. Em 1944, o clube finalmente batizou o campo da Rua Blumenau, que recebeu o nome do industrial Antônio Ramos, mas neste mesmo ano desapareceria para sempre do cenário das competições oficiais do futebol catarinense. Houve uma tentativa de reerguer a

gloriosa equipe rubro-negra no futebol de várzea de Itajaí em 1951. Consta o registro de um amistoso entre CIP e Fiúza Lima, na Rua Blumenau, vencido pelos saudosistas do time da fábrica de fósforos por 3 a 0, em fevereiro daquele ano. Porém, a aparição do “novo” CIP foi fugaz e o clube desapareceu de forma definitiva. O destino dos troféus e demais artigos e documentos históricos do CIP é desconhecido.

HINO DO CIP

Companheiros sempre firme

Para o inimigo vencer

Nosso CIP glorioso

Muitas glórias há de ter

Venceremos com bravura

E com toda lealdade

Aos vencidos respeitamos

Dando prova de amizade

Se vencidos, saberemos

A derrota festejar

Também é uma vitória

A derrota suportar

É dever do nosso team

Para todos ser gentil

Lutar sempre com heroísmo

Para glória do Brasil



João Coelho, jogador do CIP



Soto, jogador do CIP

BIBLIOGRAFIA

- Dassilva, Zé; Gasperin, Emerson. Almanaque do Futebol Catarinense. Florianópolis: Edição do autor, 2010.
- Machado, César do Canto. História do Futebol Catarinense. Florianópolis: Insular, 2000.
- Teixeira, Bola. O Craque Eterno – Uma biografia de Teixeirinha, jogador símbolo do futebol catarinense. Florianópolis: IOESC, 2001.

JORNAIS CONSULTADOS

Jornal do Povo
O Pharol
A Notícia
O Estado
Jornal de Santa Catarina

ACERVOS PESQUISADOS

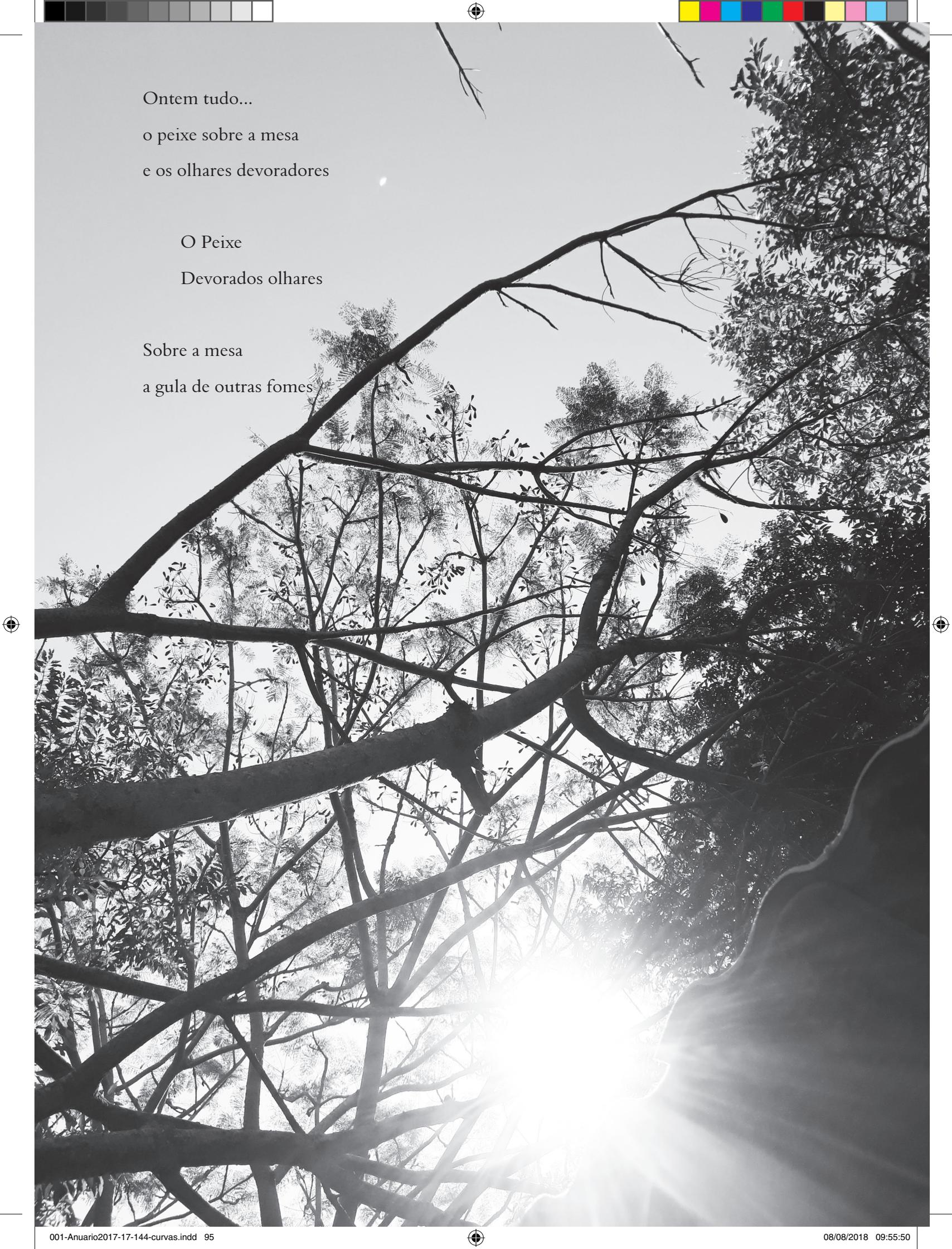
Fundação Genésio Miranda Lins
Biblioteca Pública de Santa Catarina
Biblioteca Nacional

FOTOS

Acervo da Fundação Genésio Miranda Lins
Acervo de Adalberto Klüser
Acervo de Gustavo Melim Gomes
Facebook “Itajaí de antigamente”
Facebook “Futebol Catarinense das Antigas”



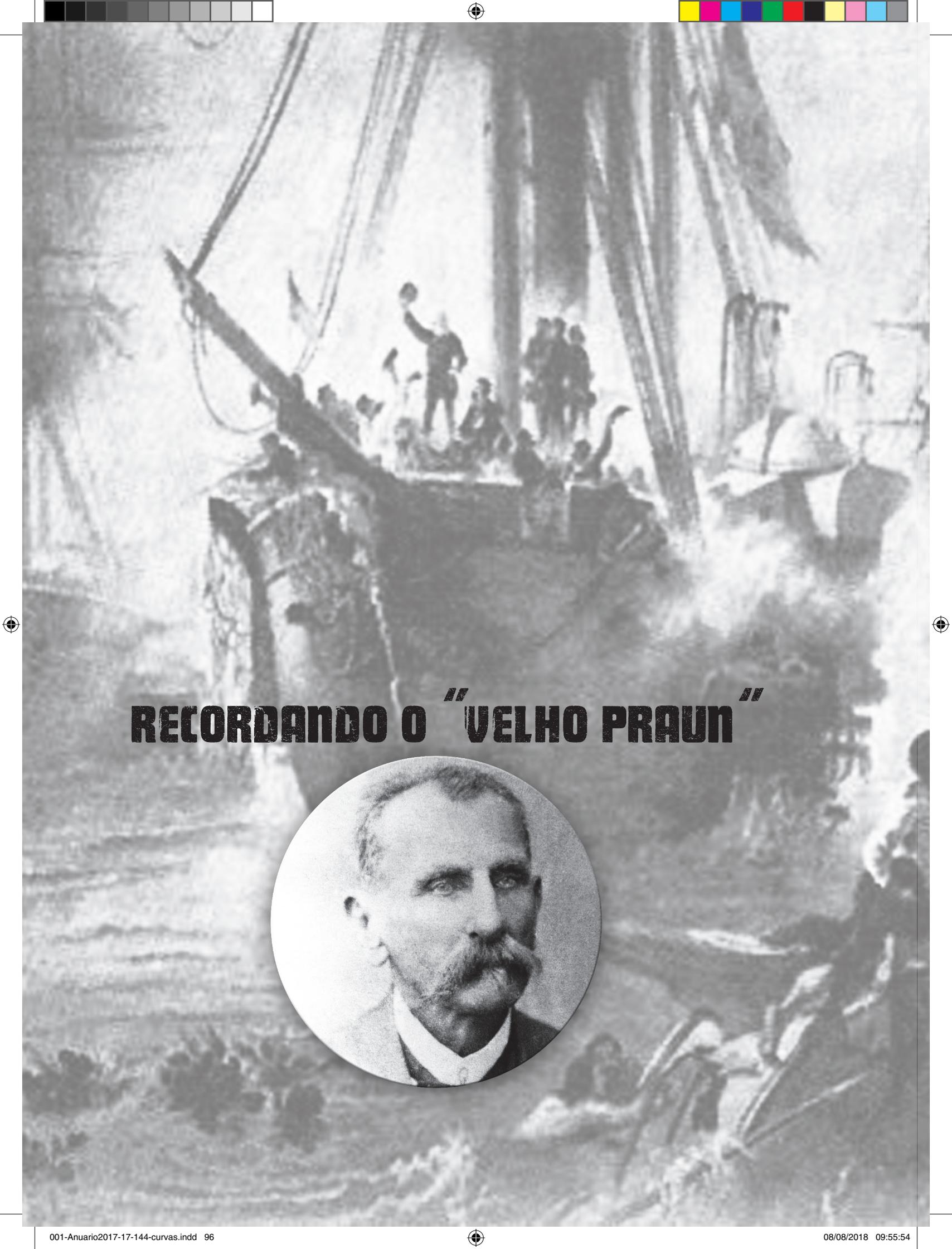
Armando dos Santos, jogador do CIP campeão de 1938



Ontem tudo...
o peixe sobre a mesa
e os olhares devoradores

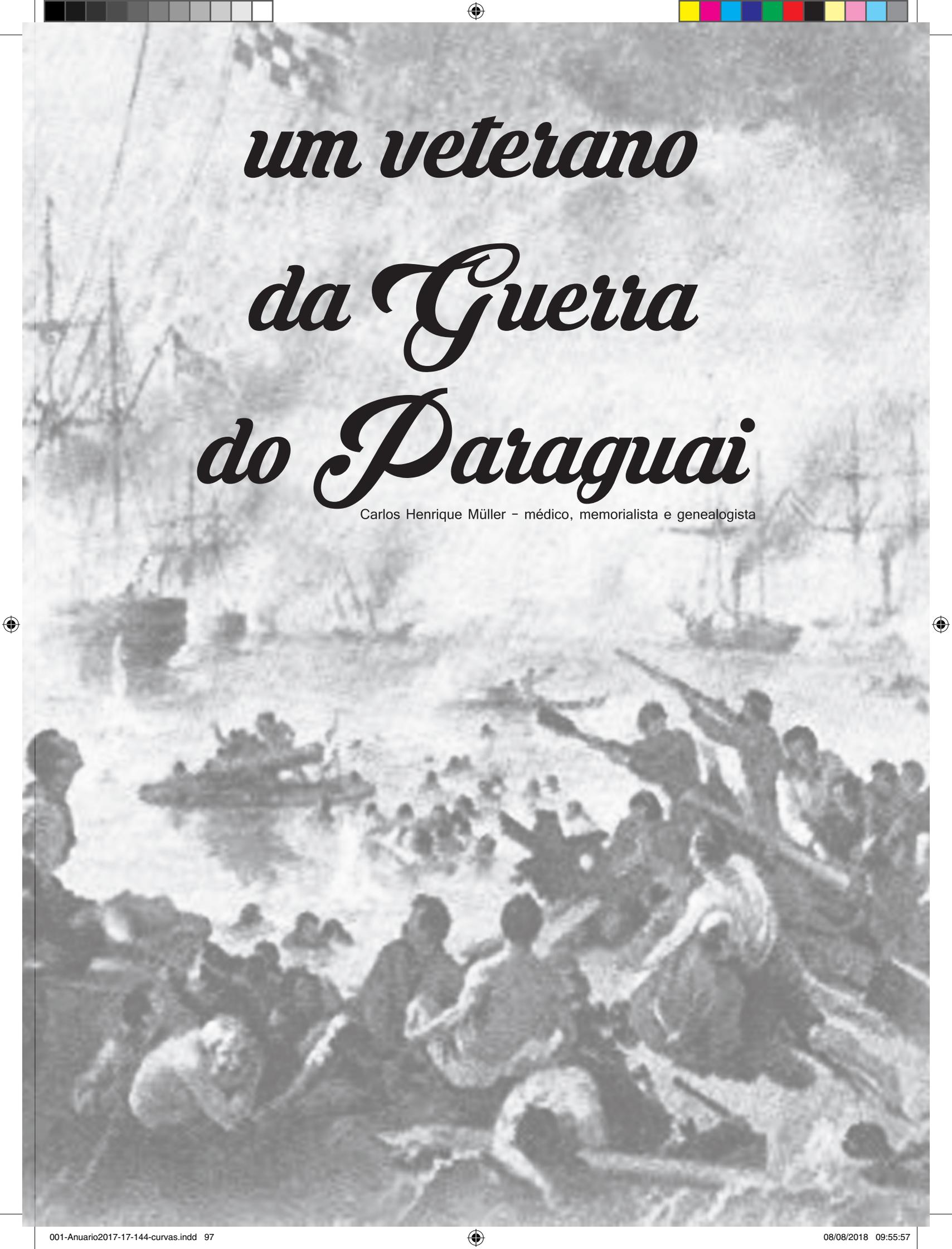
O Peixe
Devorados olhares

Sobre a mesa
a gula de outras fomes



RECORDANDO O "VELHO PRAUN"





*um veterano
da Guerra
do Paraguai*

Carlos Henrique Müller - médico, memorialista e genealogista

 QUANDO INICIOU O CONFLITO ENTRE O PARAGUAI E O BRASIL, que naquela época ainda era um império, o governo criou as unidades militares denominadas de voluntários da pátria, e que eram constituídas por civis brasileiros que se apresentavam voluntariamente para servir ao exército. Este foi o modo encontrado pelo governo para aumentar, o então, pequeno efetivo das tropas regulares do exército. No ano seguinte ao início da guerra, vários colonos alemães emigrados para Blumenau, Brusque e Joinville, se alistaram para defender a nova pátria. Entre estes, estava o imigrante alemão Carlos Hugo Praun, que posteriormente se radicou em Itajaí e ficou conhecido, mais tarde, pelo apelido “velho Praun”.

Pouca coisa se sabe de sua vida antes de vir para o Brasil. Ele era natural de Braunschweig, sendo filho de Carl Praun e Carolina Emmersleben, nascido em 11 de junho de 1837. Ele emigrou para o Brasil em 1863, vindo desacompanhado de familiares e declarando ser ecônomo. O navio Caroline partiu do porto de Hamburgo em agosto e chegou a São Francisco do Sul em outubro do mesmo ano. Carlos Praun seguiu dali para Itajaí, onde permaneceu, inicialmente, por um curto período de tempo, mas ele recordava-se, muitos anos depois, que naquela época, existiam pouquíssimas casas na cidade e um dos prédios mais antigos existentes, ficava situado na Rua Lauro Müller e pertencia a “Henrique Seleiro”, e que neste local mais tarde, se estabeleceu o farmacêutico Emílio da Cruz Coutinho.

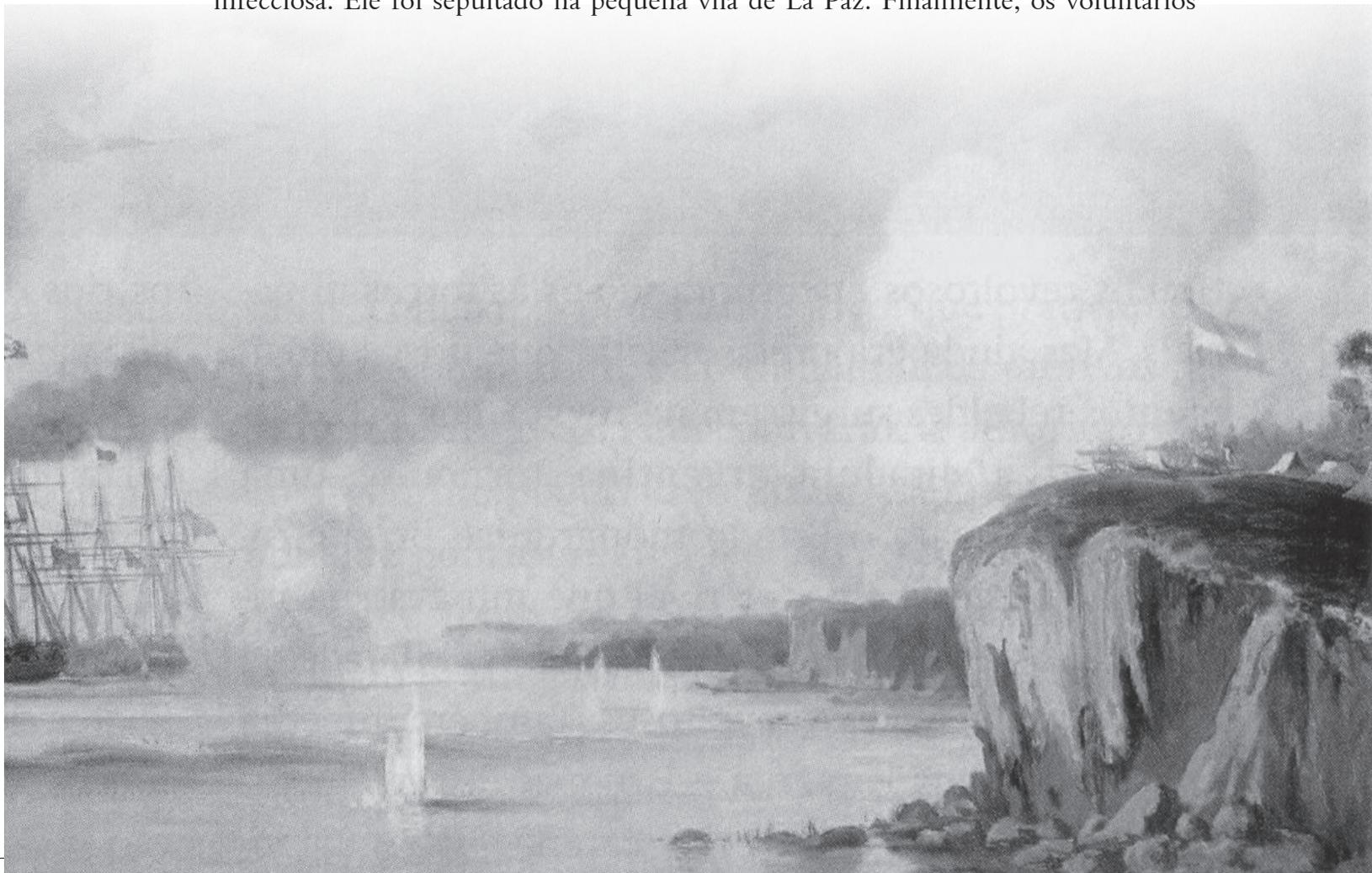




Depois, ele foi para a Colônia Blumenau, e lá ele fez amizade com o próprio Diretor da colônia, e enquanto ali permaneceu, ele trabalhou como governante na residência do Doutor Blumenau. Em 1865, vários imigrantes das colônias se ofereceram para formar o contingente de voluntários alemães. Carlos Praun seguiu na segunda leva de voluntários daquela colônia, a qual partiu dali em 23 de outubro daquele ano, com destino à capital da Província. Lá, eles viram de perto o Imperador Dom Pedro II, que regressava do Rio Grande e, pessoalmente, fez uma revista às tropas, seguido por um desfile em sua homenagem. Dois dias após o juramento à bandeira, isto já no dia 26 de novembro de 1865, os voluntários alemães, que já estavam embarcados no Vapor “São Miguel”, partiram rumo à Argentina.



Em primeiro de dezembro chegaram a Montevideú, onde permaneceram por três dias, e seguiram viagem para Buenos Aires, aonde chegaram no dia seis. Nesta cidade, ficou internado no hospital militar o voluntário Antonio Day, de Brusque. Dois dias depois, o navio já começava a subir o Rio da Prata. Durante este trecho da viagem, no dia onze, faleceu um dos voluntários alemães, Adolph Baurath, de moléstia infecciosa. Ele foi sepultado na pequena vila de La Paz. Finalmente, os voluntários



chegaram ao porto de Vila de Corrientes, no dia dezoito daquele mês. Permaneceram no acampamento por dois dias e foram então embarcados no Vapor “Araguary”, permanecendo nesta condição até o dia 16 de março, quando aquele navio seguiu viagem para participar do reconhecimento do Rio Paraná. Apenas quatro dias depois, o navio, ao cruzar nas imediações do forte paraguaio de Itapiru, acabou encalhando e sofreu uma avaria, o que levou a transferência dos voluntários primeiro, para o navio “Cisne”, e logo depois para outro navio, agora o “Araguay”.



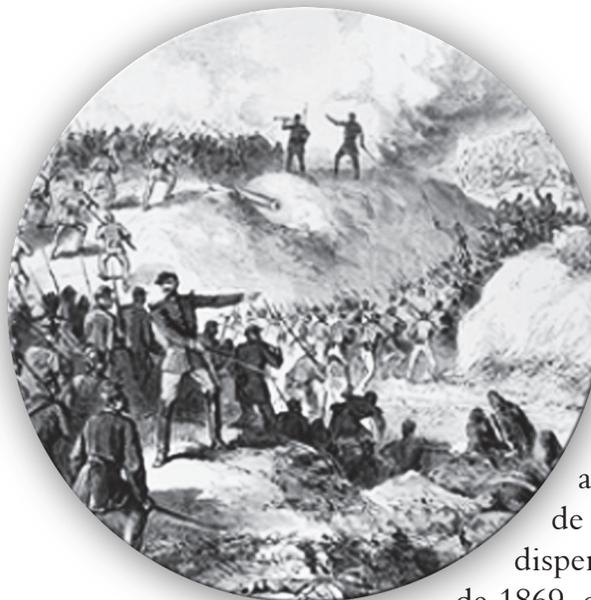
As tropas da tríplice aliança estavam acampadas em local próximo à confluência do Rio Paraguai com o Rio Paraná e estavam sendo preparadas para a transposição do rio e a invasão do território paraguaio. Mas as péssimas condições sanitárias nas tropas e também nos navios eram as principais causas de grande morbidade e mortalidade, o que aumentava a incidência de surtos. A falta de cuidado com os dejetos, principalmente quando havia pacientes com cólera e febre tifoide, propiciava a contaminação e a disseminação da doença. Além disto, água potável era um gênero raro na época, além do escorbuto ocasionado pela carência alimentar e ainda, a tuberculose pulmonar. Deste modo, antes da invasão do território paraguaio, morreram por doença, somente em fevereiro, os voluntários Cristiano Müller, Valentim Schäffer e João José Hermes. No mês seguinte, no dia 03, baixou ao Hospital o voluntário Schmidt; no dia 05, baixaram os voluntários Otto Lobedan, Gottlieb Gnewuch, Luis Hoffmann e Bruening; no dia 06 baixaram os voluntários Hermann Willerding, Carlos Baucke, Carl Kressien, Krüger, Ernesto Richter, Nicolau Haendchen, Heinrich Hansen, Augusto Persch, Kreis, Eisendecker, Dinkelberg, Neuschaefer e Kupas; No dia 14 teve alta do Hospital o voluntário Dinkelberg; No dia 16 baixou o voluntário João Riediger e tiveram alta

os voluntários Hermann Willerding, Carlos Baucke e Nicolau Haendchen. Após a conquista do Passo da Pátria pelas tropas aliadas, os voluntários alemães desembarcaram do navio, em 05 de abril. Mesmo assim, neste dia e no dia seguinte, baixaram ao hospital um total de três oficiais e vinte voluntários alemães.

Foi logo após este período que Carlos Praun foi destacado, devido a sua experiência como ecônomo, durante alguns meses, como encarregado do almoxarifado do laboratório pirotécnico *do arsenal* de munições e do estaleiro naval da Marinha



de Guerra, na *ilha do Cerrito*. A partir destes acontecimentos, as informações sobre a participação dos voluntários alemães na guerra são escassas. As duas companhias de voluntários foram dissolvidas e eles permaneceram naquele local até outubro de 1869, quando foram transferidos para o quartel general do Conde D'eu, em Rosário. Muitos deles pediram a baixa do serviço militar, como o Tenente Emílio Odebrecht, que foi um dos primeiros a se desligar do efetivo, por motivo de saúde. Houve, também, algumas deserções, como foi o caso de Franz Stern, João Tesch e de David Gentner. Pelo testemunho do próprio Carlos Praun, temos a informação de que a sua experiência naquela guerra foi um tanto diferente dos demais. Segundo ele, a batalha mais difícil daquela campanha, foi a sua primeira, a transposição do rio e a conquista do Passo da Pátria. Ele se recordava das fisionomias dos companheiros de combate, embora a idade não ajudasse a ele recordar dos seus respectivos nomes. E ainda, ele relatou ter sido ferido três vezes combatendo, e em decorrência destes ferimentos, ficou internado em hospital militar, em todas estas ocasiões. Do último ferimento, um tiro que atingiu a sua perna direita, resultou uma paralisia parcial dos movimentos, que o deixou manco até o final de sua vida. Este acontecimento resultou no seu desligamento do exército.



Certamente ele esteve no Quartel General do Conde D'eu, em Rosário, ao norte de Assunção, pois chegou a conhecê-lo, assim como aos Generais Mitre, Argentino e Venâncio Flores, Uruguaio. Possivelmente, após a sua passagem pela ilha do Cerrito, ele tenha combatido junto à bateria de voluntários alemães do Rio Grande do Sul ou uma outra Companhia, embora não tenha sido encontrados até o momento, registros deste fato e nem das batalhas de que ele participou e onde foi ferido. Até a época de sua dispensa do exército e retorno ao Brasil, é incerta. Em março de 1869, o então sargento Augusto Peters, de Brusque, recebeu a baixa do serviço militar e chegou ao Desterro. Mas, o Conde D'eu assumiu o comando do exército somente em abril daquele ano, e Praun chegou a conhecê-lo. Também alguns outros voluntários alemães, de Joinville, retornaram ao Brasil em março de 1870. O certo é que ele já estava em Itajaí no mês de junho de 1870, quando ele fez parte do grupo que fundou a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana.

Dois anos depois, ele casou com Josefina Victorina da Silva, filha de Bento Malaquias da Silva, e desta união, ele deixou uma grande descendência. Viveu na localidade do Limoeiro e trabalhou como pequeno comerciante no interior de Brusque, fornecendo materiais e alimentos aos imigrantes recém-chegados. No ano de 1883, ele solicitou a sua carta de naturalização como cidadão brasileiro. Ao abandonar o ofício de comerciante, ele veio residir na cidade, e foi morar na Rua Uruguaí, sendo uma pessoa de vida mais reservada, pouco participando de eventos sociais, principalmente após ter ficado viúvo, em 1902.

Durante o ano de 1907, reacenderam as discussões políticas a respeito das promessas feitas e não cumpridas pelo governo, sobre a compensação financeira a que os voluntários da pátria teriam direito. Porém novamente, não surtiu nenhum resultado decorrente disto. Viviam naquele ano, em Itajaí, além de Praun, outros quatro veteranos da guerra: Carlos Mellies, que havia servido na marinha, residia na barra do rio; Honorato Antonio de Amorim, no Rio Pequeno; e Felisbino Umbelino, residente no Ariribá. Hermann Willerding, que foi seu companheiro na companhia de voluntários alemães, já havia falecido muitos anos antes. Apenas para constar, foram voluntários da pátria de Itajaí: João Constantino da Costa, Cypriano Manoel da Rocha (nascido em 1845, filho de Jacinto da Rocha e Silvana Rosa Vieira, residente em brilhante no ano de 1889), Adriano dos Santos (desertou do exército em 1867), João Augusto de Carvalho e Miguel, cujo sobrenome é desconhecido.

Quando foi impresso o livro comemorativo do centenário de Blumenau, em 1950, ocorreu um erro ao citar os voluntários da pátria da colônia. O seu sobrenome

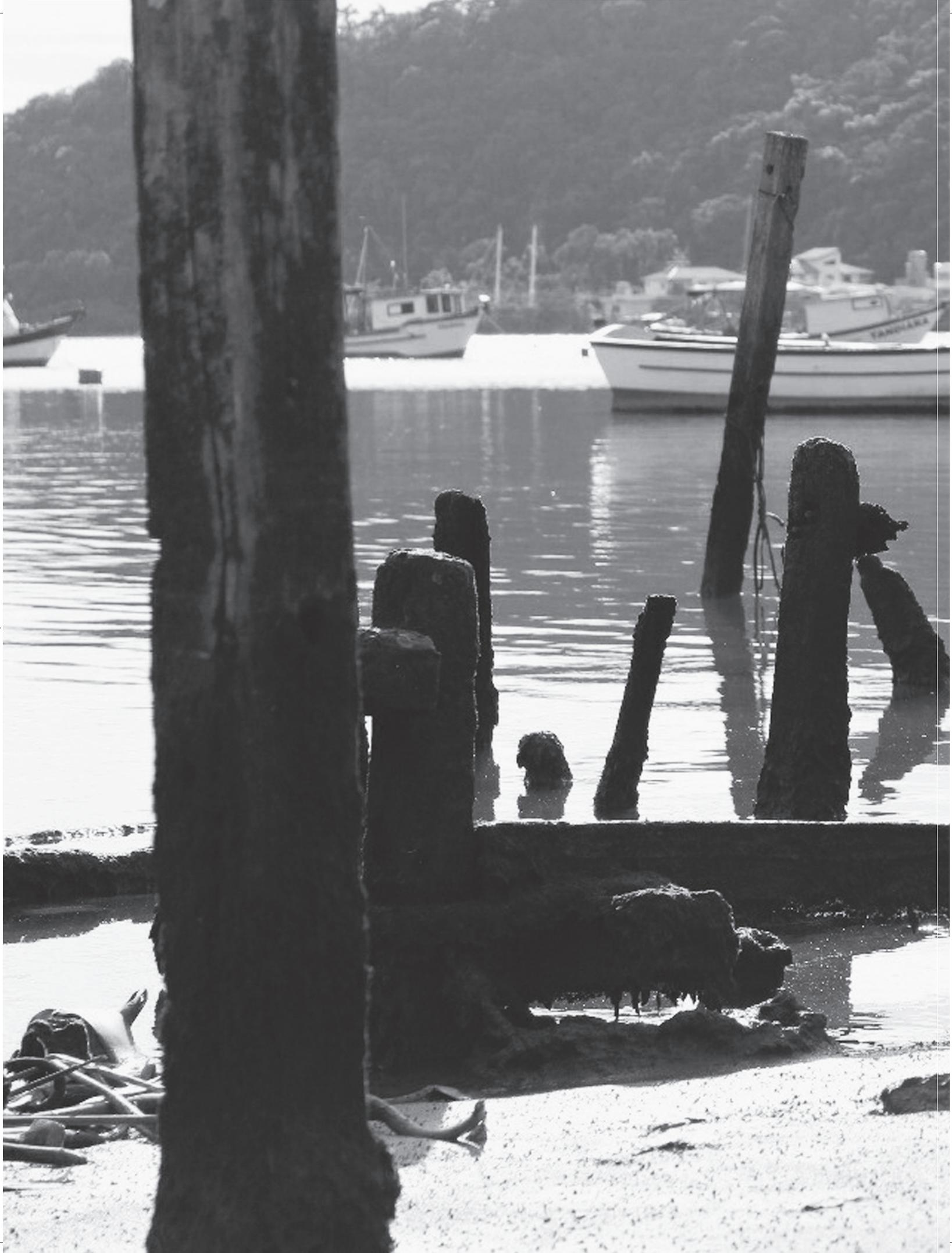
foi registrado como “Braun”, erro este que posteriormente, apareceu em outras publicações e citações que utilizaram o livro como referência. Quanto aos seus documentos militares, os quais poderiam trazer outras informações, ele enviou para os Ministérios da Guerra e da Fazenda, na esperança de receber ao menos parte do antigo soldo. Nada obteve e nunca mais conseguiu reaver seus papéis. Recebia na época da guerra, o soldo mensal de 12\$500 e a este valor era acrescido 5\$000 a título de gratificação, quando participando de combates. Parte dos voluntários solicitava que metade do soldo fosse entregue diretamente para suas famílias no Brasil.

Carlos Hugo Praun faleceu em Itajaí no dia 13 de agosto de 1933, aos noventa e seis anos de idade. Dos voluntários da pátria que viveram em Itajaí, o seu túmulo é o único que ainda existe. Ele foi sepultado no cemitério da Fazenda, e em seu túmulo está escrita uma pequena lembrança de sua vida: “Aqui dorme o sono eterno Carlos Hugo Praun, veterano da guerra do Paraguai e fundador da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Itajaí”. Seu nome hoje é topônimo de rua localizada no centro de Itajaí.



REFERÊNCIAS

- JORNAL Itajahy. Itajaí, 15 de julho, 1928.
 JORNAL O Pharol. Itajaí, 19 de agosto, 1933.
 JORNAL A Regeneração. Desterro. 23 de novembro, 1883.
 JORNAL O Apóstolo. Rio de Janeiro, 21 de dezembro, 1894.
 _____. Rio de Janeiro, 23 de dezembro, 1894.
 _____. Rio de Janeiro, 28 de dezembro, 1894.
 _____. Rio de Janeiro, 06 de janeiro, 1895.
 _____. Rio de Janeiro, 18 de janeiro, 1895.
 JORNAL O Despertador. Desterro, 02 de março, 1869.
 JORNAL O Dia. Florianópolis, 24 de setembro, 1911.
 JORNAL República. Florianópolis, 05 de julho, 1895.
 JORNAL República. Florianópolis, 16 de setembro, 1931.
 JORNAL do Brasil. Rio de Janeiro, 22 de setembro, 1911.
 JORNAL Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 25 de abril, 1895.
 MÜLLER, Carlos Henrique. **Voluntários alemães de Santa Catarina na guerra do Paraguai.** Arquivo pessoal do autor.
 REVISTA Blumenau em Cadernos. **Blumenau na história militar brasileira.** Blumenau, t.5, n.6-10, p. 03-45, 1962.
 REVISTA Blumenau em Cadernos. **Colonos de Joinville na guerra do Paraguai.** Blumenau, t.8, n.3, p. 42-60, 1966.



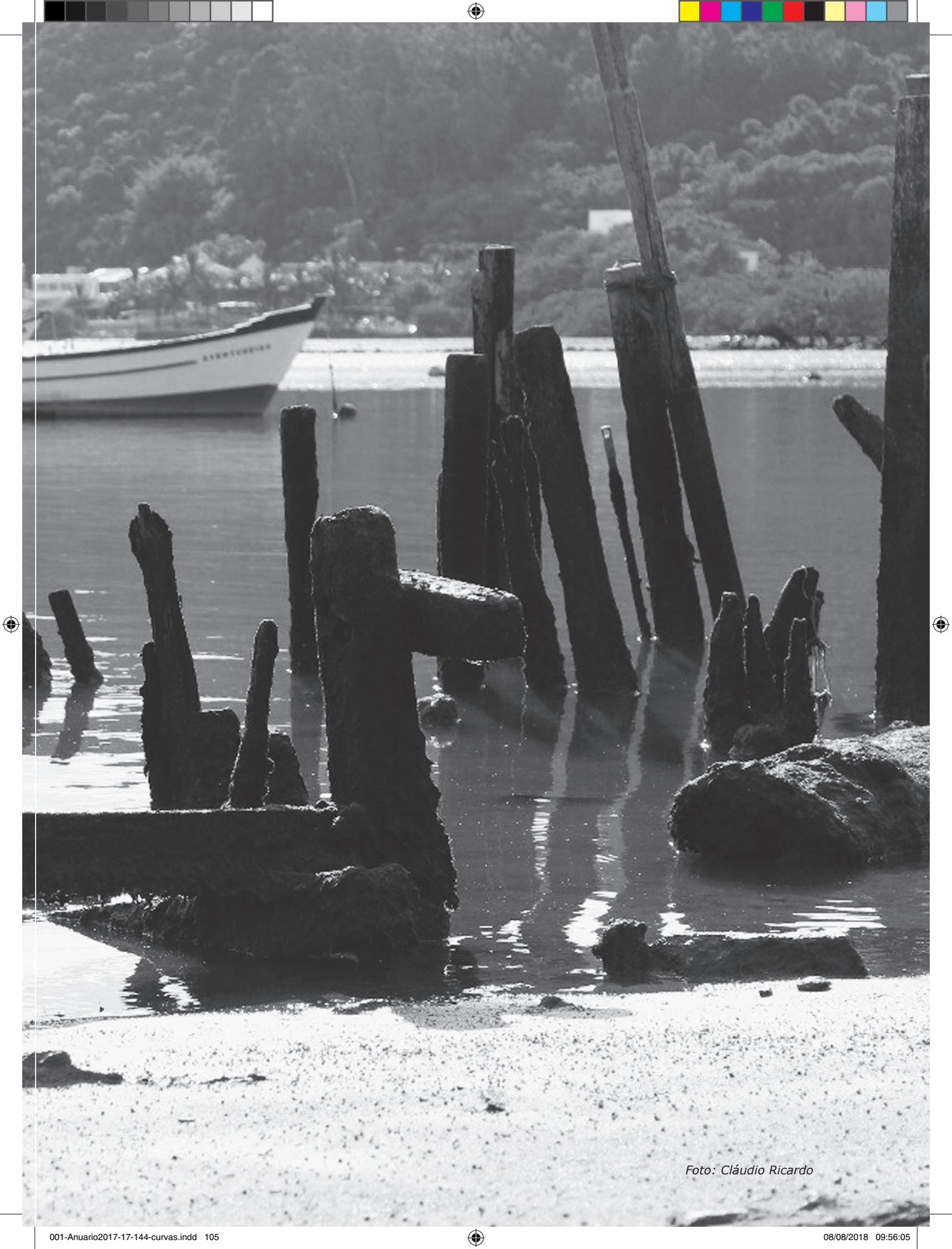


Foto: Cláudio Ricardo





ONTEM

E

HOJE



Gustavo Melim Gomes - mantenedor do blog
"Todos os Jogos do Marcílio"





“Este edifício pertencia a Eduardo Dias de Miranda, antigo agente postal de Itajaí. A metade da esquerda era a residência do agente” (Itajaí 1972, Silveira Junior). Foi construído antes de 1908. Serviu como tipografia do antigo jornal O Pharol e hoje não existe mais. Foi demolido para dar lugar ao estacionamento do hotel Rota do Mar (antigo Hotel Itajaí).





“Em 1843 todas as casas da cidade eram de pau-a-pique, amarradas com ripas e baseadas, sendo que só três ou quatro eram caiadas, e só a casa do major Agostinho Alves Ramos era de pedra, tijolos e cal”. (Itajaí, 1972, Silveira Junior). Em 175 anos, ela serviu à inúmeros propósitos: de residência à casa de secos-e-molhados (Casa Alfredinho), chegando ao que é hoje o restaurante DeGustare.





“Foto anterior a 1930. O locomóvel que está sendo puxada por um trator se destinava à Estação Experimental que funcionou na rua Uruguai.” (Itajaí, 1972, Silveira Júnior). De uma forma geral, 90 anos depois a paisagem continua a mesma - exceto pelo asfalto e os meios de transporte, significativamente melhores.





Vista do alto da Igreja Matriz provavelmente nos anos 1960 e agora em 2018 (Grupo Itajaí de Antigamente, no Facebook). Praticamente tudo diferente: os carros, as ruas e seus sentidos, a praça e as construções. Ao fundo à direita, o prédio onde hoje situa-se a loja Gig Festas.





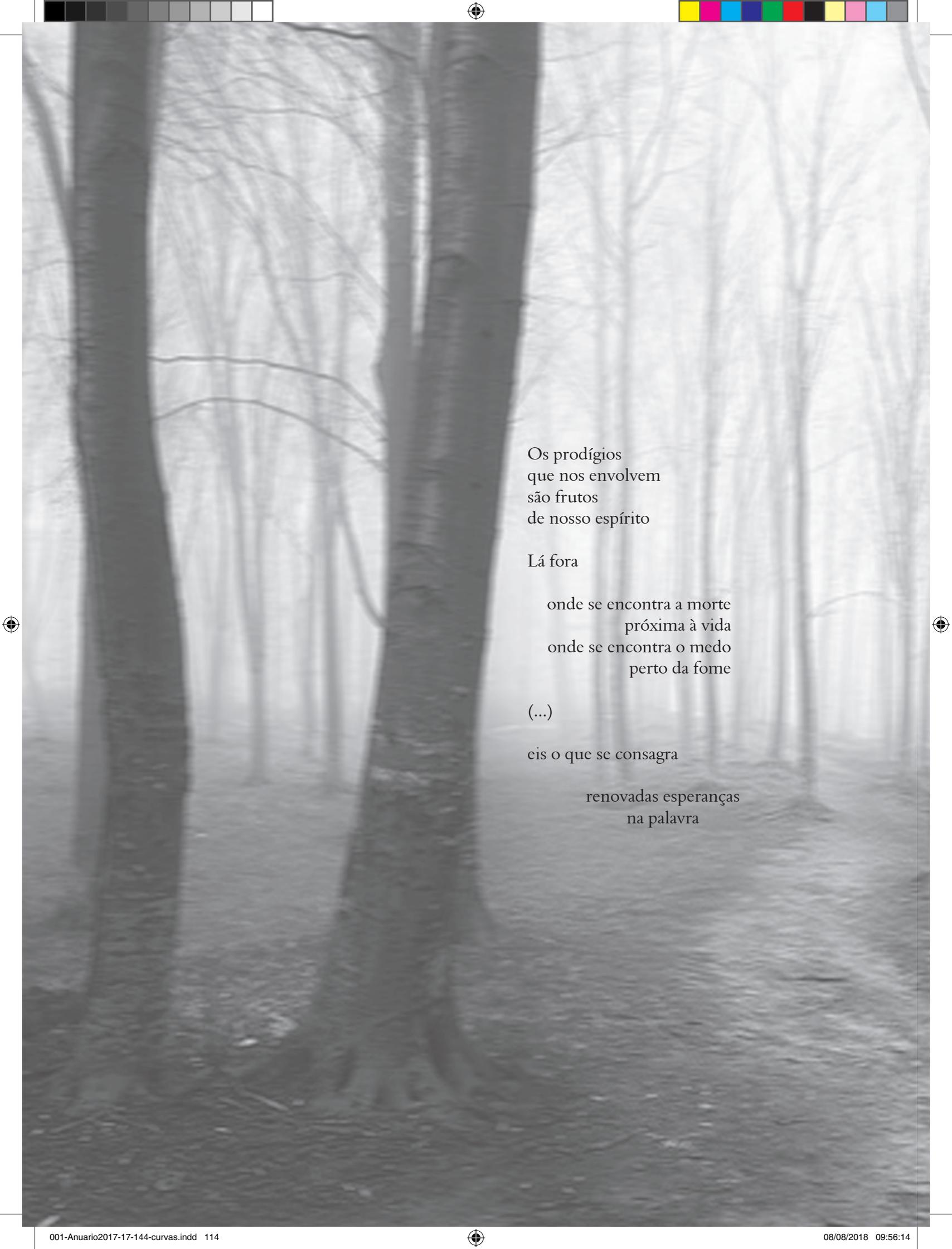
Acidente de ônibus nos anos 1960 na casa de Antoninho Carvalho, zagueiro do Marcílio Dias. O ônibus marca Pulmann da empresa Osmar Onofre linha Armação-Itajaí trombou com outro veículo e colidiu com o muro da residência. (blog Clube dos Entas). Ao longo dos anos a casa passou por reformas e hoje se divide em dois estabelecimentos comerciais: à esquerda a loja de roupas Gatos e Atos. e à direita a cafeteria Cafêhaus da XV.





Esquina das ruas Silva e Tijucas, provavelmente nos anos 1980 e agora, em 2018 (Grupo Itajaí de Antigamente, no Facebook). À direita, praticamente todas as construções se mantiveram, mudando apenas suas função comercial ao longo dos anos. À esquerda, a grande e arborizada casa deu lugar a um posto de combustível da Petrobras.





Os prodígios
que nos envolvem
são frutos
de nosso espírito

Lá fora

onde se encontra a morte
próxima à vida
onde se encontra o medo
perto da fome

(...)

eis o que se consagra

renovadas esperanças
na palavra





Igreja da Imaculada Conceição

Luciana Ferreira - Arquiteta
Thayse Fagundes e Braga - Historiadora

Um Marco de Fé
que preconizou 194 anos de
nascimentos, uniões
e despedidas na vida tangível
e frágil de toda nossa gente
onde, em silêncio, aguarda
sua reabertura
qual Graça.

Marco de Fé

Marco de Vida

A IGREJA DE NOSSA SENHORADA IMACULADA CONCEIÇÃO, como a conhecemos atualmente, é resultado de sucessivos acréscimos e modificações.

Construída ainda no século XIX está implantada na Praça Vidal Ramos - marco zero da cidade, próxima ao Rio Itajaí-Açu. Ela compõe a paisagem da cidade há mais de um século, fazendo parte do cotidiano e do imaginário da população e formando um bonito conjunto com a praça. A torre sineira está localizada em meio à fachada principal, demarcando o acesso principal da igreja.

Tipicamente eclética, a igreja apresenta características góticas - torre pontiaguda coroada de coruchéu, aberturas em arcos ogivais, bandeiras e janelas com rosáceas rendilhadas, pináculos; e neoclássica - simetria, tímpano triangular marcando as entradas laterais, pilastras e cornijas que conferem harmonia ao edifício além dos frisos como decoração.

Conserva suas paredes construídas parte em alvenaria de pedra e parte em alvenaria de tijolos e além de sua bela fundação em pedra.

Sua feição atual conserva os elementos da sua última grande reforma, que foi concluída no início no século XX.

Em 1823 Agostinho Alves Ramos deu novos rumos ao povoamento da foz do Rio Itajaí. Estabeleceu-se como comerciante e, em uma das dependências de sua residência, armou pequena capela, onde se rezavam novenas e, de quando em quando, os vigários e capelães de Itapocorói e de Porto Belo realizavam ofícios religiosos. Outra providência inicial foi o envio de correspondência ao Bispo do Rio de Janeiro, solicitando a licença para a celebração de ofícios religiosos em oratório particular e a oficialização do Distrito de Itajaí com seus limites.

Em resposta ao prestígio de Agostinho, a 31 de março de 1824, foi redigida a Provisão Episcopal de Dom José Caetano da Silva Coutinho, Bispo do Rio de Janeiro, onde o pequeno Arraial foi elevado a Curato e nomeado o primeiro sacerdote para fixar residência em Itajaí e lhe concedia jurisdição para administrar os sacramentos. Este encargo coube ao franciscano Frei Pedro Antônio Agote. O mesmo documento dava ao referido sacerdote a faculdade de celebrar missas em oratório particular enquanto não estivesse pronta a capela do Santíssimo Sacramento e o autorizava a benzê-la e ocupa-la como “Capelão Curado do Distrito de Itajaí”. Essa circunscrição eclesiástica abrangia os moradores entre o rio Gravatá, ao norte, e ao sul, o rio Camboriú.

Antes de nomeado o cura já os itajaienses estavam em obras com a Casa de Deus. Era imprescindível uma casa de oração onde os habitantes do lugar se reunissem aos domingos e dias de festa para em comum levar suas preces a Deus e a SSma. Virgem. Sendo pequeno o lugar, não se cogitou em edificar um grande templo. Constituiu-se uma capelinha sem torre como essas capelinhas singelas do sertão.

— A primeira Capela-Curada foi construída de *pau-a-pique e barreada*, conforme registram as memórias de Antônio da Costa Flores:

No Itajaí não havia então nenhuma rua, nem se falava em arruamento. Nas imediações do local em que presentemente se acha a Matriz, existiam uns alicerces de pouco mais de meio metro de altura; construído por um pedreiro escravo do Major Agostinho, de nome Simeão; para a igreja, e uma meia água muito pequena de taipa, sem reboco, coberta de telha, sem forma exterior de templo e conhecida por Casinha de Nossa Senhora, porque agasalhava uma imagem de Nossa





Senhora da Conceição. O cemitério ficava no terreno sito nos fundos dessa casinha e ia até perto da atual casa do negócio do senhor Pedro Bauer.

O terreno para a primitiva capela, construída de pau a pique, e do Cemitério foi doado por José Coelho da Rocha e sua mulher Maria Coelho da Rocha e era o mesmo da atual Igreja da Imaculada Conceição na Praça Vidal Ramos. Sendo devotos do Santíssimo Sacramento, doam o terreno com a expressa condição de receber sepultura e salvação de suas almas.

A escritura de doação data de 02 de abril de 1824, e foi lavrada a pedido dos doadores - que eram analfabetos; condição da maioria, naquele contexto histórico.

Segue a transcrição do documento:

Documento de Doação do Terreno da Egreja Matriz

Dizemos nós abaixo assinados com uma cruz que é o sinal de que usamos JOSÉ COELHO DA ROCHA e minha mulher MARIA COELHO DA ROCHA, que somos senhores e possuidores de trinta (30) braças de terra de frente, com sessenta (60) braças de fundos, sitos neste Rio de Itajahy Grande, no lugar chamado Estaleiro; cujas terras fazem, a Leste no dito Rio as frentes, os fundos a Oeste com terras de nossa propriedade. Extremam pelo sul com terá de AGOSTINHO ALVES RAMOS e pelo Norte com terras de nossa propriedade; cujas terras assim confrontadas fazemos a doação no valor de trinta mil réis ao Santíssimo Sacramento, para nelas ser feita sua Capela e um cemitério com condição de sermos dar a sepultura e fazer nosso Bem d'Alma; cuja doação fazemos por muito nossa livre vontade e sem constrangimento de pessoa alguma. E pedimos ao Senhor Bento José da Costa que este por nós fizesse assinada com testemunhos e Nós assinamos com o nosso sinal que é uma cruz.

Rio de Itajahy, 2 de abril de 1824.

José Coelho + da Rocha

Maria Coelho + da Rocha

Como testemunhas que este fiz por ser pedido pelos ditos senhores:

Bento José da Costa

Como testemunha que lhe este vi fazer:

Germano José da Silva.





Com a elevação do povoado à condição de Freguesia - a partir da resolução assinada pelo Presidente da Província - em 12 de agosto de 1833, Itajahy desliga-se da Vila de São Francisco do Sul; e integra-se ao Município de Porto Belo. Surgia, então, a Freguesia do Santíssimo Sacramento do Itajahy.

Neste meio tempo, a pequena “Casinha de Nossa Senhora” precisou de reparos e acabou sendo substituída por uma construção de pedra e tijolo. Começava ali, a construção da primeira Matriz da Paróquia do Santíssimo Sacramento.

A matriz do Ssmo. Sacramento e de N^a Senhora da Conceição de Itajahy está situada no lado direito do Rio Itajahy no largo chamado da Matriz, feita por parte de tijolos, por parte de pedra; o anno da construção esta Igreja não está certo, porém parece que foi feita entre 1837 e 1840 (1^o Livro do Tombo - Paróquia do Santíssimo Sacramento).

Segundo Edson d´Ávila, com o intuito de atender a um desejo da Agostinho Alves Ramos, a Freguesia passou a ter uma co-padroeira – Nossa Senhora da Conceição – de quem era contrito devoto.

Daí, a origem de duas datas comemorativas religiosas ainda respeitadas no Município de Itajaí: a de Corpus Christi, em homenagem ao Santíssimo Sacramento; e o dia 08 de dezembro, dedicado à Imaculada Conceição.

Naquela época, a construção e conservação dos templos era responsabilidade do governo cujo regime era de união com a igreja.

Em 1843, o Governo Provincial precisou socorrer a Matriz, para levantar uma parede que havia caído, conforme se vê na fala que o presidente Ferreira Brito faz naquele ano por ocasião da abertura da Assembléia Legislativa dando conta dos negócios públicos (Anuário 1949).

Em 1844 mais uma vez a igreja necessita de cuidados:

[...] também se levantou um pano de uma parede que se tinha abatido na igreja de Itajaí, trata-se de levantar o outro, bem como pilares e frente, e de cobrir de novo

que tudo está entregue e confiado a zelosa administração do Tenente Coronel Agostinho Alves Ramos (01/03/1844). Anuário 1949.

No entanto, em 1849, a Igreja se encontrava em tamanho estado de risco, que o Vigário passou a celebrar a Missa em sua própria casa. De ornamentos, porém, consta estar menos mal servida (fala do vice-presidente Pedro Amorim do Vale em 01/03/1849).

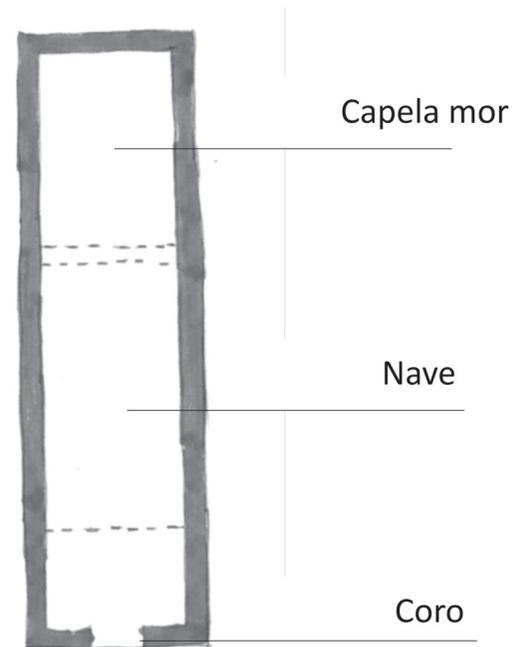
Dois anos mais tarde, em 1851, a Igreja cai; e as imagens tiveram que ser recolhidas à casa de Agostinho Alves Ramos. (Assembleia Legislativa 01/03/1851 Dr. João José Coutinho)

Uma vez por terra, urgia reedificá-lo. Não se sabe se a reconstrução obedeceu a mesma planta anterior, mas o certo é que foi construído num tamanho diminuto. Uma vez reconstruída, a Primeira Matriz ocupava um espaço bem pequeno – e que hoje, poderia ser comparado ao espaço que ocupam os bancos centrais da Igrejinha da Imaculada Conceição. As colunas grossas que agora sustentam as arcadas largas são partes remanescentes da igreja de então.

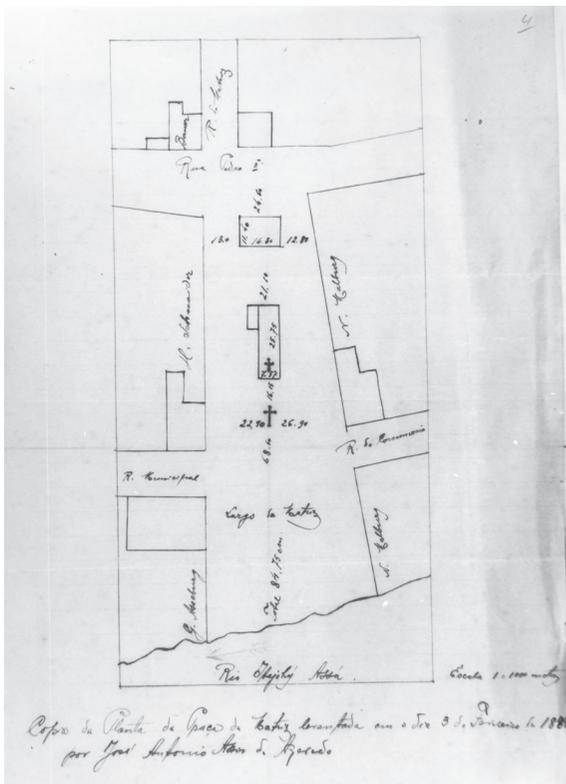
As obras levaram vários anos. Em 1855 a capela mor foi coberta, em 1857 esta foi concluída. Somente em 1865 a obra foi finalizada.

Edificação modesta tinha como característica a ausência da torre sineira e ser constituída apenas pelo que hoje é a nave central, coro e capela mor.

Com a Resolução n.464, de 04 de abril de 1859 – decretada pela Assembleia Legislativa Provincial – a



Planta da Igreja
concluída em 1865.



Freguesia do Santíssimo Sacramento do Itajahy passa à condição de Vila; desmembrando-se da Vila de Porto Belo; e agregando o distrito de Penha.

Cópia da Planta da Praça da Matriz Antiga (atual Praça Vidal Ramos), levantada em 03/02/1887, por José Antônio Alves de Azevedo.

Detalhe de Cartão Postal da Igreja Matriz de Itajaí Imaculada Conceição - Igreja já com a torre sineira e relógio, porém sem a ampliação das laterais. Foto entre 1898 e 1899.



Essa mudança provocou um crescimento populacional significativo; que acabou exigindo a ampliação da antiga Matriz. Antes de alargá-la, porém, era necessário fazer uma torre. A torre, a posterior parte do coro, o átrio e o batistério foram feitos em 1889, ligada à igreja pela frente.

Com a construção da torre a igreja ganhou nova feição. Sua característica de pequena capela do interior se perdeu. Porém a estrutura original se conservou, ocorrendo apenas a ampliação. A fachada nova era mais larga do que a edificação, provavelmente porque já era prevista as ampliações laterais. Possuía duas aberturas (uma de cada lado na parte que excedia a edificação) com a verga reta, como na parte posterior ainda hoje existente.

Os retábulos laterais construídos de madeira em 1891, à direita o de Santa Catharina Virgem e Myster com uma imagem da mesma santa, à esquerda o de N^o Senhor Bom Jesus com uma imagem do Bom Jesus de Iguape.

A pia batismal de mármore vermelho existente no batistério atualmente já é citada no inventário de 1896, assim como o púlpito envernizado com escada.

Em 1898 foi comprado por toda a comunidade itajaiense e colocado na torre o relógio. Esse maquinário provem da firma Pendula Fluminense de Maeder Dubois & Cia, do RJ. Também foi feito um novo retábulo, “todo de canela de lei, dourado, estilo romano”. Na mesma ocasião foi pintada a capela mor pelo artista Paulo Hering e renovado o assoalho. Em 1899 benzeu-se o novo altar-mor.

Em 1899 começaram do lado norte as obras de alargamento da igreja matriz, segundo os planos do arquiteto Reinhold Roenick¹, mudando mais uma vez a

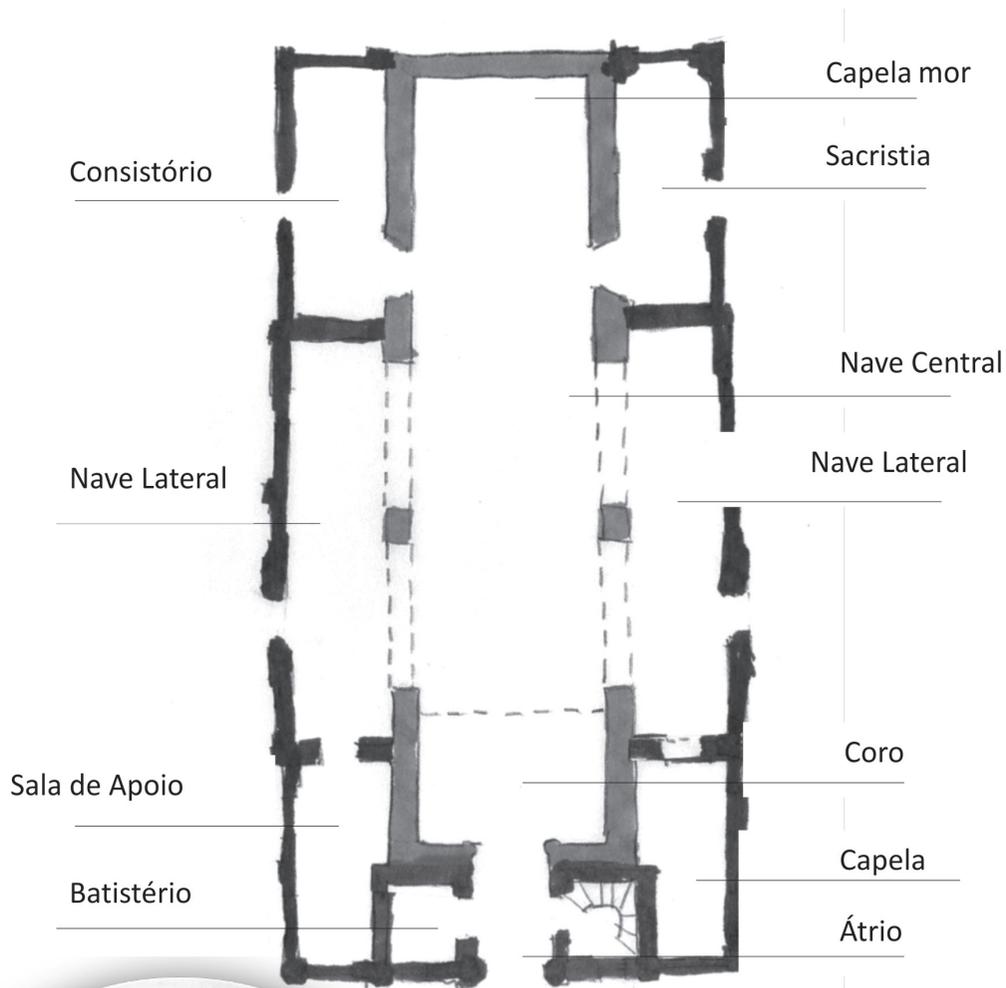
¹ Reinhold Roenick nasceu em Halla, Alemanha, de onde veio com 27 anos, como passageiro num navio à vela para o Brasil. Inicialmente ficou em Pernambuco, onde não se adaptou. Viajou pelo litoral em direção ao sul, chegando até Santos/SP. Aí adoeceu com febre amarela, ficando entre a vida e a morte. Mal curado, passou-se a Paranaguá/PR. Era ano de 1893 e naquela cidade foi alistado à força nas tropas federalistas do revolucionário Gumerindo Rocha que ocupavam aquele porto. Marchou com os revolucionários até a cidade de Lapa/PR, de onde conseguiu a fuga. Seguiu para o sul, e finalmente se estabeleceu em Blumenau/SC, passando a exercer a profissão de arquiteto e mestre de obras, para o qual se preparara em escolas especializadas na Alemanha. Logo era o mais procurado, tanto em Blumenau como em Itajaí. Em 1898 fixou residência em Itajaí, já casado. São projetos arquitetônicos seus em Itajaí as casas Konder, Burkhart e Malburg. Faleceu no Rio de Janeiro em 1934.

Itajaí. Desenho de Henry Lange, 1882.



volumetria da igreja, suas fachadas laterais e telhado. Nas fotos podemos observar que a janela da nave lateral, hoje com arco ogival, possui arco abatido.

Em 1904 as obras estavam quase concluídas, segundo o inventário de 16 de maio 1904, não tendo registro exato de quando ficaram prontas. As grossas colunas que hoje vemos no interior são partes remanescentes das paredes laterais. Os vãos abertos pela destruição destas paredes tiveram um acabamento em arcadas amplas. Assim se formaram as naves onde em se encontravam o altar de N. Senhor dos Passos, à direita e à esquerda o altar de Nossa Senhora de Lourdes.



*Planta da Igreja com ampliação concluída no início do século XX.
Foto da Igreja com as obras de ampliação em andamento.*

*Igreja com a ampliação do lado direito.
Foto de 1902. Cartão Postal da Igreja
Matriz de Itajaí Imaculada Conceição -
foto anterior a 1904.*





Não há registro de quando foram feitas a sacristia e consistório, mas podemos observar que nas fotos a partir de 1900 eles já existem.

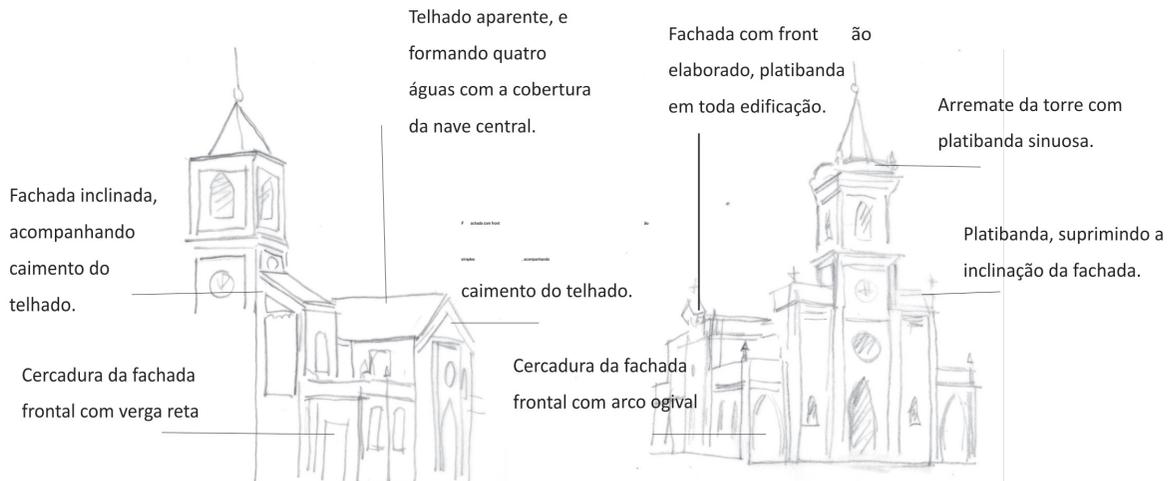
Na mesma época em que se ampliou a torre, década de 1920, outras modificações foram feitas. A cobertura da nave, batistério e acesso a escada da torre foram alteradas, modificando um pouco a volumetria da edificação.

Na fachada frontal, que anteriormente era inclinada, perdeu a inclinação que acompanhava o telhado, e ganhou platibanda. A torre além do aumento em sua altura recebeu um acabamento em sua base, uma pequena platibanda sinuosa.



Igreja com suas ampliações laterais concluídas. Foto de 1910.

Essa obra ocorreu entre 13 de agosto de 1920 a 05 de dezembro de 1921.



Na direita, igreja antes da ampliação da torre; na esquerda após a ampliação.

A partir da década de 20 começa o movimento para a construção da nova igreja matriz. Com isso se reduz os investimentos na Igreja Imaculada Conceição. Já em 1939 começa a arrecadação para a construção da nova igreja iniciada em 1941. Com isso todos os recursos são direcionados para nova igreja o que leva a um abandono da “velha matriz”. Depois dessas ampliações a igreja basicamente manteve suas características externas.

Após 1949 o relógio, ao menos a parte externa, foi trocado. Não há registro dessa troca nem a data precisa. Somente foi encontrado registro no anuário de 1949 que ainda era o mesmo.





Também houve a troca da janela em rosácea rendilhada acima da portada principal. Não há registro dessa troca, mas examinando fotos podemos restringir o período entre 1940 e 1952.



A nova Igreja Matriz foi inaugurada em 15 de novembro de 1955.

Em 1959, no Consistório da igreja começou a funcionar a livraria católica São Luiz. Como consequência a porta de acesso ao presbitério ficou permanentemente fechada até poucos anos atrás.

No mesmo ano foi iniciada uma reforma na igreja. Esse registro foi encontrado no 2º Livro de Tombo mas não há informações mais detalhadas do que foi feito.

No ano de 1960 a igreja passa a chamar-se “Igreja da Imaculada Conceição” conforme entendimento havido com o Senhor Arcebispo Metropolitano.



Por iniciativa de Rosinha de Souza, em 1968, foi contratada a pintura, com plástico, da Igreja, com reparos nas paredes e nos encanamentos e calhas. Em meados de 1969 ficou pronta reforma da pintura externa da igreja.

No ano de 1976 foi feita a pintura interna da igreja, assim como reparos em vidros, goteiras e tratamento contra os cupins. No 3º Livro do Tombo encontra-se a informação que, devido à morte de Dide Brandão, a pintura dos anjos sobre o arco cruzeiro ficou inacabada.

Em 1998 foi feita uma reformulação da sacristia, com nova mobília, bem como retoques na iluminação.

Durante os anos de 2002 e 2003 foram feitos reparos na igreja, no tocante ao telhado, torre, vigas de sustentação do forro e algumas imagens sacras, com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

Em 2005 foram feitos reparos na fachada com o uso argamassa a base de cimento, o que gerou a necessidade de nova intervenção. Esta intervenção foi feita em 2006 para retirar esse material que é incompatível com o material original da igreja.

Apesar de não ter sofrido alterações externas, interiormente a igreja sofreu algumas intervenções nos últimos quase 70 anos que levaram a algumas perdas -



Flagrantes diversos da Igreja Imaculada conceição.

como as pinturas parietais e o belo forro de madeira pintado na capela mor. Apesar de resquícios e de documentação fotográfica, há pouca informação para recuperar as pinturas. O forro pintado, mesmo ainda sob o forro de estuque, está completamente comprometido pelo ataque de térmitas.

Em 2013 o forro do altar mor cedeu e a igreja foi inteditada.

A queda do forro forçou a necessidade de um restauro - o que já era visivelmente preciso há muito tempo.



Escondido sob o forro de estuque (não há data precisa de quando foi colocado), encontrava-se o forro original da igreja. Infelizmente, estava completamente comprometido pelo ataque de térmitas.

Apesar de resquícios e de documentação fotográfica, não havia informação suficiente para recuperar as pinturas parietais e o forro.

O projeto de restauro foi baseado em análise criteriosa da situação atual e suas transformações ao longo do tempo. Além da ação dos cupins a igreja apresentava vários outros problemas, inclusive estruturais. O restauro mais do que necessário era urgente.

Em 2016 as obras de restauro da igreja tiveram início e serão finalizados em 2018. Um restauro completo, levando em conta suas técnicas construtivas e materiais.

A igreja será entregue a comunidade, não como era nos anos de 1850 ou 1960. Na verdade ela é um conjunto de várias fases, mas é a igreja que conhecemos, a que faz parte da lembrança de todos. Patrimônio por muitos anos abandonado, passando apenas por pequenos reparos, finalmente recebe o tratamento que merece. Uma obra digna de uma edificação de mais de 150 anos.



GLOSSÁRIO

Abóboda: teto curvo cujo peso se descarrega sobre o pé-direito ou encontros. Estes (muros, pilares, etc.) recebem o peso e a pressão lateral da abóboda.

Acanto: *Acanthus mollis*, segundo Lineu, nome de uma planta com folhas de bonita forma, empregada decorativamente na arquitetura, em particular no capitel coríntio, de 420a.C., e nas suas versões romanas (capitel compósito). A arte romântica em geral



confere ao acanto uma forma estilizada, enquanto as artes renascentista e barroca se voltam para sua forma original.

Cornija: faixa que se destaca horizontalmente da parede e acentua as suas nervuras horizontais.

Consistório: em arquitetura religiosa, compartimento ou espaço de reunião e assembleia;

Coruchéu: arremate em forma de pirâmide ou cone, utilizado em torres ou pavilhões.

Degrau ingrauxido: degrau cujo formato se assemelha em maior ou menor escala ao de uma cunha, cuja finalidade é criar uma mudança de direção.

Envasadura oblíqua: a janela é recortada obliquamente na parede.

Fecho do arco: aduela em forma de cunha, normalmente ornamentada, na coroa de um arco e que serve para manter as demais aduelas firmemente no lugar.

Luz angélica: luz triangular em uma janela gótica, formada pelo arco da janela, um arco de uma porção inferior do traçado e o mainel de uma porção superior do traçado.

Mainel: coluneta que divide em duas partes o vão de uma janela.

Peanha: pequeno pedestal, que sustenta uma imagem, uma cruz, etc.

Presbitério: na igreja, espaço reservado aos sacerdotes, perto do altar-mor.

Quadrifólio: ornamento composto por quatro folhas divididas por cúspides e que se irradiam de um centro comum.

Rosácea: janela circular, normalmente com vitral e decorada com traçado simétrico ao redor do centro.

Retábulo: construção de madeira ou pedra, em forma de painel e com labores, que se coloca na parte posterior dos altares e que é geralmente decorada com temas da história sagrada ou retratos de santos.

Sacristia: local onde se guardam os paramentos litúrgicos, servindo também de vestiário para os sacerdotes e clérigos.

Supedâneo: Tipo de estrutura plana (de madeira) sobre a qual o padre fica de pé ao rezar missa

Voluta: elemento arquitetônico em espiral. Forma que distingue o capitel jônico. Raro na Idade Média; empregada no Renascimento e Barroco como mediação entre elementos horizontais e verticais.



DOCUMENTOS FGML/ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA HISTÓRICA DE ITAJAÍ:

Anuário de Itajaí 1949, p.48.

Anuário de Itajaí 1959 – Igrejas de Itajaí: a matriz velha.

Carta enviada a Dom José de Camargo Barros (Bispo da Diocese de Curitiba) pedindo permissão para celebrar missa no dia 1º do século vindouro, escrita pelo Padre Francisco Auling, 13 de dezembro de 1900. Certidão com Registro de Escritura Particular entregue ao Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí e assinada por Edmundo Heusi com data de 17 de março de 1980.

Cópia da carta enviada pelos moradores do distrito de Itajaí pedindo aprovação de realização de missa, 02/09/1823, 4 páginas. Disponível no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Fundo - Fundação Cultural de Itajaí. Pasta: Igreja Imaculada Conceição (Restauro).

Identificação do acervo cultural - cidade de Itajaí, p.76.

Livros:

CHING, Francis D. K.; tradução Julio Fischer. **Dicionário Visual de Arquitetura**. 2ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

D'ÁVILA, Edison. Pequena história de Itajaí. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1982.

KOCK, Wilfried; tradução Neide Luzia de Resende. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. 4ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva. **Itajaí em crônicas**. Itajaí: Ed. do Autor, 2010. 200 p.

SILVA, Lindinalva Deóla da (Org.). **Itajaí imagens e memória**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1995.

SUMMERSON, Sir John; tradução Sylvia Fischer; revisão da tradução Monica Stahel. 4ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

JORNAIS:

Jornal do Povo, 07 de dezembro de 1974.

Jornal do Povo, 13 de janeiro do 1937.

Jornal do Povo, 20 de setembro de 1959.

Jornal O Pharol, 07 de dezembro de 1904.

Jornal O Pharol, 16 de dezembro de 1904.

Jornal O Pharol, 23 de setembro de 1904.

Jornal O Pharol, 24 de maio de 1917.

Jornal O Pharol, 25 de novembro de 1904.

Jornal O Progresso, ano I, 1 de janeiro de 1899, p.2.

WATERKEMPER, Pe. Ludgero. A Igreja Matriz do SS.

Sacramento em Itajaí. In: Anuário de Itajaí. Itajaí, 1949.

Paróquia do Ssmo. Sacramento - 1º Livro Tombo - 1896 a 1940

Paróquia do Ssmo. Sacramento - 2º Livro Tombo - 1941 a 1963

Paróquia do Ssmo. Sacramento - 3º Livro Tombo - 1964 a 1987

Paróquia do Ssmo. Sacramento e Nossa Senhora Conceição - 4º Livro

Tombo - 1987 a 1998

Paróquia do Ssmo. Sacramento e Nossa Senhora Conceição - 5º Livro Tombo - 1998 a 2003





MAREJADA 2017

Volnei José Morastoni - Prefeito de Itajaí



Senhoras; senhores;

 **ESTE PEQUENO PAPER TEM O INTUITO DE ILUMINAR**, numa encurtada trajetória histórica - não é sentido aqui fazer uma tese - as variantes econômicas e culturais da cidade para emborcar novo sentido de uma festa que se refaz na intenção de trazer aquilo que nos realiza enquanto festeiros: alegria, cultura e comida, principalmente. Pois que é na sacies do que nos alimenta que mergulhamos os sabores à boca, apaziguamos a mente, relaxamos o corpo, tranquilizamos o espírito e nos alegramos do viver. Vamo-nos.

Corria célere a década de 1960 e Itajaí vivia a pujança do beneficiamento e exploração da madeira: as funções portuárias e o setor de serviços ligados a ela desenvolviam-se a toda vela. Entretanto, em uma conjuntura internacional, cambiava-se uma crise onde as exportações enfraqueciam e, com elas, os serviços portuários. A madeira já não atendia mais tais demandas.

Itajaí se volta para o setor pesqueiro, na época do chamado Milagre Econômico (1970-1973). Uma vez esgalado do perigo em vincular a economia à apenas um setor

produtivo, procura diversificar e ampliar a economia. Entre o programa da pesca, o Setor Industrial da cidade, abastecido em três distritos, criado no início de 1970, começara a prover seus primeiros frutos. Mas na querela de 1973, a crise do petróleo afetou a economia mundial e afastou investimentos e potencializou juros.

A estratégia para escapar ao perigo de imergir a economia do município em crise foi o fortalecimento do turismo.

Para grupos humanos se deslocarem em razão do turismo, três fatores são essenciais: a geografia (litoral ou planalto; vales ou serras), a cultura (música, arquitetura, tradições; gastronomia, com seus temperos, especialidades exóticas ou não, seus sabores) e a infraestrutura. Então, por meio de setores empresariais e, depois, do poder público, a cidade buscava uma maneira de se encaixar na rota das festas de outubro, embora culturalmente falando, não se sabia que tipo de evento dinamizar.

Na Comissão Municipal de Turismo (criada em 1973), em seu âmago, as discussões reverberavam na criação de eventos, festas, acontecimentos que juntassem suficiente número atrativo para trazer o turista até Itajaí. A partir daí, muitas tentativas de promover festas e eventos foram à pique, e uma estratégia remodeladora na urbe advém: o espaço da Beira-Rio. Urbanizado nos anos de 1980, foi pensado como espaço turístico, ou seja, criar, em Itajaí, uma área turística incorporando espaços públicos para o lazer da população e do turista. Essa nova concepção de cidade e seus espaços transferiram o terminal urbano para o Bairro Fazenda, tornando-se o local ideal para a realização de uma grande confraternização: a Marejada □ pensada como um espaço que se pretendia abrir para a festa e lazer itajaiense, além da preocupação de se trazer o turista para a cidade e mantê-lo aqui.

A exemplo das cidades de Blumenau ou de Brusque, Itajaí procurava, para o teor da festa, um mote especial, uma identidade e cultura que pudesse ser explorada e estabelecida como autêntica e onde se pudesse realizar todo um esforço em empreender seu “resgate” cultural.





Apesar da forte influência germânica, com ruas e praças diversas homenageando teuto-brasileiros, de um casario antigo cuja arquitetura remonta à Europa central, aos idealizadores da festa pareceu-lhes não convir oferecer marchas alemãs ou servir marrecos, repolho roxo ou Joelho de Porco à cidade e aos turistas. Era preciso diferenciar-se das demais festividades primaveris, nem que se tivesse de inventar representações do passado da cidade (remoto, por certo).

Entretanto, vejam aí, caros, como Itajaí recebeu variada contribuição étnica sob muitas influências. Sua posição geográfica, com acessos a vales de entrada ao interior do Estado, foi decisiva na formação de múltiplas culturas e, também, de hábitos econômicos muito diferenciados: a importação e exportação de bens no final do Século XIX; o comércio de madeira até meados do Século XX; a pequena indústria local (das décadas de 1950 e 1960); os incentivos à grande indústria nos anos de 1970; a pesca e o turismo. Mudanças na economia que entusiasmarão modificações na identidade cidadina.

À margem desta cidade, o rio agregou a vinda de múltiplas famílias e culturas: a polenta, a galinha caipira, engenhos de farinha; cardumes polacos, italianos, portugueses e germânicos; russos e croatas e turcos (porque na cozinha panela o luxo, fidalgo ou vagabundo). Na dimensão efervescente de culturas, os textos oficiais remetem para a preservação de características relacionadas com a simplicidade da origem açoriana possibilitada a partir da Marejada, então festa Portuguesa e do Pescado. Essa noção de purismo étnico remonta a um passado marcado pela cultura açoriana e que remete a uma origem comum, sendo o papel da festa de resgatar tal simplicidade, reinventando uma cidade litorânea, garantindo um contraponto do litoral em relação ao Vale do Itajaí: uma ilha açoriana cercada de tradição alemã por todos os lados.

E a festa, apropriado-se de manifestações da cultura popular, reinventa-as como folclore açoriano e português, impondo um passado monolítico, inventando e produzindo tradições e constituindo uma identidade que se pretende comum a todos. A cultura popular e a própria festa viram mercadorias.

Mas nesta edição, onde altiva acertadamente o nome Marejada 2017, seus organizadores, através de um peculiar e específico fio de Ariadne, conseguem agregar as mais diversas etnias, separadas geográfica e culturalmente, ligando-as à cidade e ao Estado da Federação pelo doce percurso da gastronomia, alma de toda festa, de toda congregação, de toda comemoração. Assim, suscitadas as razões, desrazões e suas contradições anteriores a essa edição, Itajaí, hoje, se congratula com todas as etnias que aqui residem e nos visitam. Não importa se alemães, portugueses, croatas, açorianos, russo, poloneses, italianos etc., não se prevalece um sobre outro; e se o mar une, de certa forma, todos os continentes através de suas águas e correntes, acreditamos que o pescado seja a melhor maneira de enaltecer, nesta festa, uma confraternização que se dá a todos, navegando desde nos pratos de frutos do mar mais elaborados à querida e saborosa sardinha na brasa.



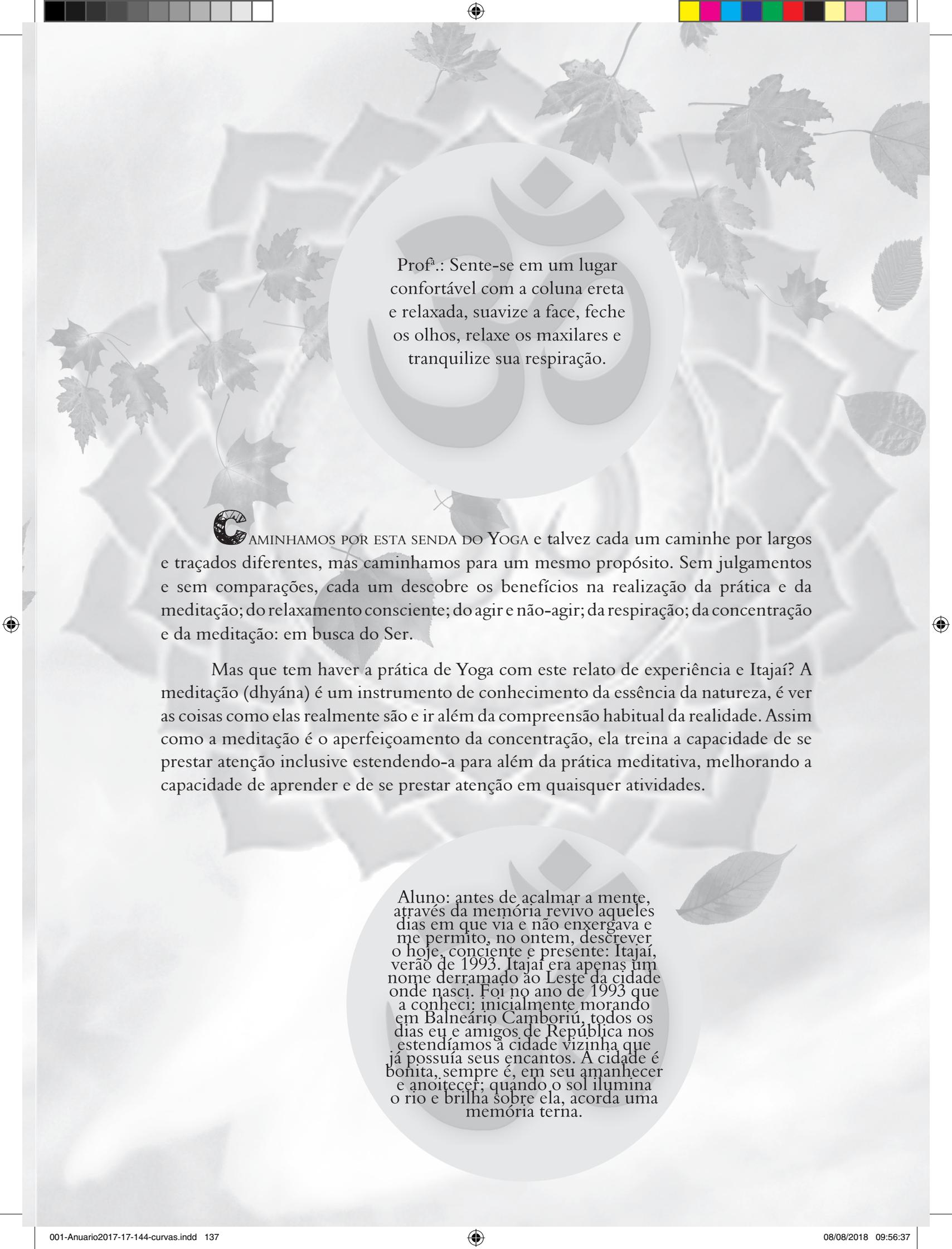


UM CAMINHO PARA A liberdade

Aline Jacques Varela - Profª. de Yoga
Rogério Lenzi - Aluno de Yoga

O que for a profundidade do teu Ser; Assim será o teu desejo. O que for o teu desejo; Assim será a tua vontade. O que for a tua vontade; Assim serão os teus atos. O que forem os teus atos; Assim será o teu destino.

- Brihadanyaka Upanishad



Prof^ª: Sente-se em um lugar confortável com a coluna ereta e relaxada, suavize a face, feche os olhos, relaxe os maxilares e tranquilize sua respiração.

CAMINHAMOS POR ESTA SENDA DO YOGA e talvez cada um caminhe por largos e traçados diferentes, mas caminhamos para um mesmo propósito. Sem julgamentos e sem comparações, cada um descobre os benefícios na realização da prática e da meditação; do relaxamento consciente; do agir e não-agir; da respiração; da concentração e da meditação: em busca do Ser.

Mas que tem haver a prática de Yoga com este relato de experiência e Itajaí? A meditação (dhyána) é um instrumento de conhecimento da essência da natureza, é ver as coisas como elas realmente são e ir além da compreensão habitual da realidade. Assim como a meditação é o aperfeiçoamento da concentração, ela treina a capacidade de se prestar atenção inclusive estendendo-a para além da prática meditativa, melhorando a capacidade de aprender e de se prestar atenção em quaisquer atividades.

Aluno: antes de acalmar a mente, através da memória revivo aqueles dias em que via e não enxergava e me permito, no ontem, descrever o hoje, conciente e presente: Itajaí, verão de 1993. Itajaí era apenas um nome derramado ao Leste da cidade onde nasci. Foi no ano de 1993 que a conheci; inicialmente morando em Balneário Camboriú, todos os dias eu e amigos de República nos estendíamos à cidade vizinha que já possuía seus encantos. A cidade é bonita, sempre é, em seu amanhecer e anoitecer; quando o sol ilumina o rio e brilha sobre ela, acorda uma memória terna.

Prof^ã.: Traga sua atenção para as abas das narinas e sinta o ar tocando-as à medida que entra e sai. Observe a sensação que acompanha cada respiração. Coloque-se como um vigia em um portão de uma cidade que observa aqueles que entram e saem, porém, só observe. Apenas observe sem julgamentos ou identificações.

Prof^ã.: À medida que sua observação se aprofunda, perceba que as sensações vêm, mas como elas vêm, elas vão e você não se identifica com elas. Os pensamentos vêm, reconheça-os e deixe-os ir. Assim como eles vêm, eles vão, sem apegos ou aversões. Apenas observe o ar que entra e sai...

Aluno: ... e quando atravessávamos o Morro Cortado em direção a Itajai, os garapuvus aßenavam em cortesia com sua expansão de flores e alegria muito embora hoje tenha mudado esse cenário... nada é permanente, a não ser a mudança. Era entre novembro e dezembro que nos bracejava essa luz e essa vida a nos dizer bom dia – uma fecundidade feliz da Mata Atlântica que nos sorria. Mas podíamos imaginar o vento Sul carregando as pétalas da inflorescência de cachos amarelos, grandes e vistosos com maciez terna e as depositando no leito desse grande rio.

A meditação é praticada na Índia há milênios e nos ensina a parar de pensar. Sua prática desperta experiências que estão além da explicação científica, da razão e dos pensamentos. Nos leva a grande jornada que é a descoberta de si próprio e nos conduz a própria Libertação.

Yoga é uma das seis escolas de filosofia (Darshána – sistema filosófico que explica a existência do ser humano e do Cosmo) do hinduísmo. A palavra deriva da raiz sânscrita, *yuj*, que significa “atar, jungir, atrelar”, significa também “união”, neste caso, a união da nossa alma individual com o Princípio Supremo. Segundo Pátañjali, Yoga é a “supressão da instabilidade da consciência”.

O Yoga é a busca do conhecimento do átman, de si mesmo, do Ser, aquilo que, no homem, é perfeito e imortal. Seu alcance está relacionado com a necessidade de auto-disciplina, auto-controle com o intuito de chegar à cessação de todos os processos da mente “pensante”, estado este que somente pode ser alcançado pela prática de disciplinas meditativas relacionadas ao Yoga. A Bhagavad-Gítá defende que para ser um yogi, não é necessário renunciar ao mundo, aos deveres humanos e à vida familiar e partir para uma vida de asceta mendicante. Ao contrário, a adesão à disciplina do Yoga pode estar implícita no próprio modo como a vida moral e social do indivíduo for conduzida.

O Yoga é um caminho que conduz o homem a compreender a si mesmo e que tem o poder de transformar a consciência humana numa consciência divina. Significa também libertar-se de condicionamentos e preconceitos. Na Bhagavad Gitá (II:50): “Yogah Karmashu Kaushalam” (Yoga é perfeição na ação). A plena atenção em toda ação.

Segundo Taimni (1992) através do Yoga, todas as verdades da vida interior, todos os profundos segredos da Natureza e do Universo e todas as realidades do Divino dentro do homem foram descobertos e demonstrados como fatos e frutos da experiência direta. Por isso a dificuldade de transmiti-las por meio de palavras, pois este conhecimento, esta técnica de auto-realização, implica na exploração de vários reinos internos da mente e da subconsciência por parte de cada indivíduo.

Desejamos buscar a verdade que nos liberta e ela está oculta dentro do coração, de cada ser humano, aguardando para ser por ele descoberta. Considerando que cada indivíduo é essencialmente Divino e destinado a se libertar das ilusões e limitações dos mundos inferiores, cabe a ele a atitude de decidir quando vai se esforçar para seguir neste caminho da libertação. A ausência de discernimento é que nos impede de resolvermos esta questão fundamental da vida, preferindo adiá-la ou tendendo a resolvê-la negligentemente, sem entregar-se de coração, nos impedindo de ver a vida despida de atrações e tentações e ilusões de toda espécie. Esta carência de pensar mais profundo ou a existência de uma vida superficial é o que nos leva a prosseguir com as mesmas experiências, passar pelas mesmas misérias, nos satisfazer vivendo dentro das mesmas limitações, a sacrificar a liberdade, a força, o conhecimento e a bem-aventurança que nos estão destinados mais cedo ou mais tarde.

O Yoga é um instrumento para libertar os seres humanos dessas grandes limitações e ilusões. Lembra-nos sempre que somos essencialmente divinos em sua natureza e somos livres para nos libertar das limitações quando assim desejarmos fazer.

Prof^ª.: Se houver identificação com algum pensamento, reconheça sua identificação e volte à percepção do ar na hora que entra e na hora que sai.

Aluno: E o rio é sempre uma prece entoada com o coração; os barcos e os navios na cruzada salobra da barra fazem a festa aos olhos de qualquer pessoa. E o som que as embarcações emitem para sinalizações de manobras ou alertas estampa os ares e nos alegra. Movimentos constantes e lentos seguindo, ao mesmo tempo, o ritmo do rio. Ora os navios parecem flutuar sobre as águas, criando pequenas marolas; ora os barcos de pesca parecem rasgar o rio, como se este fosse uma placa de argila e instigam gaivotas ao frenesi da parfilha; redes, peixes, aves e homens fundem-se ao nome: Itajai.

Esta ciência das ciências, o Yoga, não pode ser dominada em uma única vida, mas sim em uma sucessão de vidas de persistência e devotamento exclusivo aos seus ideais. A intensa busca de encontrar o Eu superior é algo incessante que exige muito mais que um simples desejo, exige uma vontade indomável e uma intensa concentração de propósitos capaz de dissolver quaisquer dificuldades que surjam no caminho do praticante: o karma, a ignorância, o egoísmo, o excessivo

Prof^a.: A percepção da respiração é o primeiro plano desta técnica de meditação. O segundo plano corresponde à transitoriedade de todas as coisas, pois assim como elas vêm, elas vão. Tudo vem e vai, assim como as nuvens do céu, as ondas do mar, Tudo é como é. A mente não se apega a nada, apenas observa as coisas como são. Mas a respiração se mantém presente...

apego à vida, todas essas fontes de angústia que acumulam nossas vivências aflitivas. Precisamos vencê-los para que seja possível interromper a corrente do karma, cortando o círculo vicioso dos impulsos subconscientes. Por isso buscamos eliminar toda escuridão que permeia nossa mente comum fazendo isso através da prática de concentração (Dhárana) e meditação (Dhyana).

Seguimos na senda e nosso desejo inerente é evoluir, e isto significa

Aluno: Seu pôr do sol é
belíssimo e sua luz é mais
explosiva: o tempo do dia é
a tarde que finda:... -----
..... Tarde; mais que tardia,
inicia-se na ida do presságio ...
----- em caudalosa vida,
foge ao tempo do que é cedo e
tarde, bem mais tarde, morre o
dia. ... ----- Eis a estrela
Vésper que se incendeia.
----- Eis a noite para o
repouso. É manhã neste novo
dia dito alvorecer.



Aluno: ... ----- ...

desenvolvimento que por sua vez significa transcendência que nos leva a meta final que é o Atman, ou a consciência suprema da Unidade em Deus; esta transcendência é atingida quando o grande objetivo final do Yoga acontece, Kaivalya, o grau mais alto de perfeição do Ser humano, a consumação da vida do yogin, o encontro da essência eterna do ser humano.

Vasto é o caminho a percorrer em busca de tantos questionamentos internos que envolvem o



Ser humano. Ir à busca do Ser vai além de um grande estudo, exige uma entrega, onde o mestre (física ou espiritualmente) revela seus segredos ao discípulo que se mostra digno de obtê-lo, pois muitos deste sagrado conhecimento não podem ser expressos em palavras, tamanha simplicidade desta forma de se expressar.

Este novo “estilo de vida” que se deseja seguir, a vida de um yogue, deve ser adotado primeiramente pelo coração e então assimilado pelas emoções e intelecto para que não se leve

Prof^ª.: Qualquer sensação pode surgir no corpo, qualquer pensamento pode aflorar na mente, mas tudo é apenas percebido sem apego ou aversão. As sensações surgem e desaparecem; os pensamentos vêm e vão.

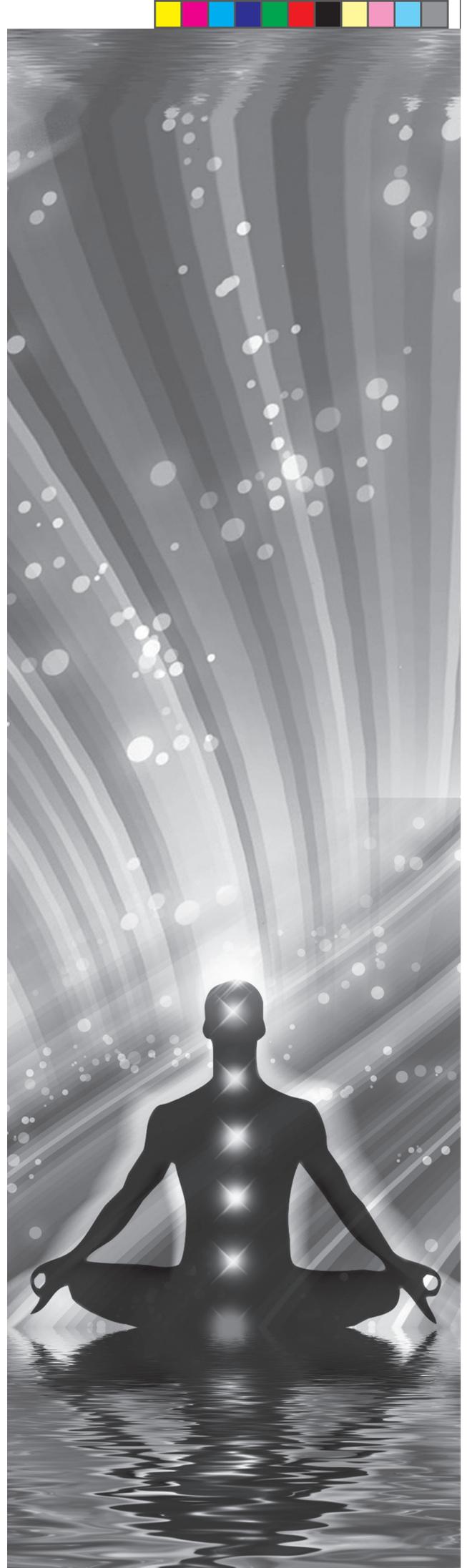
Prof^ª.: Na distração, apenas traga de volta a sensação nas abas das narinas ao ar que entra e toca e, quando sai, também toca. Retorne à consciência do vigia silencioso que tudo observa... e apenas observe a transitoriedade e a impermanência de todas as coisas neste mundo fenomênico.

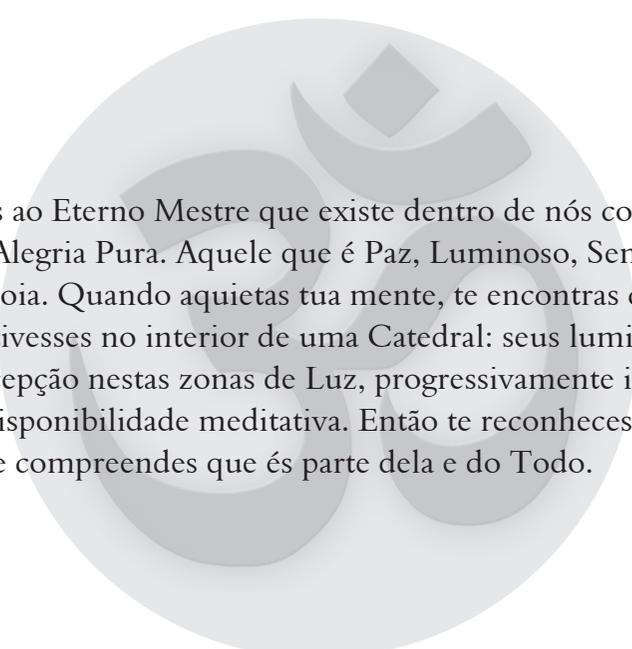
uma vida falsa levando o aspirante para o caminho contrário. Temos as armas: Viveka (discernimento) e Vairagya (desapego) para utilizarmos em nosso benefício, devemos usá-las durante nossa jornada até chegarmos à Kaivalya, onde já não mais precisaremos de armas, pois para quem atingiu a suspensão e compreensão da existência e a comunhão com o universo, tudo é miséria.

E com todas as vivências e experimentações ocidentais (de padrões culturais, de condutas sociais, de doutrinas políticas etc) talvez seja a hora, em pleno século XXI, darmos uma chance à Paz e voltarmos os olhos (e o Ser interior) ao que o Oriente pode ensinar: uma prática que visa, além da saúde e do bem estar, o autoconhecimento e autorrealização para se encontrar consigo mesmo onde você menos imagina que estaria: Uno ao Universo.

LEITURAS COMPLEMENTARES

- AZEVEDO, Cláudio. **A caminho no ser** – Uma visão Transpessoal da Psicologia no Yoga Sûtra de Patânjali. Fortaleza: Órion, 2007.
- BHASKARANANDA, Swami. **Meditação** – A mente e a Yoga de Patânjali. RIO DE JANEIRO: Lótus do Saber, 2005.
- COUSENS, Gabriel Dr. **A DIETA DO ARCO-ÍRIS** – Alimentação ideal para a harmonização corpo-espírito. RIO DE JANEIRO: Record, 1995.
- TAIMNI, I.K. **A Ciência do Yoga**. Brasília: Editora Teosófica, 2006.
- TAIMNI, I.K. **Preparação para a Yoga**. Brasília: Editora Teosófica, 1992.
- FEURSTEIN, Georg. **A Tradição do Yoga** – História, Literatura, Filosofia e Prática. São Paulo: Pensamento, 2006.
- GARDNER, Adelaide. **Meditação** – Um Estudo Prático. Brasília: Editora Teosófica, 1991.
- GOLEMAN, Daniel. **A mente meditativa** – As diferentes experiências meditativas no Oriente e no Ocidente. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- GHAROTE, Dr. M. L. **Técnicas de Yoga**. São Paulo: Phorte, 2007.
- KRISHNA. Bhagavad Gita: a sublime canção. Tradução e notas: Huberto Rohden - 3. ed. - São Paulo: Martin Claret, 2012.
- KUPFER, Pedro. **Guia de Meditação**. Florianópolis, 1999.
- KUPFER, Pedro. **Yoga Prático**. Florianópolis: Dharma, 2001.
- KUPFER, Pedro. **História do Yoga**. Florianópolis: Dharma, 2000.
- PACKER, MARIA LAURA GARCIA. **A senda do Yoga** – Filosofia, Prática e Terapêutica. Blumenau: Nova Letra, 2009.
- YENGAR, B.K.S. **A luz da Ioga**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1980.





Prof^ª.: Saudações ao Eterno Mestre que existe dentro de nós como Ser Puro, Consciência Pura, Alegria Pura. Aquele que é Paz, Luminoso, Sem Forma; aquele que sempre nos Apoia. Quando aquietas tua mente, te encontras contigo mesmo, como que se estivesses no interior de uma Catedral: seus luminosos vitrais favorecem uma percepção nestas zonas de Luz, progressivamente interiorizada para manter essa disponibilidade meditativa. Então te reconheces nessa Luz e compreendes que és parte dela e do Todo.





Fim do Anuário de Itajaí - 2017

Esta publicação foi composta nas fontes Aldine401 BT, corpo 12,3/entrelinhas 15,7, para textos; Aldine401 BT, corpo 10,8/entrelinhas 13,7, para citações; Aldine721 BT, corpo 18/entrelinhas 24, para títulos; e impresso em papel pólen soft 80 gramas para Fundação Genésio Miranda Lins no inverno de 2018 Itajaí - SC - Brasil





Foto: James de Paula



Foto: Claudio Ricardo





Foto: Guilherme Alípio

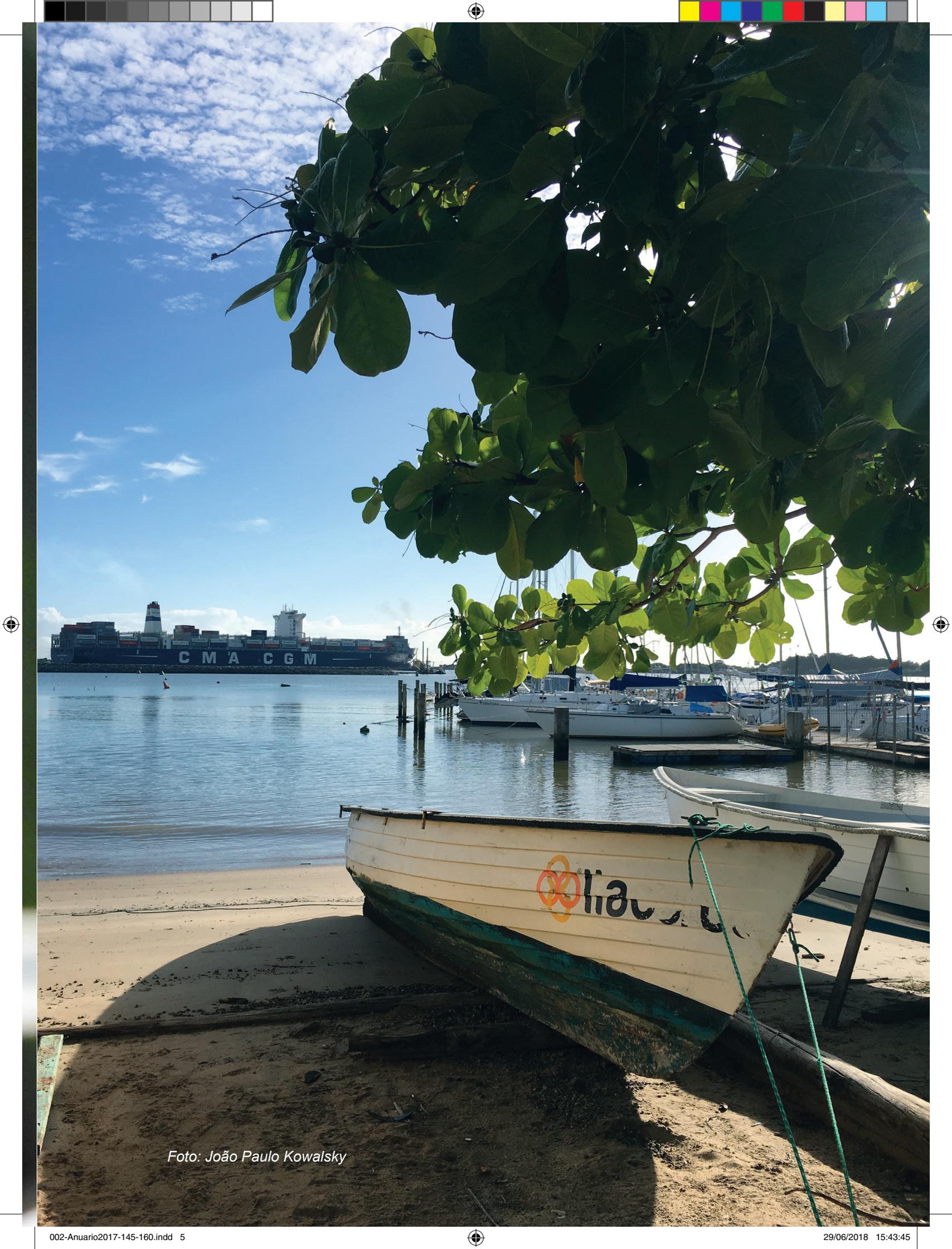


Foto: João Paulo Kowalsky

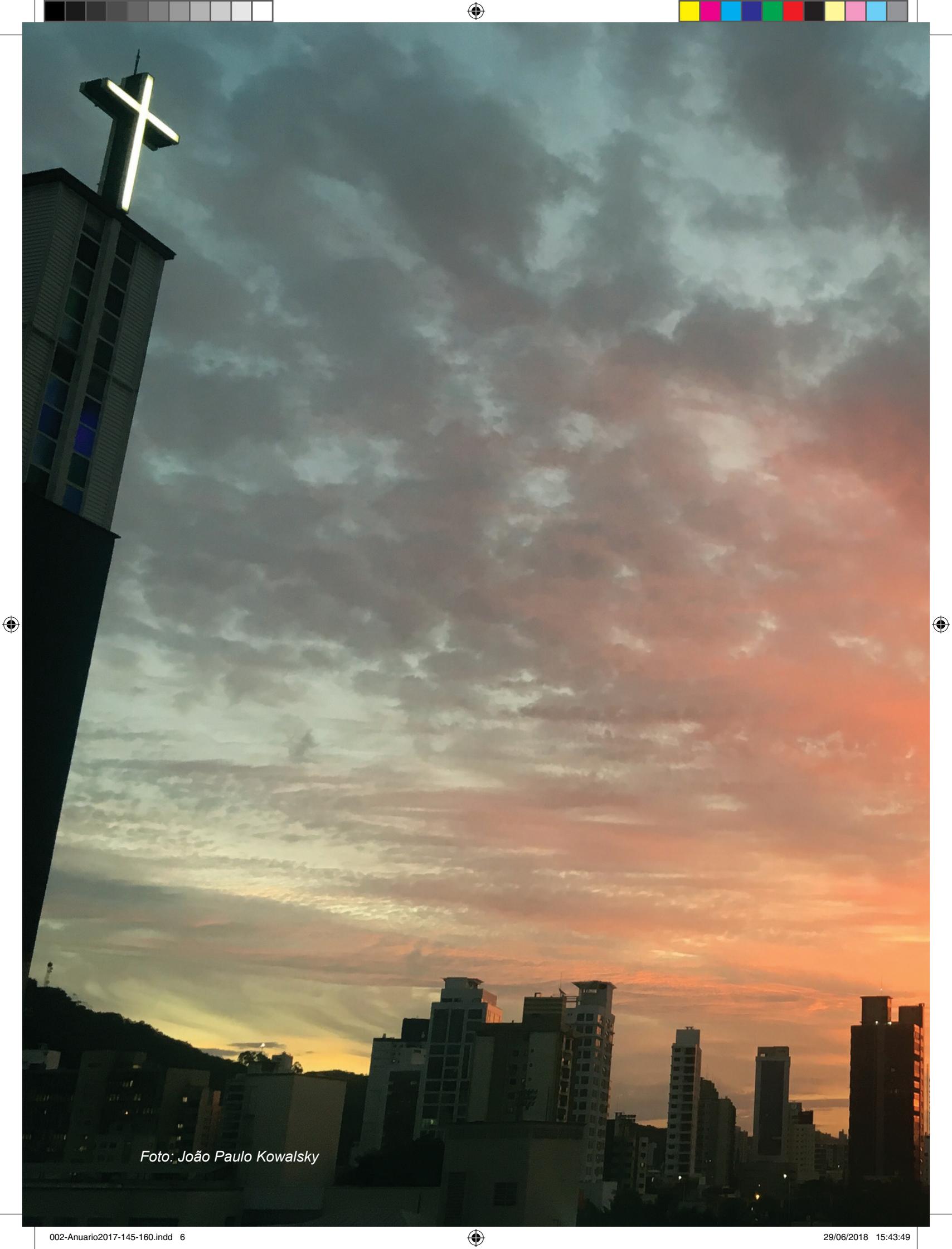
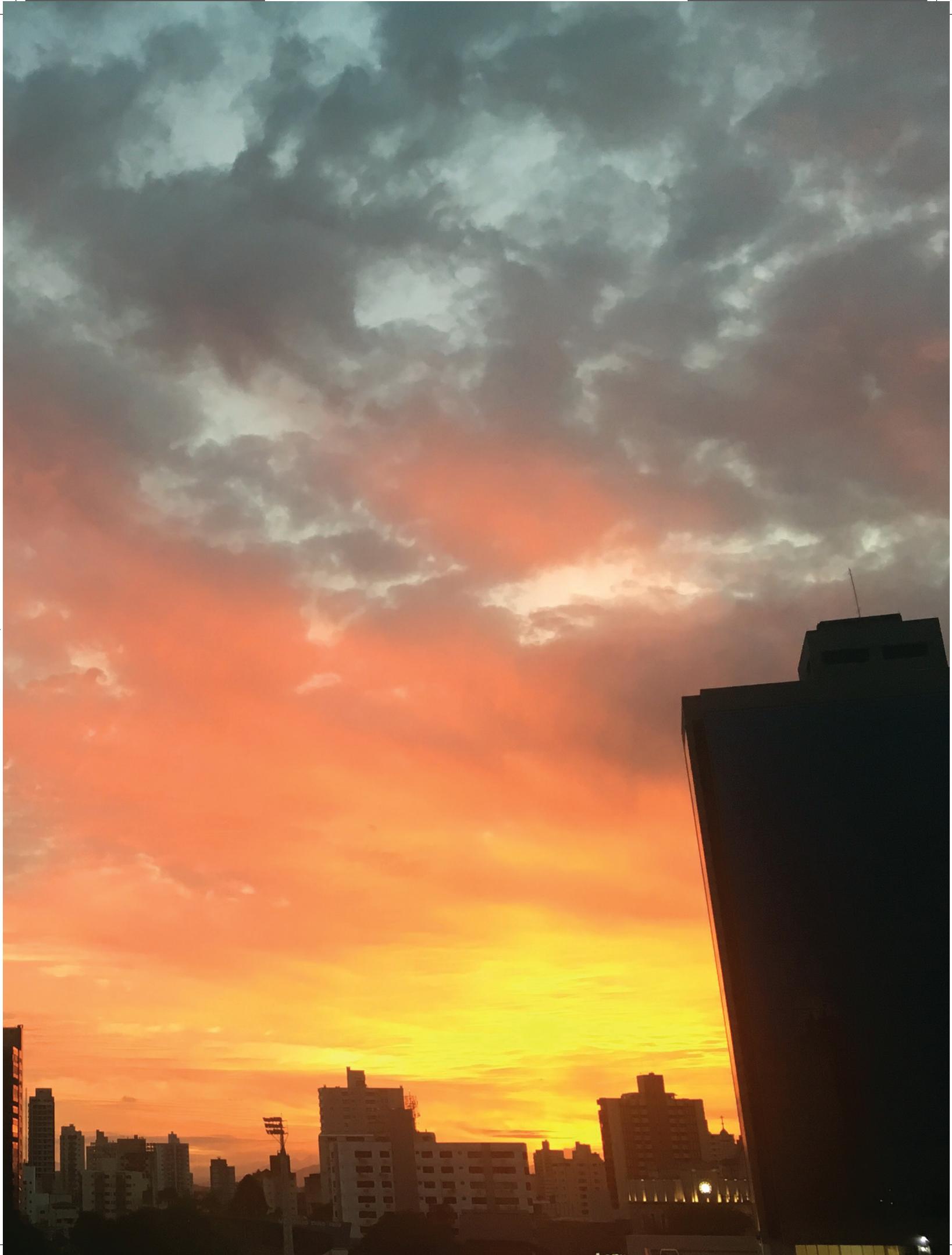
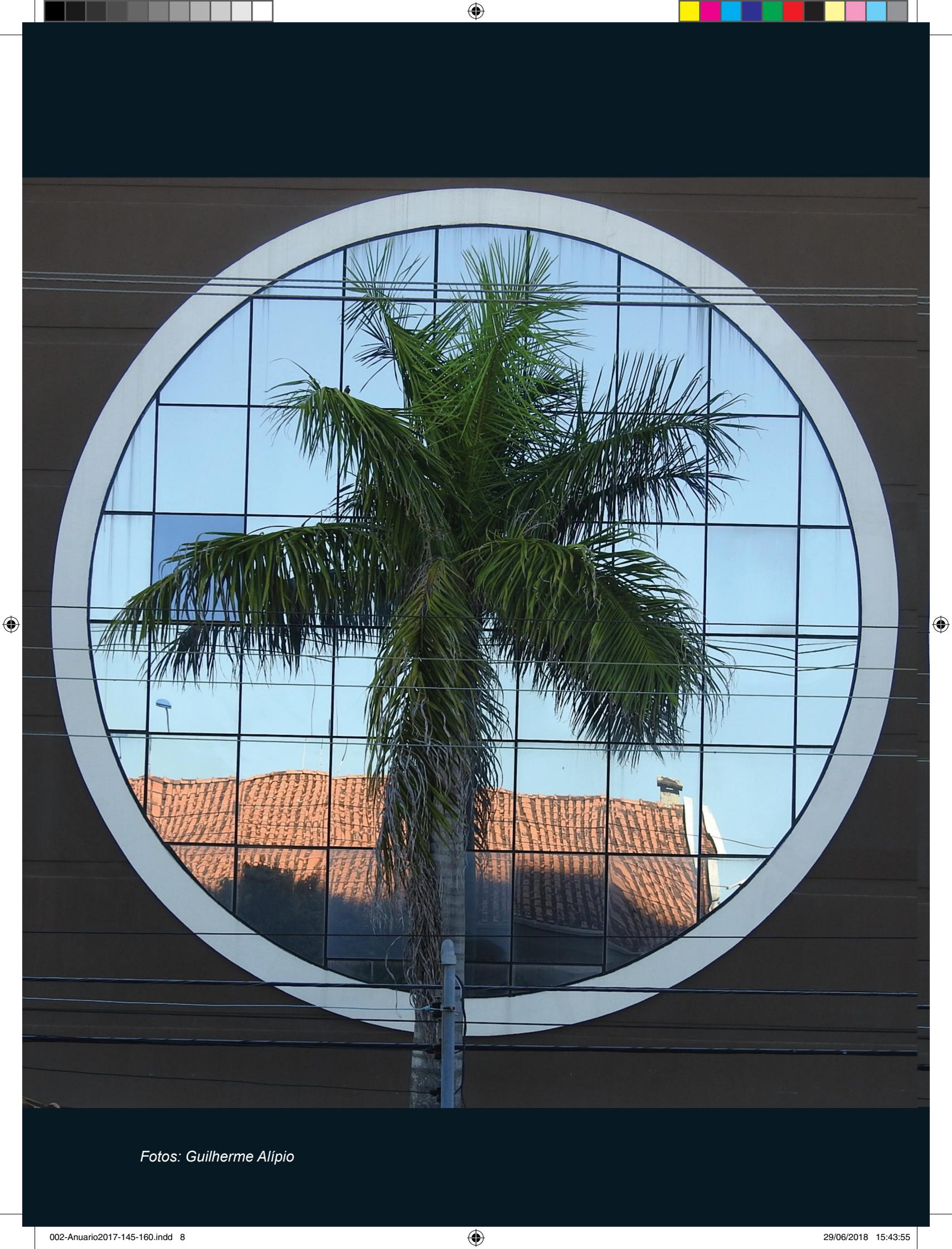
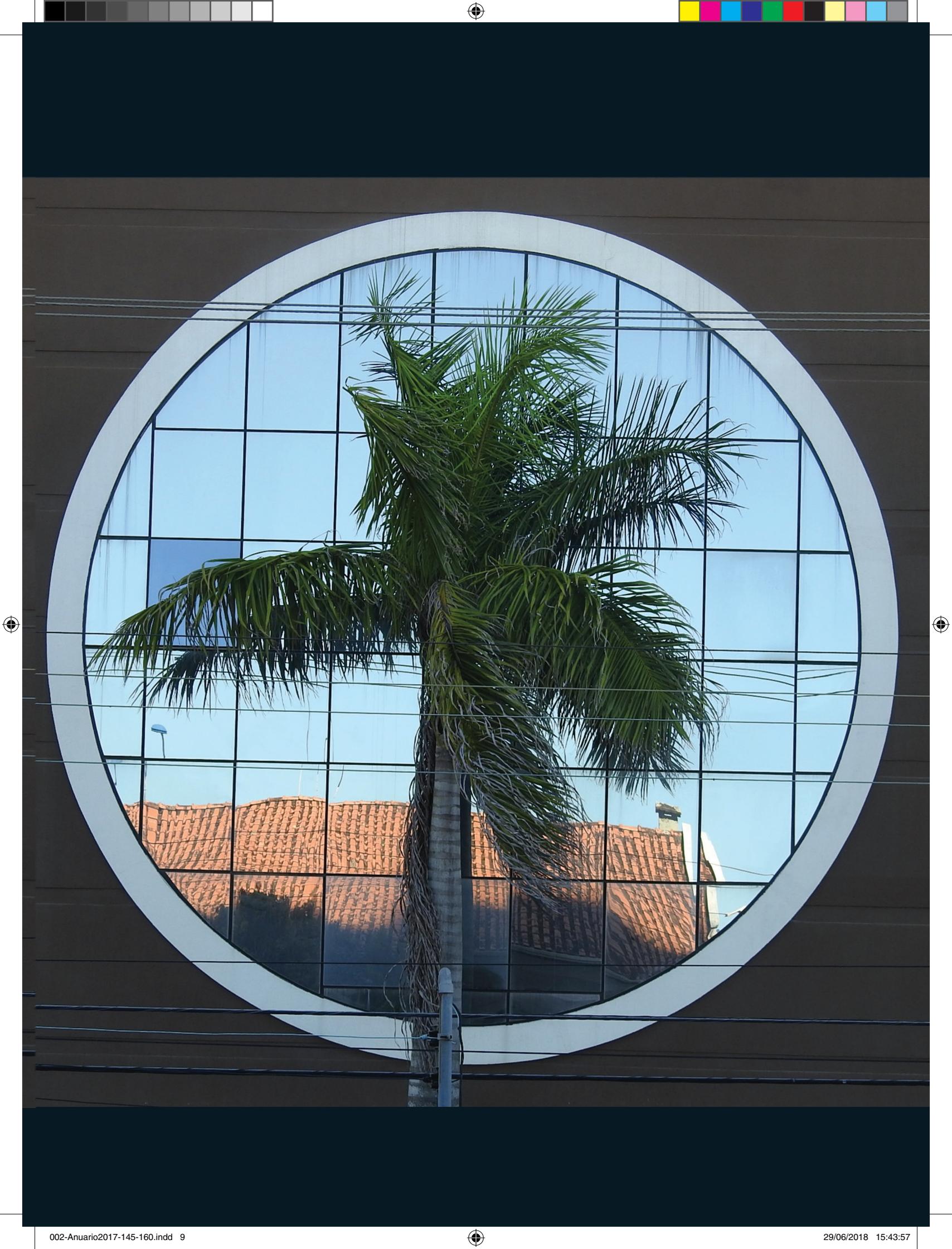


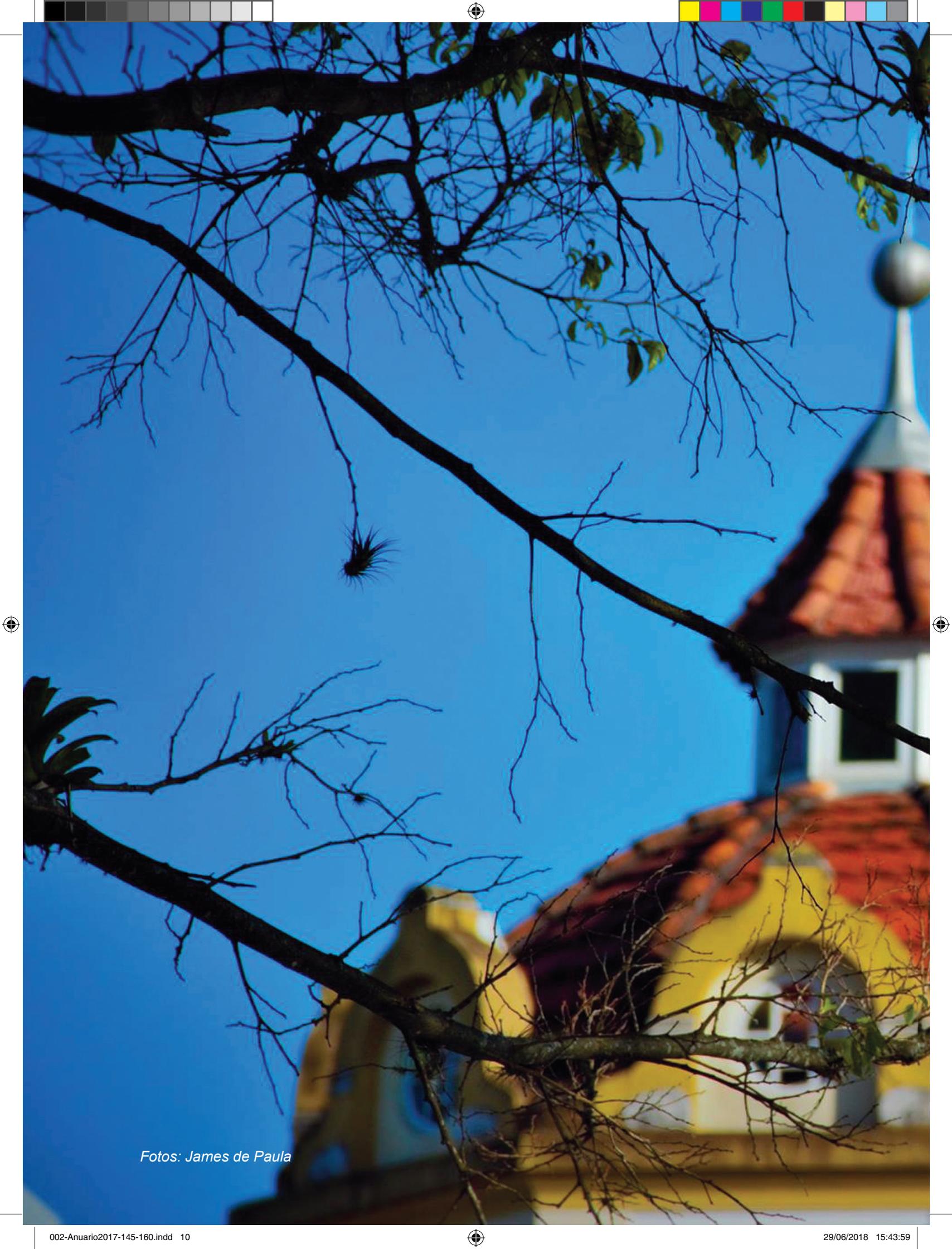
Foto: João Paulo Kowalsky





Fotos: Guilherme Alípio





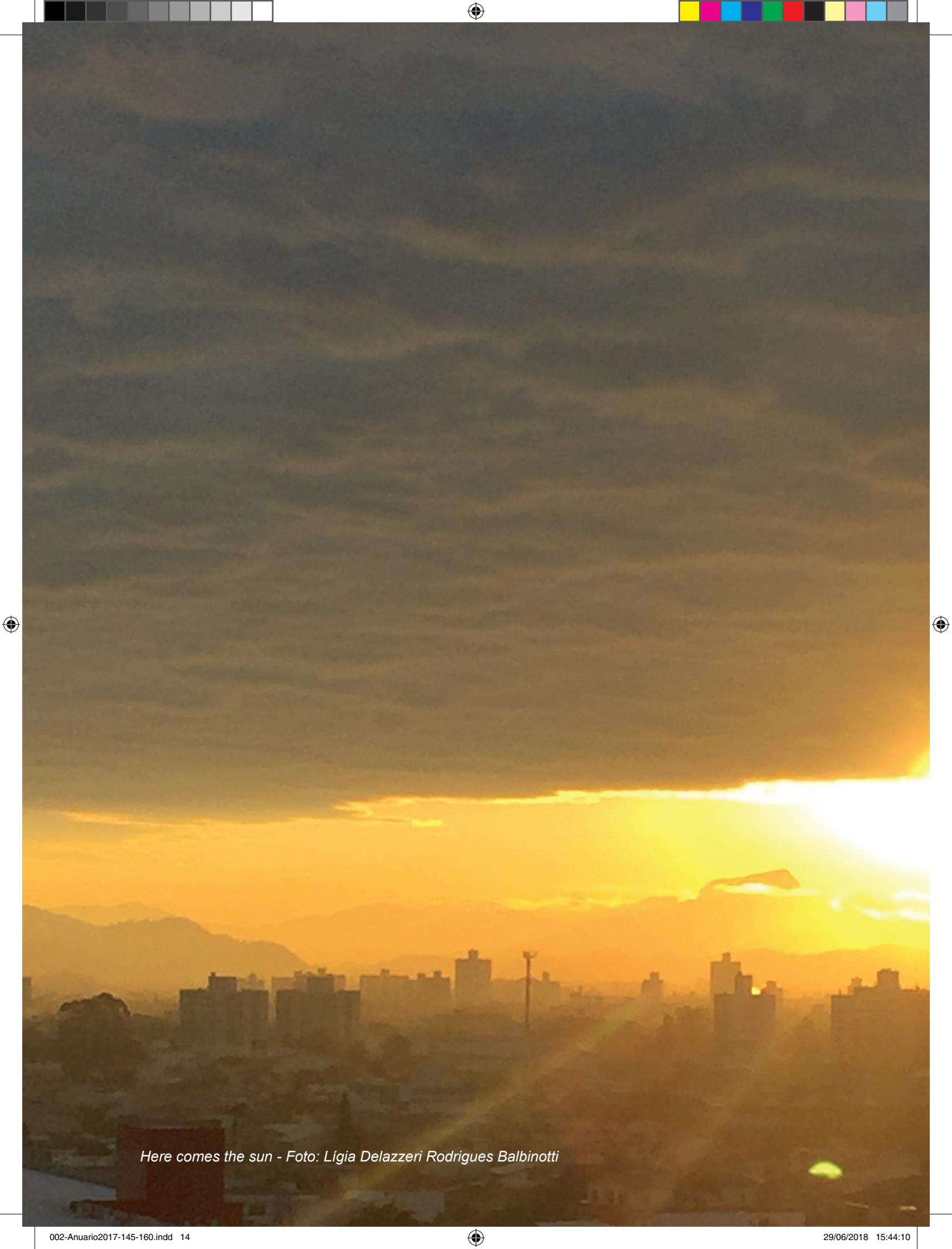
Fotos: James de Paula





Foto: James de Paula





Here comes the sun - Foto: Lígia Delazzeri Rodrigues Balbinotti

